



www.verdade.co.mz

MURAL DO POVO

"NO OFÍCIO DA VERDADE, É PROÍBIDO PÔR ALGEMAS NAS PALAVRAS" - CARLOS CARDOSO

MURAL DO POVO - Governo

Moçambicanos, porque o nosso Governo não nos considera? Eles nem se responsabilizam pelas nossas vidas, isto é, custa dizer aos médicos que não há dinheiro? Eles não dizem nada e é a vida do povo que está em jogo. Para eles isso não é nada. Somos algo quando precisam do nosso voto. Povo moçambicano, está na hora de decidir, este país é nosso, não tenham medo, este país é democrático e estamos livres de nos expressar.

MURAL DO POVO - União

Moçambique é para os moçambicanos. Juntando os nossos conhecimentos fazemos o melhor por este país. Não há diferença entre o Norte e o Sul.

MURAL DO POVO - Recenseamento

A julgar pela adesão dos jovens ao recenseamento creio que desta vez o cenário vai mudar neste país. Força jovens de Moçambique!!!

MURAL DO POVO - Educação

Na educação existe um negócio, agora as escolas estão mais preocupadas com valores monetários do que com um ensino de qualidade. "Socorro" alguém nos ajude!

MURAL DO POVO - Greves dos Médicos

Estamos comovidos com a situação que assola os moçambicanos. Os nossos irmos estão a morrer. Ontem presenciei a morte de um jovem que

se dirigiu ao hospital por três vezes e não foi atendido. Governantes, por favor, sejam exemplares.

MURAL DO POVO - Chissano

Embora com uma idade avançada, Chissano, temos saudades da tua governação. Não havia greves no pessoal da Saúde.

MURAL DO POVO - Será que temos Presidente?

Os médicos estão em greve. Nos hospitais não estamos a ser atendidos. Pedimos que aumentem o salário, muitos estão a morrer. Queremos respostas, por favor. Parece(-me) que não temos Presidente em Moçambique!



@TheRealWizzy: O governo esta maluco juro!
RT @verdademz:

Governo diz "não pode dialogar com ... <http://t.co/UX9MjQVK1p>



@denisetvrs: F.ck* RT" @verdademz: Adolescente detida por lançar o seu filho numa latrina em #Nampula <http://t.co/mELle7y7fM>"



@shirangano: Educação cívica para o recenseamento eleitoral em #Lichinga. @verdademz <http://t.co/GvVI0PMdOL>



@MrLiilJay1: @verdademz: Cidadão detido na posse de 500 quilos de soruma em #Tete <http://t.co/Osq6Uw9py> quilos? Awena tinha muito queijo esse



@AhadSamad: @verdademz guebuza foi a korea alem das boladas fez mais algo? Era bom se tivesse aprendido dançar "gangnam style"



@tomqueface: Internet e Redes Sociais: Ludmila Maguni, activista Moçambicana [@_Mwaa_ @gvlusofonia @verdademz @olhodocidadao](http://t.co/DRA2xj7PAR)



@valdomachaul: @verdademz kkkkk.. esses bombeiros nunca conseguiram nada. Eu e meus vizinhos com nossos baldes e bacias já teríamos posto fim nesse fogo.



@TheRealWizzy: #Incêndio da Nissan #Maputo #Moçambique até que em fim os bombeiros chegaram @verdademz <http://t.co/p9c34heZII>



@saritamoreira: o Xiconhoca da @verdademz tem um passado: <http://t.co/lftmnhm7mm> ironico que os criadores originais sejam hoje os mais rotulados



@djardiles717: @verdademz: Jogadores estrangeiros de futebol serão extraditados de #Moçambique <http://t.co/5A5Y62lzyj> faltam outros



@ToFragz: #Autarquicas2013 #posto de recenseamento da #filipesamuelmagaia sem toner... @DemocraciaMZ <http://t.co/qkW33DIAGP>

Seja o primeiro a saber. Receba as notícias d'@VERDADE no seu telemóvel. Envie uma SMS para o nº 8440404 com o texto: **Siga verdademz**



Cidadão baleado por não ter BI

Sociedade PÁGINA 06



Profissionais de Saúde mantém-se em greve

Democracia PÁGINA 10



Federação ignora basquete em Nampula

Desporto PÁGINA 26

Editorial

averdademz@gmail.com

Parabéns, Governo moçambicano!

Com o andar da carruagem, hoje parece que ninguém tem dúvidas de que os moçambicanos estão votados ao abandono pelo Governo de turno. O que antes nos parecia uma mera especulação, hoje pode-se afirmar, sem que a voz nos trema, que o Executivo de Guebuza, à guisa, tem uma grande oportunidade de entrar para a história desta suposta “Pátria de Heróis” como um bom exemplo de incompetência, fruto da mescla entre a negligência colectiva e a falta de carácter por parte de indivíduos a que o povo – ainda que ingenuamente – confiou o destino desta nação.

O Governo só não o fez antes porque estava demasiadamente ocupado. Os “nossos” dirigentes estavam ocupados a fazer duas coisas: a ganhar comissões nesta e naquela empresa e a conduzirem-nos à desgraça. O resultado desse trabalho diligente não podia ser melhor. E, como moçambicanos, só nos cabe agradecer: Estamos gratos por termos o pior índice de qualidade de vida. Agradecemos por ajudarem a pilhar os nossos recursos naturais e minerais. Agradecemos pelo facto de termos dirigentes conotados com esquemas de saque da nossa madeira. Agradecemos, também é importante, pelos empresários que surgem da noite para o dia porque partilham o mesmo apelido com este ou aquele dirigente. Agradecemos pelos antigos combatentes que têm menos de 35 anos, mas que entram pela porta grande na mesa que decide o nosso futuro. Agradecemos pelas estradas esburacadas e pela genuflexão que nos obrigam a fazer diante da passagem da Primeira-Dama.

Estamos gratos por não sermos um país auto-sustentável, apesar de dispormos de milhões de terra arável. Muito obrigado por possuímos défices notáveis nos produtos que Moçambique poderia produzir para o consumo interno e até ter excedente para exportar. Agradecemos por possuímos uma economia estagnada e sermos uma nação vulnerável aos choques externos. Agradecemos por nos darem o ProSavana e pela usurpação de terra aos camponeses. Agradecemos pelo plantio de árvores que reduzem, pelo consumo excessivo, os parques recursos hídricos que nos mantêm. Agradecemos pelas cheias que poderiam ser evitadas se antes de construírem uma ponte na Catembe pensassem numa barragem em Mapai.

Presentemente, preparamo-nos para agradecer pelo vosso descaso na área da Saúde. Ao invés de resolver o problema que afecta milhares de moçambicanos que não dispõem de condições financeiras para apanhar um jacto na calada da noite de modo a receber cuidados médicos no estrangeiro, o Governo, através da figura do seu porta-voz, prefere emitir esgares, usando os meios de comunicação ao seu dispor, numa mensagem que pode ser traduzida nas seguintes palavras: “O povo-parvo, marimbamo-nos para a vossa saúde. Lixem-se!”

Parabéns!



Boqueirão da Verdade

“Alguma vez tu ouviste alguém dizer que somos um país pobre quando se tratou de oferecer carros de luxo a todos os deputados da Assembleia da República? Ou quando se trata de pagar as despesas enormes do saltitar, em helicópteros, do Chefe do Estado de província em província? Ou quando se decidiu construir um estádio nacional, que nenhuma falta fazia, dado que é raríssimo conseguirmos encher o Estádio da Machava? Ou quando se decidiu realizar em Moçambique os Jogos Africanos? Será que, num país pobre, a Presidência da República precisaria do enorme edifício agora em construção, com heliporto incluído?”, **Machado da Graça**

“Considero positivo o facto de o Presidente Guebuza ter ido ao Hospital Central de Maputo confortar os doentes. Acto seguinte, na minha opinião, devia ser o convite para um diálogo sério com os profissionais da Saúde. Outro acto importante tem a ver com a necessidade de DEMITIR os ministros da Saúde, da Função Pública e o Sr. Vaquina... Estes são os principais responsáveis pela DESINFORMAÇÃO e pelas ameaças aos cidadãos em GREVE”, **José Belmiro**

“Numa altura em que a greve dos médicos vai na sua segunda semana, decorre a concessão patentes a agentes e oficiais da Polícia da República de Moçambique em quase todo o país. Isto tem implicações orçamentais. Nova patente equivale a um incremento salarial acrescido ao salário base e um conjunto de regalias, sem prejuízo à classe e categoria da carreira já amealhados”, **Egídio Guilherme Vaz Raposo**

“Conseguimos o resultado que queríamos mediante o trabalho que vem sendo feito como um País! Estamos todos de parabéns pela vergonha. Estamos de parabéns porque confirmámos o estatuto de equívoco desportivo que somos, tal como estamos de parabéns porque tivemos a humildade de deixar os países organizados seguirem em frente! Estamos, acima de tudo, de parabéns porque, mais uma vez, tivemos a honra que levantar, perante o mundo, o troféu da mediocridade. Estamos definitivamente de parabéns!”, **Matias de Jesus Júnior**

“A chefe da bancada da Frelimo, Margarida Talapa costuma dizer no Parlamento que “o povo está connosco”! Eu sinceramente gostaria de conhecer esse povo! Onde vive? De que se alimenta? E o que faz?”, **Idem**

“Os últimos acontecimentos que tiveram lugar na Organização da Juventude Moçambicana (OJM), por sinal o braço juvenil da Frelimo, o partido no poder, abrem espaço para várias interpretações, mas para uma só certeza: a direcção do partido Frelimo quer que a OJM se comporte como um fórum rural de terceira idade. Para os jovens da própria Frelimo, esta certeza pode até ser dura, mas o roteiro e a

atmosfera estão preparados para que o apocalipse aconteça. E a realidade está ali nua e crua. () Não se pode ter, nem perspectivar um País com uma juventude alienada e em contrabando da sua própria consciência e valores. É preciso que a juventude da Frelimo pense para além de Guebuza e Paunde! É preciso que pense nela própria e no seu futuro! Porque, a continuar como está, é o prenúncio de uma longa marcha ao suicídio de uma geração”, **Ibibem**

“Guebuza continua a contornar a solução do problema enquanto a situação dos doentes vai cada vez de mal a pior, contrariamente do que dizem directores e comentadores do politicamente correcto e jornalistas lambe-botas do regime”, **Edwin Hounnou**

“Guebuza deveria abandonar o ilusionismo e partir para a resolução efectiva do problema. Há muito dinheiro que o Governo não colecta aos megaprojectos que exploram os nossos recursos. Moçambique, piorou em relação ao tempo colonial, virou um mero exportador de matéria-prima para alimentar as indústrias de outros países, com o beneplácito de quem faz do país sua coutada. Depois disso tudo, o discurso de auto-estima perde o seu conteúdo”, **Idem**

“A carta dos médicos, e as assinaturas “históricas” que leva, encerra muita coisa. Ela, por si só, já mostra a segunda vitória da greve dos médicos... Hoje sinto muita pena do Presidente Guebuza. Apete-me consolá-lo e aconselhá-lo a sair antes de 2014”, **Luís Nhanchote**

“Algumas pessoas tentaram incitar a juventude a grandes manifestações, jovens com certas frustrações, que não tiveram sucesso durante a sua vida escolar e académica e não conseguiram uma boa inserção no mundo do emprego. A verdade é que esse objectivo de perturbar a ordem estabelecida não pegou. Não quer dizer que não haja focos, de vez em quando, pequenos grupos de jovens que se organizam para realizar manifestações, particularmente em Luanda, mas nunca reuniram mais de 300 pessoas. Não temos, pelo menos na minha percepção, assim à vista, qualquer risco de instabilidade social neste momento”, **José Eduardo dos Santos**

“Quando soube que a Isabel dos Santos era a mulher mais rica de África fiquei envergonhado. Como pode uma mulher de 40 anos de idade ser tão rica? Não digo que os filhos do Presidente da República ou o próprio Presidente não podem ser ricos, tem de ter limites”, **Marcolino Moco**

“Se eles (camponeses) tivessem mesmo escrito, eu haveria de dizer que o analfabetismo já acabou em Moçambique. Mas os nossos camponeses ainda são analfabetos para fazer uma carta tão perfeita como aquela. Alguém fez por eles e não sei porquê...”, **Paulo Zucula**

OBITUÁRIO:

Iain Banks
1954 – 2013
59 anos



Iain Banks, de 59 anos de idade, morreu no domingo vítima de cancro da vesícula biliar. Em Abril, o autor de The Wasp Factory ou The Crow Road anunciou que a doença era terminal. Dizia que podia viver até um ano, mas afinal durou apenas mais dois meses.

Quando em Abril Iain Banks, considerado em 2008 pelo jornal The Times como um dos 50 melhores escritores britânicos desde 1945, falou da sua doença, fez saber que todos os seus compromissos públicos seriam cancelados, para que pudesse não só aproveitar o tempo para estar com a família, como para acabar o livro que estava a escrever.

“Parece que The Quarry será o meu último livro”, escreveu então em comunicado o escocês, que se estreou na literatura em 1984 com The Wasp Factor, livro que mais tarde, em 1997, foi incluído no top, feito pela livraria Waterstones e o Channel 4, das 100 melhores obras do século XX.

A notícia da morte do escritor foi anunciada no domingo pela sua editora, a Little, Brown que, numa nota, escreveu que Banks, “um dos escritores mais amados do país” era “uma parte insubstituível do mundo literário”.

“A capacidade de Iain Banks combinar a mais fértil das imaginações com a sua própria marca altamente distintiva do humor gótico tornou-o único”, continua a nota, explicando que o escritor ainda conseguiu ver as cópias finais da sua última obra, que chega às livrarias britânicas no dia 20 deste mês. The Quarry fala exactamente sobre a angústia de se viver com um cancro terminal, descrevendo as últimas semanas de vida de um homem na casa dos 40.

O escritor estreou em 1984 com o livro “The Wasp Factor”, e em 2008 foi incluído pelo jornal britânico “The Times” numa lista dos 50 maiores autores britânicos da geração pós-Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Iain Banks venceu duas vezes o prémio British Science Fiction Association com Feersum Endjin (1994) e Excession (1996).

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

1. Paulo Zucula

O ministro dos Transportes e Comunicação foi ao Japão para insultar os moçambicanos. Paulo Zucula perdeu uma monumental oportunidade de ficar calado. Afirmou, para quem quis ouvi-lo, que os camponeses são analfabetos. Ou seja, não sabem escrever e foram manipulados por uma mão externa. Só quem não conhece a União Nacional dos Camponeses pode reduzir um grupo de pessoas a tanto. É mesmo por ignorância que Zucula diz isso. Para que todos vejam, é bom transcrever o insulto que lhe garante, esta semana, o título de Xiconhoca-mor: “Se eles (camponeses) tivessem mesmo escrito, eu haveria de dizer que o analfabetismo já acabou em Moçambique. Mas os nossos camponeses ainda são analfabetos para fazer uma carta tão perfeita como aquela. Alguém fez por eles e não sei porquê”.

2. Gert Engels

Este é um Xiconhoca que se pode compreender porque o futebol é um desporto que mexe com massas. E como o futebol é paixão, torna-se natural que os alvos a abater sejam os mais visíveis. Contudo, existem Xiconhocas bem maiores do que Gert Engels. O timoneiro da Federação Moçambicana de Futebol é um dos Xiconhocas que merecem maior protagonismo nesta derrota humilhante. Faizal é Xiconhoca porque nunca apresentou uma ideia para tirar o futebol do marasmo. E Gert Engels é Xiconhoca exactamente por aceitar liderar o futebol de um país onde não é possível desenvolver seja o que for. Gert até pode ser um autêntico incompetente, mas é complicado destrinçar a sua quota de culpa num futebol que não produz talentos.

3. Polícia

Quando um indivíduo que deve fazer cumprir a lei desrespeita a farda que veste, há muito pouco para dizer. O agente, nos tempos que correm, deixou de merecer o respeito do cidadão. Chegou ao Jornal @Verdade, por intermédio dos nossos leitores, a imagem de um Xiconhoca de farda numa motorizada de quatro rodas em contra-mão. Outro agente Xiconhoca deteve uma enfermeira pelo facto de um paciente ter morrido. Os postos de recenseamento também sofrem com a acção destes Xiconhocas de farda. Os nossos leitores dizem que é mais segura a companhia de um foragido da lei do que de um polícia. A diferença é que já sabemos o que esperar de um larápio, mas de um agente da lei e ordem podemos esperar tudo e mais alguma coisa.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 821111, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 28B9A117) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.



Xiconhoquices

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

1. Organização da Juventude da Frelimo

A eleição da farsa que periga a democracia. No reino das Xiconhoquices. Aliás, no partido Frelimo. Lá onde os membros gritam no Facebook que o debate existe intra-muros a democracia foi trucidada. Mas não foi só Basílio Muhate que caiu por razões que todos desconhecem. A secretária-geral da Organização da Mulher Moçambicana (OMM) também teve de abdicar do seu cargo. Há pessoas que sugerem que estas organizações mudem de nome, uma vez que não representam, nem de longe, a vontade dos jovens e das mulheres.

A Organização da Juventude Moçambicana deveria ser extinta para dar lugar à Organização da Juventude da Frelimo. Seria bem mais justo e essas demissões provocadas pela vontade de velhos caducos não seriam objecto de debate. Contudo, os jovens da Frelimo são responsáveis pela sua inexistente força. São responsáveis porque sempre pautaram pela bajulação e pela domesticação do discurso. Quando idosos desrespeitam jovens sem que eles façam uma tempestade temos de estar cientes de que estamos diante de uma juventude amordaçada e que desconhece outro caminho que não seja o da submissão.

A OMM devia dar lugar a qualquer coisa como Organização de Escravos da Frelimo. O seu comportamento e submissão actual justificam. Sabemos, contudo, que surgiram os defensores do regime a falar de assuntos internos e quejandos, mas isso não é nenhum impedimento para descortinar a podridão dessas decisões e o perigo que elas representam para a liberdade de organizações que deviam, ainda que partidárias, ser regidas pela vontade dos seus membros efectivos.

2. Governo que finge dialogar com Renamo e Profissionais da Saúde

Mais uma Xiconhoquice de um Governo que continua a arrastar uma crise com a barriga. A força dos médicos, neste braço-de-ferro com o Governo, é inquestionável e a cada dia ganha maior fulgor. Portanto, quando Alberto Nkutu-mula diz que estes poderão sofrer sanções salariais e processos disciplinares devido às faltas acumuladas durante os sucessivos dias de paralisação das suas actividades e que a greve é ilegal revela o desnorte do Executivo de Armando Guebuza.

Os médicos fazem tempo que ultrapassaram a barreira do medo. Isso ficou para trás e só o Governo é que não percebeu. Essa estratégia de esticar a corda só fun-

ciona com a Renamo. O diálogo com os homens do partido de Afonso Dhlakama continua a ser arrastado. Talvez pelo sucesso no entretenimento a que submetem o pessoal da Renamo acreditam que vão vencer os médicos pelo cansaço e com ameaças de cortes salariais.

Portanto, manter uma posição negativa em relação à presença da Comissão dos Profissionais da Saúde Unidos (CPSU) no diálogo entre o Governo e a Associação Médica de Moçambique (AMM) é ridículo. O Governo entende que a CPSU é inexistente e que, portanto, não deve participar nas conversações.

Segundo Nkutumula, o Executivo, “não pode dialogar com fantasmas”, a acontecer (o diálogo), seria ir contra as regras que o mesmo Executivo estabeleceu. O interlocutor explicou que aceitar dialogar com uma entidade “inexistente”, tal é o caso da CPSU, seria abrir um caminho sem precedentes para que, futuramente, surjam outras comissões a exigir o mesmo direito.

Mas se os homens da CPSU são fantasmas alguém deve estar a prestar assistência médica aos moçambicanos.

3. Acidentes de viação

Pelo menos cinquenta pessoas perderam a vida e outras 78 contraíram feri-

mentos, na sua maioria em estado grave, vítimas de 47 acidentes de viação registados semana finda em Moçambique. É grave a responsabilidade, em grande parte, dos automobilistas. É certo que as nossas estradas são construídas por Xiconhocas, mas não é menos verdade que um número considerável de acidentes de viação é causado pelas nossas Xiconhoquices enquanto automobilistas.

O porta-voz do comando geral da Polícia moçambicana (PRM), Pedro Cossa, que revelou o facto, terça-feira, à imprensa, em Maputo, explicou que o excesso de velocidade, o corte de prioridade, bem como a deficiência mecânica de algumas das viaturas foram as principais causas dos acidentes. Aqui também estamos diante de uma Xiconhoquice. O porta-voz do comando geral tenta atribuir total responsabilidade ao automobilista. O que não corresponde, de todo, à verdade. O estado das vias de acesso também contribui e não perde nada o bom do Pedro Cossa se assumir que alguns acidentes foram causados por isso.

“Registaram-se 13 acidentes causados pelo excesso de velocidade, dois por corte de prioridade e igual número por deficiência mecânica”, disse Cossa. Essa explicação das Xiconhoquices nas nossas estradas está incompleta.

Queda de poste das TDM fere gravemente uma criança em Mavalane

Desde o dia 24 de Maio passado, Sheila Macarala, de oito anos de idade, residente no bairro de Mavalane "A", na cidade de Maputo, corre o risco de não voltar a ser uma criança normal, devido a uma lesão grave causada pela queda de um poste da empresa Telecomunicações de Moçambique (TDM), numa altura em que estava a entrar no quintal da sua casa. O incidente deu-se na ausência da mãe, tendo uma vizinha socorrido a petiza e evitado a sua morte, porém, está com dificuldades de se alimentar, e perdeu parcialmente a audição, a visão e a fala. Em consequência desse acidente, a vítima está impedida de continuar a estudar e deverá passar por algumas cirurgias, uma vez que o seu ombro direito e os maxilares sofreram bastante.

Texto: Coutinho Macanandze • Foto: Miguel Manguzeu



Na capital do país, sobretudo nas áreas residenciais, há inúmeros postes de transporte de energia eléctrica e de cabos de telecomunicações que, por causa da sua degradação e parente a demora das firmas a que pertencem em substituí-los, constituem um verdadeiro perigo para os transeuntes e/ou aqueles cujas residências se encontram nas suas imediações. Esse era o caso da estaca que se mantinha a prumo no solo defronte do domicílio de Sheila.

A progenitora da menina, Mafalda José, de 42 anos de idade, é uma viúva que mora numa casa em precárias condições e se queixa de ter sido abandonada pela sorte. Antes do incidente, a sua vida já era um suplício porque, para além de não ter fundos para reerguer a sua habitação – neste momento a ruir aos bocados – feita de uma mistura de caniço, pedaços de lonas e plásticos, metades



de chapas de zinco enferrujadas – tão-pouco consegue garantir o sustento da sua família com os rendimentos obtidos da venda de bolachas e de pipocas numa banca móvel que todas as manhãs monta na rua.

Com os olhos reluzentes de comoção e dor, a mãe da Sheila disse ao @Verdade que agradece ao Todo-Poderoso pelo facto de a sua filha ter escapado da morte e não sabe como agradecer à vizinha, Olinda Siteo, pela rápida intervenção ao retirar o obstáculo que se encontrava sobre a vítima.

Mafalda contou-nos, também, que ficou desesperada quando recebeu a notícia de que a descendente havia sido ferida por um poste das TDM. A sua angústia foi maior no momento em que viu sangue a escorrer intensamente da cabeça da petiza. Nessa altura, a miúda foi levada para o Hospital Geral de Mavalane mas, devido à gravidade das lesões contraídas, teve de ser transferida para o Hospital Central de Maputo, onde ficou duas semanas internada numa enfermaria de cirurgia e submetida a várias observações médicas. Os terapeutas chegaram a dizer que o quadro clínico da enferma era alarmante, o que deixou a mulher cada vez mais apreensiva e a suplicar, dias e noites, pela vida da menor.

“Orei bastante e as coisas foram dando certo. A empresa TDM criou condições para um tratamento condigno na unidade sanitária, apesar de nesta fase de recuperação ter vindo apenas uma vez visitar a família. Disponibilizou também transporte para levar a menina aos exames de controlo sempre que for necessário, mas ainda continuo preocupada porque não prestaram nenhuma ajuda alimentar à doente”, desabafou a nossa entrevistada.

Sheila teve alta e voltou ao convívio familiar mas continua sem comer normalmente porque os seus maxilares se movimentam a muito custo devido às lesões. Por enquanto, ela está condenada a dormir só do lado esquerdo porque se queixa de dores intensas em quase todo o corpo.

Segundo os terapeutas, a criança ainda precisa de uma assistência médica especializada para reduzir a gravidade das limitações físicas que podem impedir o exercício de uma parte significativas das suas funções. “Serão necessárias intervenções cirúrgicas no ombro direito, nos olhos e nos ouvidos”. Contudo, apesar desse tormento, a miúda está a recuperar paulatinamente as suas habilidades físicas, mas vai precisar de muito tempo para exercer algumas actividades sem se esforçar bastante.

Por sua vez, Mafalda disse-nos que a criança, que já não vê devidamente, sobretudo as coisas que se encontram distante dela, tem enfrentado um grande sofrimento para reconhecer as pessoas e não pronuncia nem articula as palavras como outrora, “o que me obriga a fazer um esforço para perceber o que a minha filha diz. Perante essas dificuldades, ela tem preferido permanecer muito tempo calada e isolada, principalmente quando as irmãs não estão por perto”.

Sheila frequenta a 3ª classe na Escola Primária Completa Unidade 11. Ela tem vontade voltar a à escola, mas não há condições para o efeito porque não consegue compreender as coisas a um ritmo de uma criança normal, por isso, “penso que teria muitas dificuldades para assimilar a matéria”.

Mafalda considerou que, olhando para as limitações físicas e psicológicas que apoquentam a sua filha, é urgente que as TDM encontrem formas de enquadrá-la num estabelecimento de ensino especial.

Um novo internamento

A vítima da queda do poste das TDM voltou, no dia 10 de Junho corrente, ao Hospital Central de Maputo com a intenção de fazer alguns exames, porém, foi surpreendida com a notícia de que as anomalias no seu ombro direito, nas maxilas e nos olhos carecem de uma intervenção cirúrgica.

“Pensava que fosse ao hospital apenas para fazer um controlo de rotina, mas o doutor disse que o quadro clínico da Sheila ainda é preocupante e, por isso, deve ser novamente internada para ser submetida a uma pequena cirurgia e colocado um gesso no ombro”, disse a mãe, entristecida.

Jurista comenta a ocorrência

O advogado José Caldeira disse ao @Verdade que, caso se comprove que a queda do poste foi negligenciada pelo proprietário (a empresa TDM), a família da criança acidentada terá direito a uma compensação, que compreende, numa primeira fase, assistência médica permanente e, se possível, psicológica. Posteriormente, a recompensa pelos danos causados à menina podem ser em dinheiro. Esta última forma de ressarcimento só poderá ser disponibilizada se os parentes quantificarem os danos causados pelo incidente, apresentando como comprovativo uma avaliação médica completa que contenha todas as consequências resultantes do acontecimento.

Nesse contexto, se houver confirmação de que Sheila contraiu limitações físicas, dificuldades de fala, de visão e de audição a partir do acidente em causa, os progenitores poderão definir com exatidão as necessidades da criança e os respectivos valores de indemnização, bem como outros benefícios inerentes ao processo.

Relativamente ao tratamento hospitalar, Caldeira sublinhou que, em certas ocasiões, o responsável pelo acidente é obrigado a contratar um assistente médico, psicológico, dentre outros agentes de Saúde para assegurar uma rápida reabilitação ou readaptação da vítima, dependendo da gravidade das lesões contraídas.

Madrasta enterra enteada viva

A convivência entre uma madrasta e os enteados nunca foi bem vista na sociedade devido a problemas tais como os que se passaram com Hosmen Fernando Pinto, de cinco anos de idade. Na manhã do dia 30 de Maio passado, a criança escapou da morte depois de ter sido enterrada viva na sua residência, no bairro de Muahivire-Expansão, quarteirão 18, na cidade de Nampula, pela companheira do seu pai, identificada pelo nome de Fátima Selemane. Esta assumiu o acto mas negou que a sua intenção fosse tirar a vida da menina, afirmando que pretendia apenas intimidá-la para que deixasse de defecar na cama quando estivesse a dormir.

Texto & Foto: Nelson Miguel

Alguns psicoterapeutas asseguram que uma madrasta foi sempre vista de forma pejorativa e preconceituosa perante a sociedade e a sua figura é, muitas vezes, encarada pelos filhos e pelos parentes do marido como uma ameaça na família. Foi desta forma que Saquina Eputhulo, avó materna da miúda, caracterizou Fátima, que, a partir do momento em que recorreu a formas não recomendáveis para educar Hosmen, passou a ser malvista na sua zona.

A indiciada atou as pernas da menina, os braços, envolveu-a num pano, de seguida numa esteira e atirou-a numa cova como se fosse lixo, o que na interpretação dos vizinhos demonstra uma acção premeditada de assassinato por parte de quem não tem instinto maternal.

Na altura em que a menor estava a ser maltratada, uma outra criança, por sinal de uma casa próxima, estava a acompanhar o que se passava e, quando se apercebeu de que a sua amiga corria perigo, alertou os mais velhos. Enquanto alguns iam socorrer Hosmen, outros pediram o auxílio da Polícia que prontamente se fez ao local dos acontecimentos para evitar o pior. O quarteirão 18 no bairro de Muahivire-Expansão entrou, por alguns minutos, em alvoroço e condenou veementemente o comportamento da mulher que tentou negar o direito à vida a uma criança inocente.

A cova na qual a vítima seria enterrada com vida foi aberta pelo seu primo paterno, de 15 anos de idade, a mando de Fátima. Carlos Agostinho afirmou que a explicação que recebeu da tia foi de que devia abrir um buraco profundo para se depositar lixo; em nenhum momento imaginou que fosse para sepultar alguém e o caso aconteceu numa altura em que ele estava na escola.

Na sua reconstituição dos factos, Carlos disse-nos igualmente que depois de a prima ter defecado na cama, à noite, enquanto dormia, no dia seguinte (30 de Maio) viu a esposa do seu tio com algumas cordas e, quando perguntou qual seria a finalidade das mesmas, foi-lhe dito que serviriam para intimidar Hosmen para que não voltasse a repetir o mesmo erro que cometia há dias.

A criança era espancada desde 2010

Alguns familiares e vizinhos que falaram à nossa Reportagem



sobre o crime cometido por Fátima declararam que a menor em causa tem sido vítima de maus-tratos protagonizados pela madrasta desde 2010, altura em que passou a viver com o seu pai em consequência do divórcio dos seus progenitores.

Costuma-se dizer que no começo, algumas madrastas entram numa relação cheias de amor para dar aos seus enteados. Esforçam-se em cuidar dos meninos, passeiam com eles e fazem quase tudo o que eles querem. Essa tem sido a artimanha usada para conquistar uma família inteira, sobretudo os seus companheiros, para que estes dificilmente descubram o lado ruim de quem acabam de trazer para o lar. Contudo, quando essas mulheres, idênticas a Fátima, de acordo com os residentes do bairro de Muahivire-Expansão, se apercebem de que já dominam as rédeas da casa iniciam uma convivência difícil cujas consequências recaem sobre as crianças.

Segundo apurámos, Fátima agredia a petiza alegadamente porque era muito desobediente e não cumpria as ordens dadas mesmo quando lhe chamava a atenção.

“Não é primeira vez que a menina é maltratada, sempre levou uma vida difícil, e tem sido acudida pelos vizinhos. Porém, desta vez a situação foi grave: enterrar alguém com vida é uma crueldade e vamos exigir que a justiça seja feita. O pai de Hosmen tem conhecimento do que se tem passado com a filha na sua ausência mas nunca fez nada, talvez porque pre-

tende defender o seu lar”, disse-nos um dos vizinhos, agastado, tendo sugerido que a criança devia passar a viver numa família segura e responsável ou mesmo com a sua mãe, que se encontra no distrito de Angoche.

Pai pretende divorciar-se para defender a filha

Fernando Pinto, pai da vítima, declarou que na altura em que a sua companheira enterrou a descendente estava numa cerimónia fúnebre de um familiar, algures na cidade de Nampula. Quando recebeu a má notícia ficou chocado e foi difícil acreditar que a esposa pudesse cometer um acto desumano contra a sua filha. Decepcionado com o acontecimento, o nosso interlocutor prometeu tomar uma decisão que, segundo ele, poderá culminar com o divórcio como forma de salvar a integridade física da garota. Aliás, foi o próprio progenitor que submeteu o caso à Polícia e exigiu que Fátima fosse responsabilizada.

Por sua vez, Saquina Eputhulo mostrou-se agastada com o comportamento da sua nora e afirmou que vai usar todos os meios ao seu alcance para que a neta fique com a sua mãe biológica porque não gostaria que ela crescesse traumatizada e num ambiente de sevícias.

A madrasta perde os sentidos

Fátima, de 27 anos de idade, é natural do distrito de Angoche. Disse à Polícia em Nampula que está arrependida, foi um erro enterrar Hosmen, não pretendia matá-la, mas somente mostrar a ela que defecar na cama é malcriadez.

Entretanto, a nossa entrevistada perdeu os sentidos quando prestava depoimento e foi evacuada para o Hospital Central de Nampula, tendo posteriormente voltado para as celas onde está, neste momento, a aguarda pelo desfecho da tramitação do processo-crime número 122/2013 instaurado no dia 30 de Maio.

Que diz a Polícia?

Miguel Bartolomeu, porta-voz do Comando Provincial da PRM em Nampula, confirmou-nos a ocorrência e afirmou que, para além de ter escapado da morte, a menina foi alvo de agressões físicas. Por isso, há investigações em curso no sentido de se apurar as causas que levaram a madrasta a tentar assassinar a sua enteada. O agente da corporação qualificou o caso como sendo um homicídio frustrado e louvou a prontidão com que os vizinhos salvaram Hosmen.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

O Jornal mais lido em Moçambique.

A verdade em cada palavra.

Cinco irmãos órfãos necessitam de apoio em Nametil

Lucília Marcelino, de sete meses de vida, Meque Marcelino e Vane Marcelino, de dois e quatro anos de idade, respectivamente, Edu Marcelino e Artemísia Marcelino, por sinal os mais velhos, mas que desconhecem as suas idades, são irmãos e encontram-se na vila-sede de Nametil, no distrito de Mogovolas, a 70 quilómetros da província de Nampula. Desde 2010, altura em que o pai perdeu a vida, ao que se seguiu a mãe, em 2011, vítimas de uma doença prolongada associada ao VIH/SIDA, vivem numa situação de pobreza extrema junto ao tio da mãe e necessitam de um pouco de tudo para sobreviver, principalmente a criança mais nova.

Texto & Foto: Nelson Miguel

Neste momento, os meninos em causa, que enfrentam dificuldades para conseguir comida, ter acesso à escola, a alojamento condigno e a cuidados médicos, disseram à nossa Reportagem que os progenitores se chamavam Marcelino e Filomena José. O primeiro a abandoná-los foi o pai. A família residia na cidade de Nampula mas, quando o chefe de família morreu, e a esposa estava grávida de Lucília, passaram a viver em Nametil, terra natal da senhora, porque esta não tinha condições para cuidar dos filhos e precisava do amparo dos seus parentes.

Dos irmãos, o mais velho, que aparenta não ter acima de nove anos de idade, disse-nos que a sua ascendente começou a adoecer em 2011 e acabou por morrer em 2012, deixando os seus quatro filhos num futuro incerto. Nenhum dos petizes em idade escolar está no banco de um estabelecimento de ensino para aprender a aprimorar as normas de convivência social e saber que “o trabalho dignifica o homem”, “Deus ajuda a quem cedo madruga”, e que “só é digno aquele que tem um emprego e o exerce sem questionar”, segundo rezam alguns provérbios.

Outro direito previsto na Declaração Universal dos Direitos da Criança, que Marcelino e Filomena José não respeitaram em vida, foi o da inscrição dos filhos nos Serviços de Registos e Notariado: Edu e Artemísia não têm Cédula Pessoal ou Boletim de Nascimento, enquanto Vane, Meque e Lucília somente em Abril passado passaram a ter esses documentos de identificação pessoal, que foram obtidos numa campanha nacional de vacinação.

Gritos de socorro

Artemísia, que não faz ideia do ano em que nasceu, afirmou, com o rosto coberto de lágrimas, que o que mais a preocupa é, por um lado, a situação da menina de sete meses de idade, que apesar de ser apoiada por uma associação chamada Ehali, que lida com assuntos de saúde, no distrito de Mogovolas, está a experimentar dificuldades. Há cinco meses que a associação disponibiliza três latas de leite mensalmente.

Por outro lado, o facto de não estudar também lhe deixa angustiada, uma vez que não tem meios para frequentar uma escola, particularmente porque deve dedicar o seu tempo a cuidar dos mais novos. Na residência desses petizes amargurados há falta de quase tudo. Desde que os ascendentes morreram, tanto Artemísia como os irmãos dependem da boa vontade de pessoas para sobreviver e sentem-se na condição de pedintes.

“Eu e os meus irmãos sofremos bastante, há dias que passamos fome por falta de alimentação. Na casa onde fomos acolhidos os donos são também pessoas carenciadas e vivem graças a biscoites”, disse a miúda cujo sonho é um dia ter condições para dar mais conforto aos irmãos. Apesar das dificuldades que a família enfrenta, acreditam que um dia, de algum lugar, virá a salvação para todos.

Artemísia disse ao @Verdade que, para além de comida, Lucília precisa de cuidados médicos especiais devido a uma doença desconhecida que a apoquentou, mas ainda não foi submetida a um exame médico.



A gestora de programas da associação Ehali, Sandra Maria José, explicou que descobriu as cinco crianças órfãs há pouco tempo e, como a situação pela qual passam é grave, a sua agremiação está a trabalhar no sentido de Lucília ter uma parte de cuidados sociais básicos garantidos até pelo menos aos dois anos de idade.

“Não tem sido fácil cuidar destas crianças, principalmente da mais nova. Nós não temos condições para dar uma vida digna a elas e, se não fosse o apoio da Ehali, acredito que a recém-nascida teria perdido a vida por falta de leite”, disse a esposa do tio da falecida que se identificou pelo nome de Fátima, tendo acrescentado que “depois da morte do pai dos meninos, meses depois, a mãe adoeceu e foi levada ao hospital onde se diagnosticou que estava infectada pelo Vírus da Imunodeficiência Humana. Perdeu a vida logo que começou a tomar os anti-retrovirais”.

Lucília, Meque, Vane, Edu e Artemísia, infelizmente, constam da lista da mais de 350 mil meninos moçambicanos que perderam o seu pai, a mãe, ou ambos, devido ao VIH/SIDA, segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF).




Nesse contexto, os nossos entrevistados precisam de cuidados e apoio dos adultos, sobretudo de uma família ou instituição que assegure a sua educação, acesso à saúde, dentre outros direitos básicos, para que não sejam pessoas vulneráveis aos malefícios sociais, tais como a exploração infantil, o abuso sexual, o início precoce de relações sexuais e que não contraíam o casamento prematuramente. Portanto, uma ajuda de quem poder oferecer alguns minutos de alegria a essas crianças é bem-vinda.




Direcção da Acção Social desconhece os petizes

Em relação ao problema que apoquentou as cinco crianças, ouvimos a Direcção Provincial da Mulher e Acção Social (DPMAS) em Nampula. Ahade Daúdo, chefe do Departamento da Criança, disse que a instituição não tem conhecimento da existência de crianças órfãs na vila-sede de Nametil e que estejam a passar por uma situação de luta pela sobrevivência.

“É possível que os nossos colegas a nível do distrito (Mogovolas) tenham informação acerca do assunto e ainda não nos comunicaram. Mas vamos trabalhar conjuntamente para avaliarmos o caso e a ajuda que poderá ser prestada”, afirmou Daúdo que disse a terminar que, neste momento, o seu sector está a identificar mais crianças carenciadas a fim de que beneficiem de assistência social.

Previsão do Tempo	
Sexta-feira 14 de Junho	
Zona SUL	
	Céu predominantemente limpo. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de nordeste fraco.
Zona CENTRO	
	Céu geralmente pouco nublado. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de nordeste a leste fraco.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado com períodos de muito nublado a nordeste da província de Cabo Delgado. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste a sudoeste fraco.

Sábado 15 de Junho	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado a limpo. Possibilidade de ocorrência de neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de nordeste fraco a moderado.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado a limpo com ocorrência de neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste fraco.

Domingo 16 de Junho	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste fraco a moderado.
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado a limpo. Possibilidade de ocorrência de neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de nordeste a sueste fraco a moderado.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado com períodos de limpo com ocorrência de neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste a nordeste fraco.
Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia	

Diga-nos quem é o

XICONHOCA



Envie-nos um SMS para 821111 E-Mail para averdademz@gmail.com ou escreva no Mural do Povo

Mutotope: Uma unidade comunal sem lei

Mutotope é uma unidade comunal do bairro de Muahivire, na cidade de Nampula, onde a partir das 18 horas estar fora de casa é um acto de coragem devido ao recolher obrigatório imposto pelos malfeitores, o que faz com que os moradores considerem a zona sem lei, supostamente porque o trabalho da Polícia é ineficaz. Por sua vez, a corporação confirma a ocorrência de crimes mas diz que de há uns tempos para cá o problema tende a melhorar. Contudo, os residentes continuam desassossegados porque ainda têm tristes memórias de alguns assaltos a domicílios e na via pública.

Texto & Foto: Sérgio Fernando



Os habitantes de Mutotope, na sua maioria oriundos dos distritos do litoral em Nampula, Moma e Angoche, por exemplo, asseguram-nos que por causa do elevado índice de criminalidade quase que ninguém dorme à noite. Os assaltantes aterrorizam a todos com recurso a instrumentos contundentes, tais como catanas, facas, machados, dentre outros.

Segundo declarações dos nossos interlocutores, essas acções são protagonizadas por jovens da mesma unidade comunal e conhecem perfeitamente as condições em que se encontram as residências das suas vítimas, uma vez que durante o dia fazem um trabalho de reconhecimento dos lugares a invadir no período nocturno. As barracas de venda de bebidas alcoólicas constituem, também, parte dos alvos dos ladrões.

Para esses desmandos, os lesados encontram explicação no facto de Muahivire ser um bairro onde há um número considerável de jovens desempregados, à semelhança do que acontece noutros pontos do país.

Os meliantes, de acordo com os nossos entrevistados, têm o hábito de se vingar das suas vítimas quando estas ousam denunciá-los. Aliás, no princípio deste ano houve até casos de agressão física e violações sexuais em pleno dia. Apurámos, igualmente, que em Muahivire há dois lugares considerados mais propensos ao crime: o terreno desabitado chamado Posto Agronómico e o rio Lima. Nesses locais, algumas pessoas foram agredidas mortalmente e, por conseguinte, o pânico agudizou-se na zona.

Do grupo de criminosos, há indivíduos que frequentam as casas de pasto à procura de pessoas com dinheiro e outros bens com a finalidade de roubá-las. Montam emboscadas, para além de que os malfeitores trabalham em colaboração com algumas prostitutas, as quais são compradas para seduzir os seus clientes com a finalidade de assaltá-los.

“O meu marido estuda à noite e enfrenta muitas dificuldades para chegar a casa. Todos os dias eu agradeço a Deus quando ele bate à porta são”, disse-nos uma cidadã. Para além das prostitutas que trabalham em convivência com os alegados criminosos, existem mulheres, donas de casa, que se envolvem em actos infames. O secretário do quarteirão 16, em Muahivire, Manuel António, confirmou-nos o facto e disse que o caso mais recente culminou com a detenção de uma senhora que,

neste momento, está a contas com a Polícia.

De acordo com os nossos entrevistados, o envolvimento de mulheres em assaltos chegou a preocupar bastante a população porque alguns pacientes eram agredidos à porta de algumas unidades sanitárias. “As mulheres quando fossem para o Centro de Saúde de Muhala-Expansão eram proibidas de entrar caso fosse apurado que eram provenientes de Mutotope. Isso provocou muita tensão no seio dos moradores, mas a detenção de uma das criminosas mudou a situação para melhor. Para ter acesso ao atendimento médico era necessário irmos ao Centro de Saúde 1º de Maio ou ao Hospital Central de Nampula”, contou-nos uma das cidadãs entrevistadas pelo @Verdade.

O que diz a Polícia

A Polícia da República de Moçambique em Nampula disse que o crime na Unidade Comunal de Mutotope chegou a atingir contornos alarmantes, pois as pessoas eram agredidas, roubadas e outros danos aconteciam na via pública. Porém, houve uma redução significativa desses problemas, segundo o porta-voz do Comando Provincial, Miguel Bartolomeu, que se queixou da falta de colaboração por parte da população na denúncia dos que tiram o sono aos residentes.

Em relação à soltura dos meliantes, o nosso interlocutor explicou que a corporação está a fazer o seu trabalho, por isso a população deve entender que a Polícia tem apenas a missão de deter os infractores das normas de convivência social e os que perturbam a ordem e tranquilidade pública. Alguns casos são encaminhados ao tribunal para o julgamento e é esta instituição que decide sobre a soltura ou prisão das pessoas acusadas de cometer crimes.

Caros leitores

Pergunta à Tina... O que provoca cancro do útero?

Olá, caríssimos.

Olá, caríssimos. Ultimamente tem-se falado cada vez mais sobre o Cancro da Próstata, embora seja uma doença que existe há muito tempo. É talvez o cancro mais importante e frequente no homem. Há muitos homens que, após detectarem esta nova condição, escondem-na das suas parceiras e familiares, tentando resolver o problema “sozinhos”. Se suspeitas de que possas ter contraído a doença, ou de que outro homem da família esteja na mesma situação, procura imediatamente ajuda médica. Se queres mais dicas, envia questões para esta coluna, que é dedicada à saúde sexual e reprodutiva.

Enviem-me uma mensagem através de um sms para **821115**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Olá Tina. O que provoca cancro do colo do útero?

Olá meu querido ou querida. Talvez começarmos por explicar que o colo do útero é a parte do útero que está ligada à vagina. Nessa zona, como em outras partes do nosso corpo, há células. As células do colo do útero são propensas ou sensíveis a desenvolverem o cancro. Nem todas as mulheres, contudo, estão em risco de desenvolver o cancro. Existem alguns factores de risco, que incluem a infecção pelo Vírus do Papiloma Humano, que é um vírus que frequentemente pode alterar as células do colo, causando o desenvolvimento do cancro. Embora o Vírus do Papiloma Humano possa ser contraído por qualquer mulher, em algumas mulheres ele é o principal factor de risco. É por essa razão que os médicos ginecologistas recomendam que as mulheres realizem o famoso Exame de Papanicolau, porque este teste examina as células do útero para detectar células cancerosas ou anormais. Quanto mais frequente este teste for feito, mais fácil é para os médicos rastrearem o cancro e encontrarem tratamento adequado. Se tiveres mais perguntas sobre isto, continua a escrever-nos.

Olá Tina. Tenho 17 anos de idade. Gostaria que me respondesse a uma inquietação. Tenho ficado com comichões na vagina após uma relação sexual. A que se deve?

Olá minha fofa. Teria sido importante eu saber se as comichões que tu sentes são apenas após as relações sexuais. Embora eu não tenha a capacidade de fazer algum tipo de diagnóstico, posso dizer que há várias razões para sentirmos comichões na vagina. Por exemplo, quando temos algum tipo de infecção, que pode ser, por exemplo, uma candida, ou uma Infecção de Transmissão Sexual mais grave, fazer sexo pode ser desconfortável e trazer uma sensação de queimadura ou muito comichão. Há mulheres que também podem ter uma grande sensibilidade ao esperma do homem. Eu tenho dois conselhos para ti, querida. O primeiro é este: se não tens planos de contrair uma Infecção de Transmissão Sexual ou uma gravidez indesejada, usa SEMPRE o preservativo durante as tuas relações sexuais. E o segundo, na situação actual: debes procurar imediatamente um agente de saúde, médico ou enfermeiro qualificado, para que façam um exame a fim de se saber o motivo que origina o desconforto.

FACTO

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.

Cidadão baleado por não ter bilhete de identidade



Um elemento da Polícia Comunitária, identificado pelo nome de António Macuácu, de 54 anos de idade, arrancou uma arma de fogo a um colega da Polícia de Protecção e atirou, propositadamente, por volta das 21 horas do dia 01 de Junho em curso, contra um jovem de 33 anos de idade, no bairro da Zona Verde, no município da Matola. A vítima, que estava na companhia de três amigos, vindos de uma festa, chama-se Simião Cumbane e foi baleado no pé direito, alegadamente porque não trazia consigo o bilhete de identidade.

Texto: Coutinho Macanandze • Foto: Miguel Manguze

A Polícia Comunitária, criada em 2000, com o intuito de responder à ineficiência dos serviços da Polícia da República de Moçambique (PRM), que por falta de recursos não consegue garantir o patrulhamento dos subúrbios dos grandes centros urbanos do país, bem como das comunidades, sobretudo onde a criminalidade tira o sono à população, foi sempre malvista devido aos desmandos que tem vindo a cometer, algo que se deve, em parte, à falta de formação profissional dos seus membros e à irresponsabilidade da PRM à qual está subordinada.

Essa força policial encarregue de velar pela manutenção das normas de convivência social nos bairros tem sido contestada por causa do abuso de poder a que recorre para intervir em alguns problemas na via pública. A nossa Reportagem tomou conhecimento do caso de Simião através de uma denúncia feita por um cidadão também da Zona Verde e contactou a família Cumbane para perceber as circunstâncias em que o jovem foi alvejado a tiro. Apurámos que António Macuácu se fazia acompanhar por dois polícias de protecção e a arma foi arrancada de um deles.



O baleado contou-nos que naquela noite de 01 Junho, ele e os amigos foram interpelados por dois agentes da PRM numa altura em que estavam a passar por um grupo de jovens que se encontrava a fazer barulho, tendo sido confundidos com aqueles. A Polícia exigiu que os cidadãos que acabava de mandar parar se identificassem, mas nenhum deles tinha um documento de identificação. Esta situação, aliada a de uma suposta perturbação da tranquilidade pública provocada por ruído, não agradou aos elementos da Lei e Ordem que entenderam isso como uma “afronta, provocação e falta de respeito”.

Nesse contexto, enquanto a corporação ameaçava algemar os indivíduos, de repente, Macuácu, que reside no mesmo bairro, arrancou a arma de fogo de um dos colegas e disparou directamente contra o pé de Simião. O pior não aconteceu porque o instrumento estava só tinha uma munição. O atirador tentou ainda apoderar-se da arma do outro colega mas foi impedido, o que gerou uma confusão que resultou em dois tiros casuais para o ar.



Entretanto, apesar do ferimento, o jovem foi algemado com a finalidade de ser levado para a 7ª esquadra da PRM no bairro de T3, incluindo os amigos, porque se desconfiava de que se tratava de indivíduos de má-fé que estariam a preparar alguma desordem ou assaltos algures na Zona Verde.

A vítima afirmou que o agente da Polícia Comunitária que a feriu no pé estava embriagado, trazia consigo uma garrafa de bebida alcoólica chamada “Tentação” e parecia estar psicologicamente alterado, uma vez que o que falava não fazia nenhum sentido. “No momento em que o polícia me baleou não senti nenhuma dor, mas, passados alguns minutos, não consegui mexer a perna, que sangrava muito, e fiquei estatelado no chão”.

A Liga Moçambicana dos Direitos Humanos (LDH) tem dito que “alguns agentes da Polícia Comunitária aproveitam-se dos poderes que lhes foram conferidos para resolverem problemas particulares ou pessoais”. O nosso interlocutor narrou que Macuácu, aparentemente fora de si, depois do primeiro disparo tirou duas munições de algum lugar e carregou novamente a mesma arma com que o feriu. “O objectivo era de atirar outra vez, apesar de que eu já estava no chão e imobilizado. Perdi os sentidos e não vi mais nada”.

A família Cumbane recebeu a má notícia e correu para o local do incidente, onde encontrou Simião inanimado e a perder muito sangue. A Polícia, ao invés de socorrer o jovem levando-o para um hospital mais próximo, ficou de braços cruzados como se nada estivesse a acontecer, disse o tio da vítima que se identificou pelo nome de Ricardo, para quem a corporação respondeu a um pedido de ajuda com as seguintes palavras: “Não temos transporte”.

Volvidos alguns minutos, um carro da Polícia de Protecção fez-se ao local do incidente mas já era tarde porque o baleado tinha sido transportado, num táxi, para o Hospital Geral José Macamo, onde recebeu os primeiros socorros e mais tarde foi transferido para o Hospital Central de Maputo, de acordo com Celeste, tia de Simião.

Refira-se que o jovem vive maritalmente, é pai de três crianças e vive de biscates. Contudo, neste momento, está impedido de fazê-los para continuar a garantir a sobrevivência da sua família.

A Polícia não se responsabiliza

Um relatório da LDH sobre as torturas, tratamentos degradantes e execuções sumárias indica que a Polícia Comunitária recebe da PRM armas de fogo para o exercício das suas funções, mas em caso de algum incidente envolvendo o uso dos referidos instrumentos, a corporação não se responsabiliza pelos danos causados alegando que se trata de áreas diferentes. No caso de Simião, a Polícia diz a mesma coisa, a responsabilidade é de Macuácu. Porém, os parentes do jovem querem que a justiça seja feita e o atirador penalizado, sobretudo por causa dos danos que poderão ficar para toda a vida do seu parente.

Macuácu está detido

O comandante da 7ª esquadra da PRM, no bairro de T3, asseverou à nossa Reportagem que o indivíduo que disparou premeditadamente contra um cidadão inocente está preso e foi aberto um processo-crime. O agente da Lei e Ordem que estava na posse da arma arrancada pelo prevaricador foi igualmente punido com um processo disciplinar enquanto decorre a investigação, mas, caso haja provas de que tenha sido cúmplice da acção, será sancionado.

O que diz a lei sobre o porte e uso ilegal de armas de fogo

O número um da Lei 7/2011 de 01 Março de 2012, no artigo 373 (sobre as ofensas corporais voluntárias de que resulta doença ou impossibilidade para o trabalho), defende que “se a enfermidade ou impedimento de trabalho não durar mais de 10 dias, a pena a ser aplicada será de até seis meses e multa até um mês”.

O número dois prevê que “se a doença ou impossibilidade de trabalho se prolongar por mais de dez dias, sem exceder a vinte, ou produzir deformidade pouco notável, a prisão será de até um ano e multa até dois meses”.

O número quatro do mesmo dispositivo sustenta que “se a doença ou impossibilidade de trabalho se prolongar por mais de trinta dias, será aplicada contra o actor material (do crime) uma pena de prisão nunca inferior a dezoito meses, e multa nunca inferior a um ano”.

O número cinco do mesmo acrescenta que “se da ofensa resultar cortamento, privação, aleijão ou inabilitação de algum membro ou órgão do corpo, será aplicada uma pena de prisão maior de dois a oito anos”.

A Lei a que nos referimos dá conta ainda de que nos casos previstos no número um (do artigo 373) “só haverá lugar a procedimento judicial mediante participação do ofendido, excepto se as ofensas corporais puserem em perigo a vida do ofendido ou forem cometidas com armas proibidas, armas de fogo ou outros meios gravemente perigosos”.



O jurista moçambicano, José Caldeira, explicou ao @Verdade que a responsabilidade dos danos causados contra Simião é do autor material e não da Polícia de Protecção, uma vez que a Polícia Comunitária não tem permissão para usar armas de fogo no seu trabalho de patrulhamento nos bairros. Por isso, Macuácu poderá responder a um processo-crime indiciado de uso ilegal do instrumento com o qual feriu o jovem, bem como ser responsabilizado pelos danos causados à vítima.

Segundo Caldeira, se as investigações provarem o envolvimento do polícia cuja arma foi arrancada e a sua negligência na conservação do equipamento também pode ser sancionado criminalmente.

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Boa tarde, Jornal @Verdade. Sou um cidadão da capital do país e gostaria, através do vosso meio de comunicação, de denunciar as constantes irregularidades que acontecem todos os anos no processo de exames de admissão realizados no Instituto Superior de Ciências de Saúde (ISCISA) em Maputo, relacionadas com cobranças ilícitas, promovidas pelos funcionários da mesma instituição, com o objectivo de facilitar o ingresso de alguns concorrentes.

O que me leva a escrever para o vosso Jornal é o facto de, primeiro, esse problema constar da lista dos casos de corrupção que devem ser publicamente denunciados, uma vez que mancham o ensino superior, em particular o ISCISA. Segundo, isso retira a transparência na selecção dos candidatos.

Garanto-vos que tem sido frequente a ocorrência de casos de corrupção no ISCISA. Para um candidato passar num exame de admissão nem sempre tem sido por inteligência, este deve "bater na mesa", segundo o termo usado na linguagem de corruptos, o que significa que os examinandos subornam os que controlam directamente o sistema para poderem transitar. Os valores cobrados são monstruosos e rondam entre 10 e 16 mil meticais, dependendo do curso desejado.

Naquela instituição, por mais que um cidadão seja inteligente, dificilmente é aprovado para frequentar um curso

Resposta

Sobre este assunto, a nossa Reportagem ouviu o Registo Académico no ISCISA. Neusa Tovela disse-nos que a preocupação do nosso reclamante é ilegítima e descabida de qualquer fundamento, uma vez que a correcção dos exames de admissão é autónoma e é feita pela direcção máxima da instituição.

Segundo a nossa interlocutora, o candidato para comprar notas com o intuito de facilitar o seu ingresso no Instituto Superior de Ciências de Saúde seria obrigado a corromper toda equipa da estrutura máxima da instituição, o que faz com seja impossível entrar por vias ilícitas. O sistema é rigoroso, justo e imparcial.

sem aliciar os corruptos que estão à frente do processo de realização dos exames de admissão. O suborno é uma prática antiga naquele estabelecimento de ensino, está a manchar a qualidade dos serviços internos e impede que muitos moçambicanos, sem dinheiro para enveredar também pela corrupção, tenham acesso aos diferentes cursos ali ministrados.

Acredito que a facilitação de admissão aos cursos é do conhecimento dos estudantes do instituto e dos dirigentes, uma vez que um número considerável passou pelo mesmo esquema. É mau termos numa instituição pública indivíduos que se formam recorrendo a fraudes académicas.

O que se passa no ISCISA demonstra que há falta de fiscalização por parte do Ministério da Saúde (MISAU), que superintende a instrução naquele estabelecimento de ensino. Portanto, enquanto esses problemas prevalecerem, teremos barreiras na formação de técnicos e os cidadãos cujos fundos não permitem ter acesso a uma Educação por vias de corrupção continuarão sem estudar.

Por favor, peço alguma explicação ao corpo directivo do Instituto Superior de Ciências de Saúde sobre os problemas que levantei porque estamos cansados da exclusão. Façam alguma coisa para que haja transparência no processo de exame de admissão que ainda é caracterizado por vícios. Socorro, acabem com a fabricação de resultados...

Novela explicou ainda que cada admissão é justificada pelas pessoas envolvidas no processo de correção das provas, ou seja, não basta que o candidato tenha nota, há que se argumentar as razões por detrás da sua aprovação. Isso assegura que não haja notas pré-fabricadas.

Num outro desenvolvimento, a nossa entrevistada recordou que o único escândalo de fraude académica despoletado no ISCISA foi há 10 anos e estava relacionado com a venda de provas, facto que culminou com a expulsão dos funcionários infractores e o reforço da segurança para evitar que casos similares se repitam.

As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para os números 8415152 ou 821115. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Estudantes trocam as aulas pela pastorícia, prostituição e pelo garimpo em Chalaua

Os professores e pais e encarregados de educação no Posto Administrativo de Chalaua, no distrito de Moma, na província de Nampula, estão preocupados com o abandono de aulas pelos alunos para se dedicarem à pastorícia, ao garimpo e até mesmo à prostituição no povoado de Mavuco e Nathove, no distrito de Mogovolas.

Segundo os docentes, as turmas locais são compostas por 50 a 120 estudantes, mas, devido àquelas actividades, só se fazem presentes, durante a semana, cinco a 15 alunos desde que o ano lectivo começou.

Por exemplo, na Escola Primária Completa da vila-sede do Posto Administrativo de Chalaua, dos 56 instruendos de uma das turmas da 6ª classe, somente 15 participaram nas

aulas nas últimas semanas.

Gerónimo Namarocola, um dos professores no Posto Administrativo de Chalaua, disse-nos que desde que os educandos ouviram falar da descoberta de mais uma mina de recursos minerais já não estudam. "Se eu não sair muito cedo de casa para obrigar os meus alunos a estarem presentes na sala de aulas só assino o livro de turma".

Por seu turno, Maurício José, pai e encarregado de educação naquele posto administrativo, disse que ficou surpreendido quando teve a informação de que o seu filho não entrava na sala de aulas há três semanas consecutivas porque se dedica à pastorícia.

/Escrito por Redacção Nampula

Acidentes de viação matam 50 pessoas em uma semana

Pelo menos cinquenta pessoas perderam a vida e outras 78 contraíram ferimentos, na sua maioria em estado grave, vítimas de 47 acidentes de viação registados semana finda em Moçambique.

O porta-voz do comando geral da Polícia moçambicana (PRM), Pedro Cossa, que revelou o facto, terça-feira, à imprensa, em Maputo, explicou que o excesso de velocidade, o corte de prioridade, bem como as deficiências mecânicas de algumas das viaturas foram as principais causas dos acidentes.

"Registaram-se 13 acidentes causados pelo excesso de ve-

locidade, dois por corte de prioridade e igual número por deficiência mecânica", disse Cossa.

Aquele oficial sénior da PRM indicou ainda que 26 acidentes foram do tipo atropelamento, 14 choques entre carros, quatro despiques e capotamento, entre outros.

Ainda durante a semana passada, a corporação autuou 6.060 automobilistas por diversas infracções ao código de estrada, sendo 52 multas passadas a automobilistas surpreendidos a conduzir embriagados.

/Escrito por AIM

Toma que te Dou



Alexandre Chaúque
bitongachauque@gmail.com

"Falta ao Presidente Guebuza a humildade da sabedoria", Pascoal Mocumbi*

- Senhor Pascoal Mocumbi, há um grande silêncio, que acaba por ser cúmplice, perante uma situação em que o nosso país está a degenerar!

- Silêncio por parte de quem?

- Acho que uma das figuras que devia vir cá fora com maior vigor para evitar isso é o senhor Pascoal Mocumbi!

- Querias que vestisse peles como faziam os meus antepassados e fosse à praça dançar makhara, para perceberes que não estou em silêncio?

- Há pouco tempo o senhor apareceu na televisão a afirmar que a greve dos médicos era justa e que o Governo devia sentar-se com eles para resolver o diferendo. Agora o seu nome consta no rol dos subscritores de uma carta dirigida ao Presidente Armando Guebuza a pedir que este interceda no caso que já está a provocar mortes. Foi necessário que se chegasse a este ponto para se tomar uma posição pública?

- Fui educado para acreditar no bom senso das pessoas e no seu pragmatismo, mas, uma vez mais, enganei-me.

- Quando fala de bom senso está a falar concretamente do bom senso de quem?

- Infelizmente temos um Governo incapaz, que faz exactamente aquilo que faria um touro numa loja de loiça. O pior de tudo isso é que eles não sabem ouvir, pensam que as armas e as prisões podem resolver tudo, temos exemplos por este mundo fora de que as armas só vêm semear a morte e agravar as feridas sociais e humanas. Mesmo assim há aqueles que ainda teimam em querer atirar o povo para o precipício.

- Mas este Governo tem um timoneiro e parece-me que é sobre ele que estão a cair todas as acusações!

- O Presidente Guebuza está a semear ventos e, como tu sabes, quem semeia ventos colhe tempestades.

- Como é que se explica que o senhor Pascoal Mocumbi, sendo antigo camarada do Presidente, nunca se tenha sentado com ele para lhe dizer que está a arrastar o país para o sangue?

- Quem te disse que nunca falei com ele?

- Qual tem sido a reacção do chefe de Estado quando o aborda sobre estes perigos?

- Falta ao Presidente Guebuza a humildade da sabedoria. Ele é um homem muito inteligente, hábil, mas falta-lhe sabedoria, e uma das manifestações da sabedoria é saber ouvir. Infelizmente, o camarada Guebuza não sabe ouvir e, sendo assim, não pode ser um bom Chefe de Estado.

- Mário Machungo também disse isso numa palestra que proferiu recentemente!

- Disse o quê?

- Disse que um bom dirigente é aquele que sabe ouvir. afirmou que se inspirava em Samora Machel e em Joaquim Chissano porque, segundo ele, aqueles sabem ouvir. Não citou o nome de Guebuza, deixando implicitamente a mensagem que queria transmitir!

- Eu acho que o camarada Guebuza ainda vai a tempo de evitar o descalabro. São tantas as vozes que agora se levantam contra as suas posições e ele devia ter muito cuidado com o tigre das massas populares.

- Como é que pensa o seu camarada mais próximo, o senhor Joaquim Chissano, sobre esta situação em que o país se encontra?

- Eu tenho as minhas próprias convicções e Joaquim Chissano também tem as dele.

- Mas vocês têm conversado muito, conhecem-se bem e, por isso mesmo, é natural que ele já lhe tenha dito o que pensa sobre a actual governação!

- O que te posso dizer é que Chissano está muito preocupado com este cenário sombrio.

- Senhor Pascoal Mocumbi, vai continuar a erguer esta bandeira de revolta que está a ser aplaudida pelo povo moçambicano, e particularmente pelos médicos?

- Quando me meti na luta pela causa dos direitos dos moçambicanos,icei uma bandeira que se vai manter no mastro até ao dia em que todos usufruírem do bem-estar que Moçambique pode dar a todos, porque tem condições para isso.

*Entrevista fictícia

Recenseamento prossegue com problemas

@Verdade enfrentou problemas nos municípios onde decorre o recenseamento eleitoral. Em Chókwè, Chibuto e Mandlakaze os agentes da brigada de recenseamento, salvo raras excepções, não permitiram que a nossa equipa de reportagem colhesse imagens deste processo. Outro entrave encontrado na tentativa de levar informação de interesse público aos nossos leitores foi a Polícia. Um dos nossos repórteres ficou retido numa esquadra em Mandlakaze mesmo depois de ter apresentado a credencial que indicava a sua profissão e o órgão que representa. O Comando da Polícia local informou ao nosso repórter que não tinha nenhuma informação do STAE ou da CNE de que o processo poderia ser objecto de cobertura jornalística. O mesmo episódio aconteceu em Chókwè com o responsável local do STAE. O seu entendimento era de que a imprensa tinha de ter uma credencial. Disse-nos, também, que a Lei Eleitoral assim indica e, para provar de que lado residia a razão o homem de quem só tivemos acesso ao primeiro nome, Tobias, efectuou um chamada para um seu superior hierárquico que lhe confirmou que sem credencial não podíamos fazer o nosso trabalho.

Em contacto com o STAE e a CNE ficámos a saber, mais uma vez, que não se emitem credenciais nesta fase e nem podem abrir uma excepção porque não é necessário ser-se portador deste documento para se fazer a cobertura do recenseamento. "O que o jornalista deve ter é um documento que o identifica como tal, neste caso o crachá, e sempre que chegar a um posto de recenseamento deve (aconselha-se) apresentar-se aos brigadistas".

No caso de problemas, tal como aconteceu com o nosso repórter no terreno, deve-se ligar para os directores provinciais. Eles (os directores provinciais) têm o dever de resolver as questões pontualmente, mesmo aos fins-de-semana. Caso não o façam, o repórter deve entrar em contacto com o porta-voz do STAE/CNE, Lucas José, pelos números: 828309370 ou 846126845.

06/06/2013 10:31 | by @Verdade

CIDADÃO REPORTA: estou no posto da ES de Malhazine, no município de Maputo, e não se está a recensear por falta de boletins. Estamos neste posto cerca de 20 cidadãos, alguns estiveram cá ontem e também não conseguiram recensear-se. Será que o STAE quer que nos recenseemos mesmo?

06/06/2013 12:02 | by @Verdade

O posto de Ntsuanda, no município de Bárue, abriu com atraso. Há afluência de cidadãos, muitos são idosos, e a fila está andar bem devido a flexibilidade por parte dos brigadistas. Alguns cidadãos apelam aos outros aderirem em massa rumo ao desenvolvimento do nosso país.

06/06/2013 12:11 | by @Verdade

Acabou tinteiro no posto da EPC Hulene "B", no município de Maputo, e o recenseamento parou. Neste posto já foi feita a substituição da primeira impressora, sendo que o problema que agora se verifica, é de falta de tinteiro. A supervisora do posto espera receber novo tinteiro ainda hoje.

06/06/2013 13:19 | by @Verdade

CIDADÃO Valdez REPORTA: os eleitores no bairro Ndlavela, no município de Maputo, esforçaram-se deixando outras actividades para recensear-se no posto na EP Samora Machel só que chegados lá, e depois de algum tempo na fila, o brigadista em serviço informou que já não havia boletim de inscrição. Eram 10h30 e sugeriram que voltássemos às 13h pois alguém traria novos boletins. Isto é brincar com o tempo do eleitor que tem outros a fazeres!

06/07/2013 09:19 | by @Verdade

O posto na escola de Teacane, no município de Nampula, não está a recensear desde a última quarta-feira devido a avaria da impressora.

06/07/2013 10:06 | by @Verdade

No posto da EPC de Albazine, no município de Maputo, o recenseamento recomeçou na segunda-feira, após troca de impressora.

Tem sido recenseados cerca de 75 eleitores todos os dias e, hoje, até as 9 horas já haviam tirado os cartões 16 eleitores.

06/07/2013 10:15 | by @Verdade

CIDADÃ REPORTA: Pela "quinquagésima" vez estou no posto de recenseamento de Inhagoia, município de Maputo, e não posso recensear-me. Segundo os brigadistas estão sem poder usar o sistema informático. Pedi dispensa no trabalho mais uma vez e o patrão já pensa que ando a inventar desculpas, socorro até quando isto?

06/07/2013 10:42 | by @Verdade

O Presidente da CNE exorta as organizações da Sociedade Civil (nas novas autarquias) para submeterem os seus candidatos para as Comissões distritais de eleições, nessas novas autarquias, entre 7 e 14 de Junho de 2013

06/07/2013 11:38 | by @Verdade

No posto de Khovo, no município de Maputo, o recenseamento decorre com os "habituais" problemas de impressão e necessidade de reinício do computador. Regista-se afluência significativa de eleitores.

06/07/2013 11:42 | by @Verdade



Recenseamento a decorrer na EPC de Albasine, no município de Maputo, sem sobressaltos.

06/07/2013 12:33 | by @Verdade

CIDADÃO Sebastião REPORTA: O recenseamento eleitoral está paralisado no posto na ES de Noroeste 1, no município de Maputo, devido a falta de tinteiros para impressão de cartões de eleitores.

06/07/2013 12:23 | by @Verdade

O Presidente da nova Comissão Nacional de Eleições (CNE), Abdul Carimo Nordine, lançou nesta sexta-feira(7), em Maputo, o processo eleitoral nos dez municípios, há poucas semanas criados pelo Governo, através do lançamento do concurso público para escolha dos membros das Comissões Distritais de Eleições. VEJA O VÍDEO



06/07/2013 12:41 | by @Verdade

Nosso repórter **RuiLamarques** (@LamarquesRui) Continua impossível cobrir o recenseamento em Chókwè. Os brigadistas e a polícia foram orientados a impedir que eu faça imagens aos postos.



06/07/2013 14:36 | by @Verdade
Verdade Democracia (@DemocraciaMZ)
#Autárquicas2013 Posto de Mazivila, no município do Bilene, ainda não recebeu kits de recenseamento.



06/07/2013 14:38 | by @Verdade
Verdade Democracia (@DemocraciaMZ)
#Autárquicas2013 Posto da Escola Agrária de Chókwè não abriu para recenseamento.



06/07/2013 14:38 | by @Verdade
<http://www.verdade.co.mz/live-blogs/eleicoes-autarquicas-2013?livedeskitem=784.25>

Verdade Democracia (@DemocraciaMZ)
#Autárquicas2013 Na ES da Macia as impressoras não funcionaram e o recenseamento parou

06/07/2013 14:47 | by @Verdade

CIDADÃO Decio REPORTA: informar que já estou recenseado. Demorou cerca de 1h30 no posto na DIMACA, no município de Tete. Neste posto não estão a aceitar recensear pessoas com Bilhete de Identidade registado fora da província, só aceitam se trouxer testemunhas do bairro.

06/07/2013 15:13 | by @Verdade



Recenseamento parado no posto da ES do Chokwe. Brigadistas não aceitaram falar a imprensa alegando falta de credencial, algo que o STAE Central já afirmou não ser necessário para os jornalistas nesta fase do processo.

06/07/2013 15:45 | by @Verdade

CIDADÃO Beto REPORTA: eu recensei-me na epc de Muthita, no município de Nampula, no acto de recenseamento um dos brigadistas perguntou o nome da minha mãe e em seguida o local de nascimento minutos, quando já tinha o meu cartão de eleitor, verifiquei esses dados estavam errados no cartão impresso. Apresentei a questão e disseram-me que tinha de esperar para tratar a segunda via.

06/07/2013 18:14 | by @Verdade



No posto da Escola Secundária da Macia, no município da Macia, o recenseamento parou devido a problemas com a impressão dos cartões de eleitores.

06/07/2013 18:00 | by @Verdade

Na Namaacha vários cidadãos, que vivem e realizam as suas actividades fora do centro do município, interpelados pelo nosso repórter afirmaram não ter visto nenhuma actividade de educação cívica para o recenseamento eleitoral. Pudemos ver apenas alguns posters sobre o recenseamento eleitoral afixados na principal rua do município.

06/07/2013 18:53 | by @Verdade



O supervisor do posto de recenseamento da escola de Teacane, no município de Nampula, demitiu-se na última quarta-feira devido as constantes avarias dos equipamentos informáticos do STAE.

06/08/2013 10:50 | by @Verdade

CIDADÃO António REPORTA: estou no posto na EPC Guebo no Bairro das Mahotas, no município de Maputo, para recensear-me. Para meu espanto os brigadistas estão falar da uma reunião do partido Frelimo "de carácter obrigatório".

06/08/2013 11:01 | by @Verdade

CIDADÃO REPORTA: Eu tenho um pequeno problema. Sou de maputo mais estou em Nampula, em Moma a trabalhar e aqui não se fala nada sobre as eleições e como vamos recensear.

06/08/2013 11:01 | by @Verdade

CIDADÃO REPORTA: Eu tenho um pequeno problema. Sou de maputo mais estou em Nampula, em Moma a trabalhar e aqui não se fala nada sobre as eleições e como vamos recensear.

06/08/2013 11:36 | by @Verdade

CIDADÃO REPORTA: a falta de tinteiro para impressora parou o processo de recenseamento no posto da Escola Ngungunhana, no município de Tete.

06/08/2013 11:46 | by @Verdade

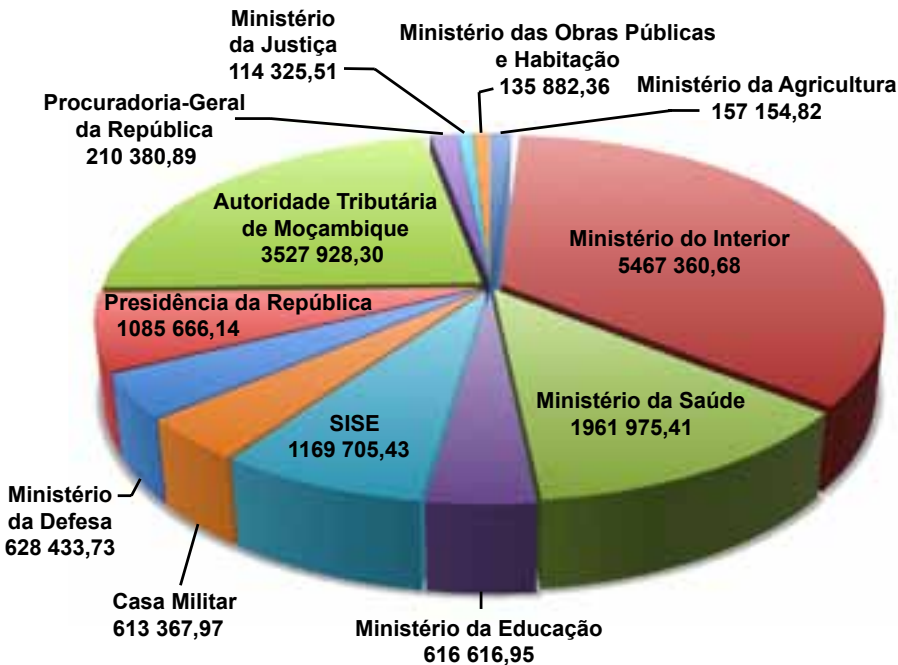
CIDADÃO Cossa REPORTA: eu já me fui recensear, no posto do Bairro 2, no município de Chibuto. O posto está vazio e o registo demorou apenas 10 minutos.

Filhos e enteados na Função Pública

Em Moçambique, os professores, agentes da Polícia da República de Moçambique e os profissionais da Saúde (médicos, enfermeiros e serventes) são os que menos ganham na Função Pública. Como justificação, o Governo alega que é o que o país está em condições de oferecer.

Texto: Redacção

ORÇAMENTO GERAL DO ESTADO 2013
VALOR (em milhões de meticais)



Porém, esta desculpa não foi acolhida pelos profissionais da Saúde, que estão em greve há mais de três semanas, ou seja, há 26 dias, o que veio agudizar a situação caótica que caracteriza o Sistema Nacional de Saúde.

As alegações do Governo caíram por terra na semana passada quando o diário O País publicou as tabelas salariais da Autoridade Tributária de Moçambique e das magistraturas Judi-

cial e do Ministério Público, cujos funcionários são os mais bem pagos na Função Pública.

O agente da Polícia da República de Moçambique, o enfermeiro e o servente recebem como salário mínimo 3.366,00 Mt, 4.000,00 Mt e 2.500,00 Mt, respectivamente, valores que estão aquém do que entra nas contas dos colaboradores da Autoridade Tributária e das magistraturas.

MAGISTRADOS			
	ESCALÕES (VALORES EM METICAIS)		
	1	2	3
Magistratura judicial			
Juiz Desembargador	55,675.00	57,544.00	59,412.00
Juiz de Direito A	33,629.00	35,498.00	37,366.00
Juiz de Direito B	28,772.00	30,640.00	32,508.00
Juiz de Direito C	24,288.00	26,156.00	28,025.00
Juiz de direito D	19,430.00	21,299.00	23,167.00
Magistratura do Ministério Público			
Sub-Procurador Geral Adjunto	55,675.00	57,544.00	59,412.00
Procurador da República Principal	33,629.00	35,498.00	37,366.00
Procurador da República de 1ª Classe	28,772.00	30,640.00	32,508.00
Procurador da República de 2ª Classe	24,288.00	26,156.00	28,025.00
Procurador da República de 3ª Classe	19,430.00	21,299.00	23,167.00

CARREIRAS DE REGIME ESPECIAL DA AUTORIDADE TRIBUTÁRIA				
	ESCALÕES (VALORES EM METICAIS)			
	1	2	3	4
Técnica Superior Tributária				
Comissário Geral Tributário/Aduaneiro	44,951.00	45,785.00	46,619.00	47,453.00
Comissário Tributário/Aduaneiro	38,178.00	39,012.00	39,846.00	40,680.00
Sub-Comissário Tributário/Aduaneiro	33,297.00	34,131.00	34,964.00	35,798.00
Superintendente Tributário/Aduaneiro	30,185.00	31,019.00	31,852.00	32,686.00
Técnica Profissional Tributária				
Inspector Tributário/Aduaneiro	25,710.00	26,727.00	27,744.00	28,761.00
Sub-Inspector Tributário/Aduaneiro	20,950.00	22,191.00	23,432.00	24,672.00
Técnica Tributária				
Técnico T. de 1ªCl./Aspirante Aduaneiro	13,628.00	14,747.00	15,764.00	16,781.00
Técnico T. de 2ª Cl./Assist. Aduaneiro	8,136.00	9,377.00	10,617.00	11,858.00
Básica Tributária				
Auxiliar Tributário de 1ªCl./Guarda Aduaneiro	5,695.00	5,797.00	6,061.00	6,305.00
Auxiliar Tributário de 2ªCl.	4,678.00	4,841.00	5,166.00	5,431.00
Auxiliar Tributário de 3ªCl.	2,034.00	2,237.00	2,339.00	2,441.00

FONTE: O País

Autoridade Tributária

Nesta instituição, o salário de um técnico profissional varia de 20.950,00 Mt a 28.761,00 Mt, enquanto o de um técnico com nível superior situa-se nos 30 mil meticais. Um comissário-geral tributário/aduaneiro, a categoria mais alta, dependendo do escalão, ganha, no máximo, 47.453,00 Mt.

Magistraturas

As magistraturas Judicial e do Ministério Público têm como remuneração mínima, que é paga a um procurador da República de 3ª Classe, 23.167,00 meticais e 59.412,00 como máxima, valor auferido por um juiz desembargador.

Saúde

A Saúde é um dos sectores cujos funcionários ganham mal, à semelhança da Educação e da Polícia. O médico da Saúde Pública, que é o escalão máximo, aufer 34.074,00 meticais e o generalista 17.569,00 meticais. Estes valores, para esta classe, é irrisório tendo em conta aquilo que é a natureza da sua profissão, para além dos riscos a que está exposta.

Esta situação levou a que os médicos e os profissionais da Saúde convocassem uma greve, que já vai no seu 26º dia. Eles reivindicam um

aumento de 100 por cento do seu salário, a melhoria das condições de trabalho, do Estatuto dos Médicos, entre outras questões.

O Governo, por seu turno, diz que não pode satisfazer as exigências destes profissionais alegadamente porque não tem dinheiro para tal.

Orçamento

Uma carta subscrita por 84 médicos e dirigida ao Presidente da Republica revela que nos últimos sete anos o “bolo” do Ministério da Saúde no Orçamento Geral do Estado diminuiu em mais de metade, quando sectores não prioritários têm sido os mais privilegiados.

Por exemplo, a Casa Militar e instituições de controlo e repressão, tais como o Serviço de Inteligência e Segurança do Estado (SISE), recebem anualmente valores elevados se comparados com o dos ministérios da Saúde, Agricultura, e Interior.

E o resultado desta disparidade e da falta de definição de prioridades está à vista de todos: a qualidade de ensino (a todos os níveis) tende a baixar, a Polícia da República de Moçambique não tem meios, e o sector da Saúde está um caos, o que faz com que os dirigentes preferiram recorrer ao estrangeiro para efeitos de tratamento médico.

CARREIRAS DE REGIME ESPECIAL DA SAÚDE					
Carreiras Diferenciadas	ESCALÕES (VALORES EM METICAIS)				
		1	2	3	4
Médica de Saúde Pública					
Médico de Saúde Pública Consultor	A	30,347.00	31,545.00	32,743.00	34,074.00
Médico de Saúde Pública Principal	B	25,955.00	27,019.00	28,084.00	29,149.00
Médico de Saúde Pública Assistente	C	22,228.00	23,026.00	23,958.00	24,890.00
Médica Hospitalar					
Médico de Hospital Consultor	A	30,347.00	31,545.00	32,743.00	34,074.00
Médico de Hospital Principal	B	25,955.00	27,019.00	28,084.00	29,149.00
Médico de Hospital Assistente	C	22,228.00	23,026.00	23,958.00	24,890.00
Médica generalista					
Médico Generalista Consultor	A	30,347.00	31,545.00	32,743.00	34,074.00
Médico Generalista Principal	B	25,955.00	27,019.00	28,084.00	29,149.00
Médico Generalista Assistente	C	22,228.00	23,026.00	23,958.00	24,890.00
Médico Generalista Interno de 1ª	D	18,235.00	18,900.00	19,699.00	20,497.00
Médico Generalista Interno de 2ª	E	17,569.00			
Carreiras não Diferenciadas	ESCALÕES (VALORES EM METICAIS)				
		1	2	3	4
Especialista (de Saúde)	A	28,764.00	29,900.00	31,035.00	32,297.00
	B	24,601.00	25,610.00	26,620.00	27,629.00
	C	21,069.00	21,826.00	22,709.00	23,592.00
Técnicos Superiores de Saúde N1	A	22,176.00	23,038.00	24,024.00	25,010.00
	B	18,973.00	19,712.00	20,574.00	21,314.00
	C	16,262.00	16,878.00	17,494.00	18,234.00
	E	15,646.00			
Técnicos Superiores de Saúde N2	A	18,669.00	19,397.00	20,245.00	20,973.00
	B	15,396.00	16,002.00	16,609.00	17,215.00
	C	12,608.00	13,093.00	13,578.00	14,184.00
	E	12,123.00			
Técnicos Especializados de Saúde	A	10,316.00	10,733.00	11,151.00	11,628.00
	B	8,825.00	9,183.00	9,541.00	9,958.00
	C	7,573.00	7,871.00	8,169.00	8,467.00
	E	7,275.00			
Técnicos de Saúde	A	9,183.00	9,541.00	9,958.00	10,316.00
	B	7,573.00	7,871.00	8,169.00	8,467.00
	C	6,202.00	6,440.00	6,679.00	6,977.00
	E	5,963.00			
Assistentes Técnicos de Saúde	A	6,650.00	6,931.00	7,212.00	7,493.00
	B	5,713.00	5,947.00	6,182.00	6,416.00
	C	4,870.00	5,058.00	5,245.00	5,479.00
	E	4,683.00			
Auxiliares Técnicos de Saúde	A	4,709.00	4,908.00	5,107.00	5,306.00
	B	4,046.00	4,211.00	4,377.00	4,543.00
	C	3,449.00	3,581.00	3,714.00	3,880.00
	E	3,316.00			

Democracia

Porque se pede aos fantasmas para cuidarem do povo?

O Executivo moçambicano disse, esta terça-feira, 11 de Junho, referindo-se à greve da Comissão dos Profissionais da Saúde Unidos (CPSU), que “não pode dialogar com fantasmas”, porque é uma entidade inexistente, seria ir contra as regras por si estabelecidas e abriria um precedente para que, futuramente, surjam outras comissões a exigir o mesmo direito (conversar). Em resposta a essa posição, a Associação Médica de Moçambique (AMM), declarou, esta quarta-feira, 12, que a greve é um direito legal e constitucional, mas alguns, na tentativa de desinformar e de desestabilizar uma luta justa, proferem discursos enganosos. Por isso, “se os profissionais da Saúde são fantasmas, por que razão estão a pedir a fantasmas para tratarem o povo?”.

Texto: Redacção

Segundo Alberto Nkutumula, aceitar conversar com a CPSU significa que “amanhã poderia aparecer a comissão dos amigos dos médicos, depois a comissão dos inimigos dos médicos, todos a quererem dialogar com o Governo”. Aos grevistas, serão aplicadas sanções previstas no Estatuto Geral dos Funcionários e Agentes do Estado (EGFAE), que “estabelece os procedimentos em relação aos casos de faltas”. A esta questão, os médicos reagiram logo: “sendo esta greve legal, não há fundamento para processos disciplinares”.

Na semana passada, o Ministério da Saúde recusou dialogar com a AMM junto da CPSU pelos mesmos motivos: É uma organização não reconhecida. Esse facto, indignou e casou repúdio à AMM, uma vez que, recentemente, o Executivo havia aceite incluir os supostos “fantasmas” nas negociações no sentido de se encontrar um meio-termo para a greve que dura há 26 dias.

Os terapeutas rejeitaram, veementemente, a pretensão do Governo de dialogar só com uma parte e argumentou que a paralisação dos serviços nas unidades sanitárias do país não é somente dos médicos, mas também de outros profissionais da Saúde, por isso a presença da CPSU “é imprescindível e já tinha sido previamente aceite”.

“A Associação Médica de Moçambique e a Comissão dos Profissionais da Saúde Unidos dirigiram-se ao edifício do Ministério da Saúde com o objectivo de manter um diálogo de modo que essa situação (o impasse que faz com que a greve perdure), que tanto faz sofrer os moçambicanos, possa, de uma vez por todas, fazer parte da história ou do passado do nosso país”, disse a AMM e alertou para o facto de que a exigência da exclusão da CPSU representa um grave retrocesso nas negociações.

Carta ao Presidente da República

Na sexta-feira, 07 Junho, 84 proeminentes médicos moçambicanos endereçaram uma “Carta Aberta o Presidente da República, Armando Guebuza”. Em duas páginas, a missiva que é assinada por três antigos Ministros da Saúde, nomeadamente os doutores Pascoal Mocumbi (que foi inclusive Primeiro-Ministro), Hélder Martins e Fernando Vaz, eles destacam que o Governo de Armando Guebuza não dá prioridade à Saúde.

“Ao longo dos anos, e ao contrário do que se verificou em outros sectores, as condições de trabalho e de vida destes profissionais da Saúde foram-se deteriorando acentuadamente, com faltas básicas de medicamentos e equipamentos nas unidades sanitárias, com condições de habitação péssimas, sobretudo para os jovens médicos e para os pós-graduados, e com salários de miséria. Em contrapartida, o Orçamento do Estado para a Saúde, nos últimos seis ou sete anos, diminuiu em cerca de 50%, enquanto em outros ramos, de muito menor relevância social, aumentou em 10 vezes, 1000% (mil por cento)”.

Na mesma carta, os médicos moçambicanos afirmam que consideram “as reivindicações apresentadas justas e legítimas” e afirmam estar perplexos e indignados com a coacção, a intimidação, a demissão e a repressão exercidas sobre os profissionais da Saúde envolvidos na greve, “medidas estas totalmente contraditórias com o reconhecimento da sua legitimidade, não aceitáveis num Estado de Direito e que só contribuem para o agravamento da situação”.

Na mesma carta repudia-se a recente detenção do presidente da AMM, Jorge Arroz, acusado de sedição e deplora-se igualmente o facto de haver alguns órgãos de comunicação e dirigentes que promovem campanhas de desinformação na tentativa de minimizar a gravidade da situação da greve e ocultar os problemas existentes no Serviço Nacional de Saúde (SNA).



É um erro colocar estudantes a cuidarem de enfermos

No mesmo documento refere-se também que o recurso a estudantes de Medicina, de Enfermagem, socorristas e voluntários é um crime “O recurso a estudantes de Medicina, de Enfermagem, socorristas e voluntários é uma solução perigosa e enganosa, que pode levar a erros graves e irreparáveis, pois não é o simples uso de uma bata branca que confere as habilidades e competência para o exercício da profissão. Para além do mais, é fortemente atentatória ao preceituado no Estatuto da Ordem dos Médicos aprovado por Lei da Assembleia da República e configura um crime, previsto no Código Penal em vigor, de exercício ilegal de profissão, neste caso exercício ilegal da Medicina.”

A “Carta Aberta” termina apelando à intervenção do Presidente Armando Guebuza, como o mais alto Magistrado da Nação, para o início de um “diálogo genuíno e frutuoso”, asseverando que a greve é uma “luta pela auto-estima dos médicos e dos demais profissionais da Saúde”.

Manguele suspende formação de pós-graduação

Entretanto, o ministro da Saúde, Alexandre Manguele, suspendeu temporariamente, com efeitos imediatos, a formação de pós-graduação nas unidades sanitárias do SNS supostamente devido à escassez de recursos humanos, materiais e financeiros que afectam gravemente a qualidade da formação nessa área.

As medidas tomadas por Manguele inibem também a afectação dos médicos “em pós-graduação em qualquer unidade sanitária do SNS de todo o país e visam reorganizar os serviços e a criação de condições para a formação de quadros”. Entretanto, sabe-se que há alguns formandos que desistiram dos cursos desse grau académico por causa da alegada falta de consideração do seu trabalho nas unidades sanitárias.

“Não juramos para morrermos à fome”

A CPSU apela para que as negociações sejam inclusivas e sinceras. “As intimidações continuam e a comissão dos profissionais da Saúde está aberta para um diálogo concreto e franco. Juramos salvar vidas e não morrermos à fome. O que se espera de um profissional da Saúde que trabalha descontente?”.

„Não basta apelar para que retomemos as nossas actividades”

A Comissão dos Profissionais da Saúde Unidos (CPSU) reiterou, esta segunda-feira (10), em Assembleia Geral Extraordinária, que os seus agremiados só voltarão a reassumir as suas funções nas diferentes unidades sanitárias quando o Governo satisfizer as suas reivindicações ou aceitar dialogar no sentido de se encontrar um meio-termo em relação às causas da greve, apesar de haver alguns trabalhadores que se deixam intimidar pelas ameaças e, por via disso, abandonam a luta pelos seus interesses e da maioria.

Segundo a CPSU, o objectivo desta greve, que dura há 22 dias, não é o de desestabilizar os serviços de Saúde, mas manifestar o desagrado da classe em relação ao tratamento que o Executivo dá aos que têm a tarefa de cuidar dos enfermos e de outros cidadãos que se dirigem aos hospitais quando não gozam de um estado de completo bem-estar físico, mental e social.

“Dizem que devemos voltar para os nossos postos de trabalho, mas nós não desistimos deles, só estamos deste lado (da greve) porque esperamos que alguém (o Governo) nos diga alguma coisa. Não basta simplesmente apelar para que retomemos as nossas actividades”.

A CPSU disse que já manteve quatro encontros com o Ministério da Saúde (MISAU) mas todos eles fracassaram. É que, ao invés de dialogar, o pelouro sob a alçada de Alexandre Manguele prefere “chamar-nos de vândalos, agitadores e outros nomes que ninguém gosta...”

Na Assembleia Geral Extraordinária da CPSU estavam presentes mais de 100 trabalhadores, entre enfermeiros e serventes. A tónica dominante foi a de que um profissional da Saúde, sobretudo o servente, deve merecer respeito, consideração e reconhecimento por parte do Governo.

Um servente, cujo trabalho é marginalizado, supostamente porque pode ser executado por qualquer pessoa sem instrução académica, deve ser tratado com humanismo e a sua tarefa “deve ser categorizada”.

A CPSU disse que não pretendia recorrer à greve como um caminho para resolver os seus problemas, contudo, a demora do Executivo em resolver tais inquietações não ditou outra alternativa. Aliás, afirmou que a greve, perante a letargia do Governo em melhorar os salários e as condições de trabalho nos hospitais, é uma resposta às palavras do Presidente da República, Armando Guebuza, segundo as quais “a pobreza está nas nossas cabeças”. E “a greve é a forma que encontramos para resolver tal pobreza”.

Num outro momento da Assembleia Geral Extraordinária da CPSU, um dos membros disse: “Um dirigente disse que o Governo não chamou a ninguém para trabalhar na Saúde, mas eu fui chamado e obrigado a trabalhar nesse sector. Não tinha como fugir porque confiscaram a minha documentação, há mais de 30 anos. Nessa altura, um profissional da Saúde merecia respeito na sociedade e era visto como pessoa, contrariamente ao que acontece nos dias actuais. Eu como técnico de Saúde, quando acontece algum incidente na rua, prefiro esconder-me para que não saibam que faço parte da Saúde. A sociedade olha para um profissional da Saúde com indiferença e, por vezes, com desdém. A culpa disso tudo é o Governo”.

Num outro desenvolvimento, a CPSU repudiou o trabalho dos dirigentes da Associação Nacional dos Enfermeiros de Moçambique (ANEMO), alegadamente porque defendem os interesses do Executivo e do partido Frelimo em detrimento dos seus agremiados. Por isso, gritou-se, no Cine Teatro Gilberto Mendes, em uníssono, “fora ANEMO”.

Profissionais da Saúde manifestaram-se em Nampula

À semelhança da manifestação pacífica desencadeada pela AMM, na cidade de Maputo, na manhã desta quarta-feira, 12, cerca de setenta funcionários da Saúde afectos ao Hospital Central de Nampula saíram à rua para reivindicar melhores condições de trabalho e um salário digno.

A marcha durou pouco tempo e teve como percurso o Hospital Central de Nampula, a Avenida Paulo Samuel Kamkhomba indo desembocar na Catedral. Houve uma escolta protagonizada da Força de Intervenção Rápida (FIR).

A marcha decorreu dois dias depois de a governadora da província de Nampula, Cidália Chauque ter efectuado uma visita ao Hospital Central de Nampula, a maior unidade de referência da região norte do país, onde, dentre vários pontos, tinha em vista desencorajar os profissionais da Saúde de aderir à greve em curso no país.

Segundo Ana Lopes, a manifestação serviu para mostrar que a greve é uma das formas de persuadir o Governo a resolver os problemas dos que cuidam dos cidadãos. Dos cerca de 80 médicos afectos ao Hospital Central de Nampula, dos quais metade é constituída por estrangeiros, mais de 20 não se apresentam aos seus postos de trabalho, o que faz com que os serviços sanitários sejam assegurados pelos estudantes estagiários da Universidade Lúrio, do Instituto de Ciência de Saúde e pelos quadros do sector da Academia Militar.

Por sua vez, a AMM e a CPSU vão, este sábado, 15, realizar, também, uma marcha pacífica, às 09 horas, com o seguinte itinerário: concentração no MISAU, seguindo pela Avenida Vladimir Lenine, 25 de Setembro, cujo destino é o Circuito de Manutenção Física António Repinga.

goste de nós no facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Os profissionais de saúde moçambicanos que se encontram em greve, desde o passado dia 20 de Maio, poderão sofrer sanções salariais e processos disciplinares devidos às faltas acumuladas durante os sucessivos dias de paralisação das suas actividades, segundo o porta-voz do Governo, Alberto Nkutumula, que afirmou ainda que a greve é ilegal.



Gito Gitinho
Gitão Bando de corruptos!! De Guebuza ate Nkutumula, merecem 100 chambocos, 50 em cada nadega! Vergonha atras de vergonha... Gosto · 31 · há 15 horas



Mila Nandhenga
chamboco é pouco para esses chiconhocas! Gosto · 1 · há 11 horas



Grande Chefe
estão a fazer pressão, imaginem que deixam de trabalhar e dedicam-se a agricutura o que é que os ditos senhores libertadores de moçambique vão fazer, sair com canhões á rua e apontar ás pessoas, ou vão mandar policia matar médicos, ou talvez venderem as pessoas que estão nos hospitais e os órgãos dessas pessoas, ou ir ás contas dessas pessoas honestas e trabalhadoras, tomem juizo , se um dia destes dá na cabeça dos moçambicanos e fazem greve geral a economia moçambicana para e se revoltam de verdade ái é que a cobra vai fumar... Gosto · 1 · há 9 horas



Grande Chefe
aconselho a todos os médicos que quando esses manambuas forem parar no hospital deixem os gajos morrer, que não fazem cá falta · há 9 horas



Malale Lapião
Serio, max è sao gajox com tako vao as clinicax razao pela kual xtao ai babuzarem, nenhum dos filhox xta fazer faculadad d medicina. Gosto · 1 · há 5 horas



Weiss Mocalacha
Hummmmm... Na semana passada disse greve era legal, hj e' ilegal, afinal qual e' a verdade Senhor Ministro??? Gosto · 18 · há 15 horas



Domingos Pinto Sampanha
VOTA MDM Gosto · 11 · há 15 horas



Jeremias Dirizane
Ya · há 15 horas



Domingos Pinto Sampanha
vai. tdo o k tem inicio tem fim. Gosto · há 15 horas



Conceicao Mbanze
atek e uma boa ideia apos xeias mudanxas n pais d phanza · há 15 horas



Edon Adao Tandana
Se nao existir um esperto k manipule os votos, MDM vai ganhar. Gosto · 1 · há 13 horas



Domingos Pinto Sampanha
vamos abrir olhos. Gosto · há 13 horas



Edson Carlos Manjate
Estou contigo meu irmao,e tenho uma legiao de amigos c/ a mesma intensao.Gosto · 1 · há 8 horas



Roberto Saviano Navarro
custa acreditar...existem varios segmentos da sociedade que estao render com as decisoes do Governo... Renamo 2 x Governo 6 Magnermanes 3 x Governo 10 MEDICOS 4 X GOVERNO 7 hehehhhehe Mambas 1 x G. conatri 6 Gosto · 12 · há 15 horas



Mario Andre
Este Governo da Frelimo não olha p o povo mas sim p seus interesses Gosto · 7 · há 15 horas



Drug Man Miludy
as coisas irao mudar. nem que eles sejam uma makina Gosto · 5 · há 14 horas



Marufo Ali
nao ha greve legal para voces.Gosto · Responder · 4 · há 16 horas



Jenario Mezoscobar Real
Esse governo nao se emenda mesmos.fodam cabandas de inrracionais guebuza presisa dum psicologo pra lhe avaliar kanto a khutumula nao xkece k a frelimo matou o teu pai nao ha pior dor k essa nenhum dinheiro do mundo vai traser de volta os teus pais seu pinguim Gosto · 4 · há 14 horas

goste de nós no facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

CIDADÃO REPORTA: Uma enfermeira do Centro Saúde Infulene A observou um doente que chegou gravemente doente, solicitou ambulância para transferência e, enquanto aguardava a chegada da viatura, o doente que chegou grave perdeu a vida. A policia veio e deteve a enfermeira.



Isaias Orton da Silva
Nao ha nenhum motivo dla ser detida.....esta policia nao sabe o que quer dizer crime!! Gosto · 3 · há 22 horas



Benedito Manhique
lamentavel essa situacao, a enfermeira nao decide nada sobre a vida, apenas pode tentar dar o seu melhor pra evitar a morte naquele momento. Gosto · 2 · há 22 horas



Manuelito Nhazilo
tenho dificuldade de perceber pke esta senhora tem culpa pk ela observou o doente e axou k devia ser transferida pra outra unidade sanitaria que se calhar podia prestar melhores cuidados Gosto · há 21 horas



Joaquina Do Rosário Ferrao
Agora ja nao se pode morrer mais nu hospital? mesmu antes da greve as pessoas morriam em massa. K coisa sem cabimento. Nem Mandela com todos cuidados pode morrer. Gosto · 2 · há 22 horas



Bonga Khumaio Mbongane
A lei desse pais ta contra a prapris lei. Muitos inocentes carcerados com bandidos. Gosto · 1 · há 22 horas



Neves Balane
ate parece q o nosso policial foi formado para deter os inocentes! que chato. qual e a culpa dela na morte do doente! coisa de vergonha. · há cerca de uma hora



Orlando Chirrinze
Mas a Enfermeira fez o que recomenda o protocolo clínico! Ou as pessoas não sabem que o enfermeiro não "clínica"? Gosto · há cerca de uma hora



Carla Samira Pissaire
E vem o nosso presidente guebusa e diz k a policia ta a trabalhar bem · há 3 horas



Ibraimo Jaime Camuga
vejam so no que da essa grave... quem sofre é o povo. enqanto o folgado diz ta tudo em

boas condições e nao ha problemas... cade o povo... minha gente ate quando!??? Gosto · 1 · há 22 horas



Henriques Nhanombe
exa é a policia k temos. E é axim como justificam a sua eficiencia e luta contra a criminalidade. Gosto · 1 · há 22 horas



Marufo Ali
é bm para enfermeira outros em greve e ela? O bem d traixao. · há 22 horas



Sandra Dos Corações
não é traição nada, os serviços mínimos devem ser assegurados! Não seja radicalista Gosto · há 22 horas



Marufo Ali
entao ela assegurou serviços mínimos e esta atras das grades, quando è greve è para todos. · há 21 horas



A Verdade Doi
Dps pagao mal e nao dau subusitio d risco. sao talentosos em injustiça e desgraçar as pessoas. Gosto · 1 · há 22 horas



Mariana Jaime Mariana
sandra é verdad xim vi n manhas alegres a pouco tmpo yara da silva leu n jornal mx eu n intendo k culpa tm a enfermeira, é uma injustixa · há cerca de uma hora



Saize Samuel
Sobre este caso a stv clarificou os factos. A policia tem muito a dizer. Como é manda a comparência da enfermeira ao posto policial alegando a prestação de declaração sobre a morte de uma pessoa. Quem iria atender outros pacientes? · há 14 horas



Doliz Julio Pedro Limpo
Se é verdade k a enfermeira foi detido, entao essa policia nao ta boa, exa enfermeira tem muita razao pk o hospital onde ela xtava n havia profissionais e recursos xpecializados pra tratar akele caso, e se caso tivece morido durante a viagem pra outro hospital, entao o motorista seria detido? A quem é da autoridade vejam ixo. · há 14 horas

goste de nós no facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

CIDADÃO Lourens REPORTA: Em plena Av.Agostinho Neto, em Maputo, um policia interpela dois jovens numa moto de quatro rodas, falhadas as conversações eis o policia decide pilotar a moto dos jovens. Fracassada a tentativa o policia obrigar um dos jovem a dar lhe boleia, o jovem leva o policia em contra mão no sentido pela Av. Karl Marx.



Jossefa Cumaio
O comandante geral da Prm será que tem fb pra partilharmos com ele esta imagem? Kikikikiki. Este é de facto o pais do Pandza. Haver vamos. Gosto · 8 · há 22 horas



Edson Sofito
nao tem mola d xapa, pediu boleia, policia tbm é um ser humano. Gosto · 2 · há 21 horas



Arcanjo Americo
esse agente merece um oscar... pelo menos esta a mandar na avenida dele Gosto · 3 · há 21 horas



Faya Cunas
Kis fza a patrulha a moto! Pandza mxmo! Bom passeio! · há cerca de uma hora



Pedro Nhare
Só no país do pandza, por estas bandas, o anormal virou normal. · há 14 horas



João Melo
Está tudo maluco... · há 16 horas



Boavida Tovela
essa e boa so no pais da marabenta · há 18 horas



Alex Negruxo
policia qd ve mota fka xcitadu p negoxiar · há 19 horas



Serodio Muller
Mais um dia de patrula na cidade de maputo, na falta de veiculos os nossos agentes da lei e ordem de pais pede uma boleia numa mota de 4 rodas. E como o agente é que manda ele por sua vez ordena ao motoqueiro avançar em contra mao pra poder alcansar o suposto presseguido... mx uma historia do pais de pandza · há 20 horas



Mercia Alfredo
Alfredo poxaaaa a onde è q agente vai parar afinal... · há 20 horas



Edgardo Bernardo
Bryggga ML essa avenida é Moz e o agent xamaxi Guebaz fax e dix fax no xeu territorio e a Av. é o terrrrritorio dle...

O meu País é uma vergonha pra o mundo + essa é a verdad tenho q mi adaptar... Gosto · 1 · há 21 horas



Sindy Dina Ntiwane
So podia ser policia de mocambik Gosto · 1 · há 21 horas



Carlos Alberto
gagagaaga gagagagaag esse nao tem nada d policia alem k um k usa roupa d policia para sturkir · há 22 horas



Luis Pires Júnior
policia do nosso Pais eh uma anedota. ou queria matar o sonho dele de conduzir uma 4 rodas Gosto · 1 · há 22 horas



Raul Macuacua
policia d mocambique e como Faya ate bebe mal cuado · há cerca de uma hora



Gerónimo Langa
Mau isso o policial muito bem conhece a lei · há 12 horas



Lénine Napoleão
o policia keria aparcr,d tanto xtar nu animato decidiu aparcer. · há 14 horas



Jolinho Al Amoda
Haha haha isso e policia, ou comparsa dos marginais...!! · há 16 horas



Yassin Sousa
levala buleia ai nao é todos dias · há 17 horas



Roystezzy WB Chambal
ahahaha maning mano Tchutcho ,ái o policia ia sentir o que é adrenalina Gosto · Responder · há 17 horas



Claudia Areosa
vem levar minha mota sr policia sok n 3 4rodas · há 17 horas



Gonçalo Luiz
Zekito a passear os bufos!! Hehehe · há 18 horas



Dalila Juente
Só p verem o quao as coisas tao dsorganizadas nest país! · há 18 horas

**goste de nós no
facebook.com
/JornalVerdade**

Jornal @Verdade

Em referência a uma carta da UNAC para o Presidente de Moçambique, Armando Guebuza, a Presidente do Brasil, Dilma Rousseff, e o Primeiro-Ministro do Japão, Shinzo Abe, sobre o Prosavana, o Ministro dos Transportes em Moçambique, Paulo Zucula, disse o seguinte no Japão:

“...é muito raro os camponeses escreverem-nos cartas em Moçambique porque nós falamos directamente com eles todos os anos e todos os dias, eu vi uma carta se eles tivessem mesmo escrito aquela carta eu havia de dizer hey o analfabetismo já acabou em Moçambique. Mas os nossos camponeses ainda são, infelizmente, analfabetos para fazer uma carta tão perfeita como aquela. Alguém fez por eles não sabemos bem porque.”

Oiça aqui: <https://soundcloud.com/verdade-2/entrevista-delegac-a-o-moc>



Lobo Mau Mau Nunca pensei ki houvesse casos d coincidencia entre o DESLEIXO APARENTE e o DESLEIXO INTELECTUAL. Afinal, a aparência do Zucula por si so ja reflete a sua pobreza mental? **Gosto** · 4 · há 6 horas



Munacer Portela O campones pode ate n escrever a carta mas nao e burro Sr.Ministro, vendo com profundeza a carta dz que camponeses,camponesas,Confessoes relegiosas e a Sociedade Civil,Sr.Ministro seja coerente em suas Abordagens!!!! **Gosto** · 4 · há 7 horas



Moisés Ricardo Covale No Japao, esse e' tambem Campones! **Gosto** · 3 · há 8 horas



Uaquelina Jone o Zucu como diz o Lobo foi muito infeliz na sua abordagem e e' bom que ele e seus colegas camaradas saibam que nos Povo ja estamos a ficar cansados com esta postura dos dirigentes desse Pais... **Gosto** · 1 · há 5 horas



Ckla U Dhyo Ainda que os camponeses (pais) fossem analfabetos... Será que filhos e os demais familiares também são? Estes não poderiam auxiliar seus pais e ou familiares a redigir uma carta que reflita as suas preocupações? Este ministro fala como se fosse filho do Albert Einstein... **Gosto** · 1 · há 5 horas



Tomas Osvaldo Halare Arrogante Convencido Entao para ele os camponeses e que os analfabetos? **Gosto** · 1 · há 6 horas



Fernando A S Carvalho O único burro com 2 patas é o sr, analfabeto. **Gosto** · 1 · há 7 horas



Zinaldo Joao espero que aqueles palhaços que desmitiram a zenaída machando ingulam isto **Gosto** · **Responder** · 1 · há 8 horas



Leonelson Jaime Domingos na verdade esses camponeses são analfabetos, s ã fossem teriam invertido o sentido de voto, e esse zukula taria n jamangua-na ladrão · há 19 minutos

Sua Excelência Senhor Presidente da República de Moçambique, Armando Guebuza

Sua Excelência Senhora Presidente da República Federativa do Brasil, Dilma Rousseff

Sua Excelência Senhor Primeiro-Ministro do Japão, Shinzo Abe

Assunto: Carta Aberta para Deter e Reflectir de Forma Urgente sobre o Programa ProSavana

Excelências;

O Governo da República de Moçambique, em parceria com os Governos da República Federativa do Brasil e do Japão, lançou, oficialmente, em Abril de 2011, o Programa ProSavana. O referido programa resulta de uma parceria trilateral dos três governos com o objectivo de, supostamente, promover o desenvolvimento da agricultura nas savanas tropicais do Corredor de Nacala, no Norte de Moçambique.

A estratégia de entrada e implementação do ProSavana assenta e fundamenta-se na necessidade, justificadamente, prioritária de combate à pobreza e no imperativo nacional e humano de promoção do desenvolvimento económico, social e cultural do nosso País. Aliás, estes têm sido os principais argumentos usados pelo Governo de Moçambique para justificar a sua opção pela política de atracção de Investimento Directo Estrangeiros (IDE) e consequente implantação de grandes investimentos de mineração, hidrocarbonetos, plantações de monoculturas florestais e agro-negócios destinados à produção de commodities.

Nós, camponeses e camponesas, famílias das comunidades do Corredor de Nacala, organizações religiosas e da sociedade civil moçambicanas, reconhecendo a importância e urgência do combate à miséria e da promoção do desenvolvimento soberano e sustentável, julgamos oportuno e crucial expressar as nossas preocupações e propostas em relação ao Programa ProSavana.

O Programa ProSavana já está a ser implementado através da componente “Quick Impact Projects” sem nunca ter sido realizado, discutido publicamente e aprovado o Estudo de Avaliação de Impacto Ambiental, uma das principais e imprescindíveis exigências da legislação moçambicana para a implementação de projectos desta dimensão, normalmente classificados como de Categoria A.

A amplitude e grandeza do Programa ProSavana contrastam com o incumprimento da lei e total ausência de um debate público profundo, amplo, transparente e democrático impedindo-nos, (camponeses e camponesas, famílias e a população), desta forma, de exercer o nosso direito constitucional de acesso à informação, consulta, participação e consentimento informado sobre um assunto de grande relevância social, económica e ambiental com efeitos directos nas nossas vidas. No entanto, desde Setembro de 2012 temos vindo a realizar um amplo debate e encontros alargados com diversos sectores da sociedade moçambicana. De acordo com os últimos documentos a que tivemos acesso, o Programa ProSavana constitui uma mega parceria entre os Governos de Moçambique, Brasil e Japão que irá ocupar uma área estimada em 14.5 milhões de hectares de terra, em 19 distritos das províncias de Niassa, Nampula e Zambézia, alegadamente, destinada ao desenvolvimento da agricultura em grande escala nas savanas tropicais, localizadas ao longo do Corredor de Desenvolvimento de Nacala.

Depois de vários debates ao nível das comunidades dos distritos abrangidos por este programa, com autoridades governamentais moçambicanas, representações diplomáticas do Brasil e Japão e suas respectivas agências de cooperação internacional (Agência Brasileira de Cooperação-ABC e Agência de Cooperação Internacional do Japão-JICA), constatámos haver muitas discrepâncias e contradição nas insuficientes informações e documentos disponíveis, indícios e evidências que confirmam a existência de vícios de concepção do programa; irregularidades no suposto processo de consulta e participação pública; sérias e iminentes ameaças de usurpação de terras dos camponeses e remoção forçada das comunidades das áreas que ocupam actualmente.

Senhor Presidente de Moçambique, Senhora Presidente do Brasil e Senhor Primeiro-Ministro do Japão, a cooperação internacional deve alicerçar-se com base nos interesses e aspirações dos povos para a construção de um mundo mais justo e solidário. Entretanto, o Programa ProSavana não obedece a esses princípios e os seus executores não se propõem, muito menos, se mostram disponíveis a discutir, de forma aberta, as questões de fundo associadas ao desenvolvimento da agricultura no nosso País.

Senhor Presidente Armando Guebuza, gostaríamos de lembrar que Sua Excelência, juntamente com milhões de moçambicanos e moçambicanas, sacrificou grande parte da sua juventude, lutando para libertar o povo e a terra da opressão colonial. Desde esses tempos difi-

ceis, camponeses e camponesas, com os pés firmes na terra, encarregaram-se de produzir comida para a nação moçambicana, erguendo o País dos escombros da guerra para a edificação de uma sociedade independente, justa e solidária, onde todos pudessem sentir-se filhos desta terra libertada.

Senhor Presidente Guebuza, mais de 80% da população moçambicana têm na agricultura familiar o seu meio de vivência, respondendo pela produção de mais de 90% da alimentação do País. O ProSavana constitui um instrumento para a criação de condições óptimas para entrada no País de corporações transnacionais, as quais irão, inevitavelmente, alienar a autonomia das famílias camponesas e desestruturar os sistemas de produção camponesa, podendo provocar o surgimento de famílias sem terra e o aumento da insegurança alimentar, ou seja, a perda das maiores conquistas da nossa Independência Nacional.

Senhora Presidente Dilma Rousseff, a solidariedade entre os povos moçambicano e brasileiro vem desde os difíceis tempos de luta de libertação nacional, passando pela reconstrução nacional durante e após os 16 anos de guerra que Moçambique atravessou. Mais do que ninguém, a Senhora Presidente Dilma sofreu a opressão e foi vítima da ditadura militar no Brasil e conhece o custo da liberdade. Actualmente, dois terços dos alimentos consumidos no Brasil são produzidos por camponeses e camponesas e não pelas corporações que o Governo Brasileiro está a exportar para Moçambique através do ProSavana.

Senhora Presidente Dilma Rousseff, como se justifica que o Governo Brasileiro não dê prioridade ao Programa de Aquisição de Alimentos de Moçambique, o qual nós camponeses e camponesas apoiamos e incentivamos? Paradoxalmente, todos os meios financeiros, materiais e humanos, a vários níveis, são alocados para o desenvolvimento do agro-negócio promovido pelo ProSavana. Como se justifica que a cooperação internacional entre o Brasil, Moçambique e Japão que devia promover a solidariedade entre os povos se converta num instrumento de facilitação de transacções comerciais obscuras e promova a usurpação de terras comunitárias que de forma secular usamos para a produção de comida para a nação moçambicana e não só?

Senhor Primeiro-Ministro Shinzo Abe, o Japão, através da JICA, durante décadas contribuiu para o desenvolvimento da agricultura e outros sectores no nosso País. Repudiamos a actual política de cooperação do Governo Japonês com Moçambique no sector agrário. Mais do que o investimento em mega infra-estrutura no Corredor de Nacala para possibilitar o escoamento de commodities agrícolas, através do Porto de Nacala, bem como o apoio financeiro e humano ao ProSavana, entendemos que a aposta japonesa deve concentrar-se na agricultura camponesa, a única capaz de produzir alimentos adequados em quantidades necessárias para a população moçambicana, assim como promover um desenvolvimento sustentado e inclusivo. Digníssimos representantes dos povos de Moçambique, Brasil e Japão, vivemos uma fase da história marcada pela crescente demanda e expansão de grandes grupos financeiros e corporativos transnacionais pela apropriação e controlo de bens naturais a nível global, transformando-os em mercadoria e assumindo-os como uma oportunidade de negócios.

Excelências,

Diante dos factos apresentados, nós, camponeses e camponesas de Moçambique, famílias das comunidades rurais do Corredor de Nacala, organizações religiosas e da sociedade civil, denunciámos e repudiamos com urgência:

- § A manipulação de informações e intimidação das comunidades e organizações da sociedade civil que se opõem ao ProSavana, apresentando alternativas sustentáveis para o sector agrário;
- § Os iminentes processos de usurpação de terras das comunidades locais por corporações brasileiras, japonesas e nacionais; bem assim de outras nações;
- § O ProSavana fundamenta-se no aumento da produção e produtividade baseada em monoculturas de exportação (milho, soja, mandioca, algodão, cana de açúcar, etc.), que pretende integrar camponeses e camponesas nesse processo produtivo exclusivamente controlado por grandes corporações transnacionais e instituições financeiras multilaterais, destruindo os sistemas de produção da agricultura familiar;
- § A importação das contradições internas do modelo de desenvolvimento da agricultura brasileira para Moçambique.

Diante das denúncias atrás apresentadas, nós camponeses e camponesas de Moçambique, famílias das comunidades rurais do Corredor de Nacala, organizações religiosas e da sociedade civil solicitamos e exigimos uma intervenção urgente de V. Excias Senhor Presidente de Moçambique, Senhora Presidente do

Brasil e Senhor Primeiro-Ministro do Japão, na qualidade de mandatários legítimos dos vossos povos, com o objectivo de travar de forma urgente a lógica de intervenção do Programa ProSavana que trará impactos negativos irreversíveis para as famílias camponesas tais como:

- § O surgimento de famílias e Comunidades Sem Terra em Moçambique, como resultado dos processos de expropriações de terras e consequentes reassentamentos;
- § Frequentes convulsões sociais e conflitos socioambientais nas comunidades ao longo do Corredor de Nacala, e não só;
- § O agravamento e aprofundamento da miséria nas famílias das comunidades rurais e a redução de alternativas de sobrevivência e existência;
- § A destruição dos sistemas de produção das famílias camponesas e, consequentemente, a insegurança alimentar;
- § O aumento da corrupção e de conflitos de interesse;
- § A poluição dos ecossistemas, solos e recursos hídricos como resultado do uso excessivo e descontrolado de pesticidas, fertilizantes químicos e agro-tóxicos;
- § O desequilíbrio ecológico como resultado do desmatamento de extensas áreas florestais para dar lugar aos mega projectos de agro-negócio.

Assim, nós camponeses e camponesas, famílias das comunidades do Corredor de Nacala, organizações religiosas e da sociedade civil nacionais signatários desta Carta Aberta manifestamos, publicamente, a nossa indignação e repúdio contra a forma como o Programa ProSavana tem sido concebido e tende a ser implementado nas nossas terras e comunidades do nosso País. Defendemos o desenvolvimento da agricultura baseado em sistemas de produção e não em produtos, ou seja, a não destruição da lógica produtiva familiar que, para além de questões económicas, incorpora sobretudo a lógica de ocupação de espaços geográficos, a dimensão social e antropológica, que se tem revelado muito sustentável ao longo da história da humanidade. Os movimentos sociais e organizações signatárias desta Carta Aberta dirigem-se a V. Excias Senhor Presidente Armando Guebuza, Senhora Presidente Dilma Rousseff e Senhor Primeiro-Ministro Shinzo Abe, na vossa qualidade de chefes de Governo e de Estado e legítimos representantes dos povos de Moçambique, Brasil e Japão para requerer:

- § Que mandem tomar todas as medidas necessárias para suspensão imediata de todas as acções e projectos em curso nas savanas tropicais do Corredor do Desenvolvimento de Nacala no âmbito da implementação do Programa ProSavana;
- § Que o Governo de Moçambique mande instaurar um mecanismo inclusivo e democrático de construção de um diálogo oficial amplo com todos os sectores da sociedade moçambicana, particularmente camponeses e camponesas, povos do meio rural, comunidades do Corredor, organizações religiosas e da sociedade civil, com o objectivo de definir as suas reais necessidades, aspirações e prioridades da matriz e agenda de desenvolvimento soberano;
- § Que todos os recursos humanos, materiais e financeiros alocados ao Programa ProSavana sejam realocados na definição e implementação de um Plano Nacional de Apoio à Agricultura Familiar sustentável (sistema familiar), defendido há mais de duas décadas pelas famílias camponesas de toda a República de Moçambique, com o objectivo de apoiar e garantir a soberania alimentar de mais de 16 milhões de moçambicanos que têm na agricultura o seu principal meio de vida;
- § Que o Governo moçambicano priorize a soberania alimentar, a agricultura de conservação e agro-ecológica como as únicas soluções sustentáveis para a redução da fome e a promoção da alimentação adequada;
- § Que o Governo moçambicano adopte políticas para o sector agrário centradas no apoio à agricultura camponesa, cujas prioridades assentam no acesso ao crédito rural, serviços de extensão agrária, nos sistemas de irrigação, na valorização das sementes nativas e resistentes às mudanças climáticas, nas infra-estruturas rurais ligadas a criação de capacidade produtiva e em políticas de apoio e incentivo à comercialização rural;

Finalmente e em função do enunciado acima, nós camponeses e camponesas moçambicanas, famílias das comunidades rurais do Corredor de Nacala, organizações religiosas e da sociedade civil exigimos uma cooperação entre os Países assente nos interesses e aspirações genuínas dos povos; uma cooperação que sirva para a promoção de uma sociedade mais justa e solidária. Sonhamos com um Moçambique viável e melhor, onde todos os moçambicanos e moçambicanas se possam sentir filhos desta terra, unidos e engajados na construção de um Estado cuja soberania emana e reside no Povo.

Selo d'@Verdade

As condições em que os médicos trabalham...

Bom dia colegas.

Reflectam comigo as constatações que a seguir apresento. Nesta nossa legítima reivindicação, embora muitas vozes nos tenham dito que temos razão, continuo a pensar que a maior parte dessas vozes não sabe ao concreto o que se passa aqui dentro do sistema. Na verdade, mesmo os nossos chefes que nos chamam de agitadores e que pintam de colorido a situação sabem que o sistema encontra-se gravemente doente. Trata-se de um sistema que há anos vive de improviso e de mentiras.

O problema que salta à vista de muitos analistas pouco esclarecidos é o salário, mas esse não é o único problema que o sector enfrenta, pode estar na lista dos mais graves problemas que têm de ser resolvidos com urgência. Pensem comigo no seguinte:

Quando é que foi a última vez que o colega recebeu uniforme do sistema? Eu lembro-me muito bem. Recebi pela primeira e única vez em Junho de 2006, nessa altura o ministro da Saúde estava de visita ao distrito onde eu estava colocado. Deram-me uma camisa, um par de sapatos, calças e um cinto.

Actualmente, sempre que peço novo uniforme dizem não existe para médicos nem para enfermeiros e aconselham-nos a adquirir com meios próprios. Resultado: o que nós estamos a usar no Sistema Nacional de Saúde não é uniforme, mas sim roupa branca.

Já vi situações caricatas nessa coisa de cada um adquirir uniforme com meios próprios. Conheço uma enfermeira que comprou uma bata e sempre que a vejo só me rio. Tem o formato de uma jaqueta (sem mangas), cumprida que vai até pouco abaixo do joelho. Certa vez perguntei-lhe onde tinha comprado e ela disse: "Encontrei na *calamidade* (roupa usada), como eu não tinha bata e aqui não dão, paguei dez meticais. Mas é branca, não é?". Claro que é branca.

Ela não é a única que tem bata comprada no mercado informal. Um outro técnico de medicina comprou uma bata que, apesar

de ser bonita, tem as seguintes escritas timbradas no bolso: "Dr. Hellen Jefferson – Police Dog Training Specialist". Ishh!!! Para começar ele é homem e parece que o nome que aparece na bata é de uma mulher, não entendo muito de inglês mas ao que tudo indica o nome da instituição na qual a tal Dr. Hellen Jefferson lida com cães de polícia. Eu não sei qual é a relação que ele tem com esses animais.

Uma colega de Serviço Materno-Infantil (SMI) tem no timbre do bolso da bata dela os seguintes dizeres: "Joseph Moor – ESA research Dpt". Curioso. Fui à Internet, no Google procurei o que significava a sigla ESA e descobri que é a "European Space Agency", ou seja, Agência Espacial Europeia, o equivalente à famosa NASA americana... A bata desta colega também é branca, só não sei o que ela tem a ver com a Agência Espacial Europeia.

Também me salta à vista esse uso de identidade alheia. Não consigo digerir estas barbaridades todas, uns mais cautelosos depois de comprar as batas nas "calamidades" têm o cuidado de remover o bolso ou colar uma fita adesiva para não mostrar o timbre.

Vocês acreditam que estes colegas com timbres de instituições que nada têm a ver com o Estado moçambicano são funcionários deste mesmo Estado? O que é que o Estado pode fazer para parar com esta vergonha? E porque não faz? Não é este mesmo Estado que quando vai a uma fábrica de um privado encontra trabalhadores não equipados passa multas (avultadas)? Porque passa multas aos outros sabendo que ele próprio não consegue equipar os seus funcionários?

Quantas vezes o colega já prescreveu Ringer a uma criança com desidratação grave, e a enfermeira lhe disse: "Dr, não temos Ringer, posso dar dextrose"? Quantas vezes já algaliou alguém com Sonda Nasogástrica, quantas vezes já usou algalia como SNG? Quantas vezes já amarrou uma luva na extremidade de uma sonda para recolher líquidos corporais como se se tratasse de um saco colector? Quantas vezes já prescreveu um medicamento e no dia seguinte encontrar uma bolinha no cardex?

Quantas vezes já disse ao doente "isso é um abcesso, precisamos de drenar mas... tens que ir comprar uma lâmina e trazer?". Quantas vezes já disse... "não temos seringas, mas se conseguires na farmácia privada podes comprar, nós vamos aplicar a medicação?". Quantas vezes já disse a uma mãe "o teu filho precisa de apanhar este tipo de medicamento, mas aqui não tem, vou passar-te uma receita. Vais comprar numa farmácia privada e entregas à enfermeira para aplicar?". E... em voz baixa, quantas vezes já espreitou o canal vaginal da sua paciente com a ajuda da lanterna do seu celular?

Onde está a lanterna ginecológica? Quantas vezes já assinou uma requisição de medicamentos e mais de metade aparecem com a seguinte sigla: NHA (não há)? Quantas vezes a sua parteira já guardou plásticos de embalagens para receber bebés no parto por falta de luvas? Quantas vezes? Quantas vezes já o enfermeiro disse "vão para casa, não temos material esterilizado, temos poucas pinças. Voltem amanhã para fazer os pensos?".

A sua consulta pré-natal tem aparelho de TA completo e funcional? Tem glucómetro no seu gabinete? Pergunte-me durante quanto tempo fui recomendado a fazer 2DFC a doentes que deviam estar a fazer 4DFC no tratamento de tuberculose porque não havia 4DFC. E os mesmos dizem-se preocupados com MDR... Tem tido blocos de receituários ao longo do ano?

Eu não... estou cansado de escrever em papel de caqui rugoso. E modelos de guias de transferência? E livros de registo diversos? Você já viu meningite confirmada a ser tratada com cotrimoxazol 240/5 suspensão oral numa enfermaria? Eu já vi e o desfecho foi esse mesmo que está a imaginar. Isso aconteceu porque não havia nenhum injectável...

Agora pergunto: até quando vamos continuar a improvisar tudo? É possível um sistema inteiro viver de faz de conta? Improvisa-se desde que entrámos no sistema (aliás, antes) e a situação continua na mesma. Isso não é normal, só estamos habituados.

Anónimo

Sobre os últimos acontecimentos na Frelimo

Tinha prometido a mim mesmo não falar mais da Frelimo. Tenho de abrir uma excepção hoje. É que os últimos acontecimentos neste partido, por sinal ainda no poder em Moçambique, têm mexido muito com a opinião pública nacional. Com efeito, tenho muitos amigos lá dentro, dentre chefes, colegas, familiares, amigos e vizinhos. Todos eles andam perplexos com as recentes "demissões" de alguns dirigentes superiores de algumas organizações internas, de onde se salientam a Organização da Juventude Moçambicana e, mais recentemente, a Organização da Mulher Moçambicana, portanto, as lideranças máximas dos braços juvenil e feminino da Frelimo.

Até aqui nada de mais, não fossem estes órgãos os que mais peso têm nas contas finais do processo de mobilização das fileiras e na determinação das "vitórias retumbantes" em eleições. Afinal, são os jovens e as mulheres que constituem a maioria dos eleitores, em termos percentuais. Alguns amigos, membros e militantes têm-me dito que tanto os jovens como as mulheres têm mostrado certa relutância, internamen-

te, em obedecer à rígida "disciplina partidária", particularmente neste período de sucessão de Guebuza e da apresentação do novo candidato da Frelimo à presidência do país.

Dizem que há lá dentro uma certa dissonância entre quem será elegível a tal posição, vozes estas que têm ganho eco particularmente junto aos mais jovens (favoráveis à ruptura com os veteranos da luta de libertação nacional) às mulheres (ansiosas por terem uma dama de ferro no leme do país). Dizem os meus "informantes" que a "geração da libertação" tem estado a mitigar, com os recentes afastamentos, possíveis e ruidosas contestações à indicação de mais um idoso para chefiar os destinos do partido e do Estado, eventualmente, nos próximos anos.

O que mais me preocupa nem é isso, para ser sincero. O que mais me preocupa é a oportunidade histórica que as novas gerações no partido podem estar a deixar escapar de tomar as rédeas dos seus próprios destinos e interesses. Pior então com os indifereçáveis esforços

da estrutura interna de propaganda do partido de apagar publicamente a "apagar fogos" ou a distanciar-se das vozes que no meu inbox, no centro social do meu local de trabalho ou nas câmaras das nossas televisões aparecem quase todos os dias a denunciar práticas absolutistas, tiranas e "imperialistas" internas, ao mais alto nível.

PS: Será mesmo que as "estruturas partidárias" dentro da Frelimo anulam, inutilizam e esvaziam toda e qualquer personalidade, dignidade, alma, pensamento ou posicionamento pessoal dos membros e militantes do partido? A ideia de partido é sacra, imponente e invicta a toda e qualquer manifestação individualizada de orientação, reflexão ou expressão de opinião? O frelimista não existe como ser humano, livre e soberano, se não for baptizado e abençoado pelas "estruturas partidárias"? Fora do partido ninguém é mesmo nada na Frelimo?!? ISSO É MUITO PERIGOSO...

Edgar Barroso



RECENSEAR



SMS: 90440
(válido nas redes 84 e 86 ao custo de 2 Mt)

até 23 de Julho para poderes votar
Depois conta-nos: # Foi fácil? # A equipa foi simpática?
Havia uma fila longa? # Tiveste algum problema?



Email: averdademz@gmail.com



WhatsApp: 84 399 8634




BBM Pin: 2A8BBEFA



CASA
JOVEM

Novo Produto

VIVENDINHAS T3



**Sala de estar
1 casa de banho comum
Sala de jantar**

**2 quartos
Cozinha (espaço aberto)
Quintal e estacionamento**

**1 quarto com
Casa de banho
privativa**

www.casajovem.co.mz



www.facebook.com/casajovem

Av. Mao Tsé Tung 479

Cel: 823074773 / 84341323

Tel: 21 483637

Fax: 21 486835



O Pulsar Da Cidade



Departamento Comercial

Av. Mao Tsé Tung 479

Cel: 823074773 / 84341323

Tel: 21 483637

Fax: 21 486835

Cuamba

Os “primeiros” passos de um município

Elevada à categoria de cidade há sensivelmente 42 anos, Cuamba ainda é uma urbe com características rurais, onde prevalecem problemas relacionados com o desemprego, a falta de água potável e estradas sem asfalto, não obstante o esforço das autoridades municipais locais. A abertura de novos furos de água, a construção de unidades sanitárias e o início das obras de colocação de pavé na via pública são alguns sinais de progresso que saltam à vista, revelando que estes são apenas os primeiros anos de um município cujo desenvolvimento socioeconómico vem sendo adiado há quatro décadas.

Texto & Foto: Helder Xavier

Quando os ponteiros do relógio marcam as 15h30, a azáfama dos que fazem da estação do Corredor de Desenvolvimento do Norte (CDN), na cidade de Cuamba, um lugar de sobrevivência faz-se sentir com maior intensidade. Escolher o melhor sítio para se instalar, perscrutar potenciais clientes e expor os produtos são as primeiras coisas que um grupo de homens, mulheres e até crianças faz quando chega o comboio. Os mesmos percorrem longas distâncias. Na sua maioria, provêm de diversos bairros limítrofes da Cuamba e não só. E cruzam-se debaixo de um sol intenso para ganhar o sustento diário e, consequentemente, fomentar a economia local e contribuir para o crescimento da urbe, ainda que informalmente.

A estação do CDN não é somente um simples ponto de encontro e lugar de sobrevivência. É também uma escola onde dezenas de jovens desempregados aprendem a ganhar a vida. Mas, diga-se de passagem, neste espaço as lições e as regras são outras. Até porque são traçadas todos os dias – com excepção das segundas-feiras – pela necessidade de se obter o pão de cada dia. E também pelo curso da própria vida. “É neste local onde comecei a ganhar o meu sustento diário e da minha família. Este é o meu posto de trabalho”, afirma Juma Manuel Agy, de 34 anos de idade, estivador há aproximadamente quatro anos, que nasceu neste ponto do país, cresceu entre as cidades de Lichinga e Nampula, mas decidiu fixar residência em Cuamba, onde há 16 anos mora com o seu agregado familiar constituído por sete pessoas.

De terça a domingo, quando o comboio chega por volta das 15h30 na estação de Cuamba, o local torna-se um centro de oportunidades de negócio para muitas famílias. Cebola, tomate, feijão, mandioca, entre outros produtos agrícolas adquiridos ao longo da viagem, são os mais vendidos.

Com a 5ª classe interrompida, Estêvão António, de 28 anos de idade, tentou ganhar a vida vendendo sacos plásticos e capulanas no comboio durante as viagens Nampula-Cuamba e vice versa, mas, volvidos seis meses, abandonou a actividade. Mais tarde, depois de jun-



tar algum dinheiro, abriu uma pequena banca na sua terra natal (Cuamba), no entanto, os elevados custos de transporte para a aquisição dos produtos na “capital do norte” precipitou a falência do seu negócio de produtos de primeira necessidade. Presentemente, na maior parte do tempo fica a ver o dia a passar lamentando a falta de oportunidades de emprego para os jovens. E não pensa em continuar com os estudos, pelo contrário, prepara-se para abandonar a cidade à procura de um futuro em Nampula.

A falta de emprego tem sido uma das grandes preocupações da juventude. Paira um sentimento de abandono, pois a cidade não conheceu absolutamente nenhum investimento de vulto com o intuito de galvanizar o desenvolvimento económico local. Para os mais jovens, Cuamba ainda é um lugar interdito à prosperidade. A maioria não tem motivos de orgulho da urbe onde reside há anos, apesar de já começarem a surgir os primeiros sinais de desenvolvimento. O desagrado de viver neste município que, em tempos idos, era considerada a capital económica da província do Niassa continua estampado nos rostos dos munícipes.

Fernando Aiuba, de 43 anos de idade, oriundo da cidade de Maputo, reside há mais de 20 anos nesta autarquia e conta que teve dificuldades em adaptar-se a tudo: às ruas sem asfalto, à falta de água, ao deficitário acesso aos cuidados básicos de saúde e à vida recatada. Por outro lado, mostra-se insatisfeito com o estado em que se encontra a urbe. “Já começa a assistir-se a algum trabalho por parte da edilidade, porém, nada muda, os problemas continuam”, diz.

O “eterno” problema da falta de água

Todas as manhãs, Anabela Momade, quando sai de casa para ir buscar água, tem de caminhar pelo menos uma hora e meia até ao furo mais próximo. A situação fica mais complicada quando precisa de lavar a roupa. Ela é obrigada a percorrer, no mínimo, três quilómetros até ao rio. É a esse local onde centenas de munícipes recorrem. O aglomerado de gente no curso de água que atravessa a cidade revela o crítico problema da falta do precioso líquido.

A escassez de água para o consumo tem sido a principal dor de cabeça dos moradores de Cuamba. Apesar de as autoridades municipais terem aberto 12 novos furos, perfazendo um total de 93, os problemas continuam. Ou seja, o poço não satisfaz



todos os residentes. Tem sido uma vida de sofrimento para a população.

A situação que se verificava há dois anos ainda persiste. A título de exemplo, todos os dias, pelas manhãs, o cenário é sempre o mesmo: homens, mulheres e crianças circulam pelas artérias da urbe com diversos recipientes. Uns a pé e outros de bicicleta, mas todos são movidos pelo mesmo objectivo: obter água potável. Um calvário que come-



ACONTECEU
A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade
SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.



ça nas primeiras horas do dia e prolonga-se até ao pôr-do-sol.

Tanto o manifesto eleitoral do edil demissionário, como o do actual, a questão de acesso à água canalizada para a população é uma das principais prioridades, porém, pouco ou quase nada foi feito. Até agora, a única solução encontrada pelos moradores mais desfavorecidos é o rio, para onde centenas de famílias acorrem para lavar a roupa e buscar água para o consumo. Na maioria dos bairros, o acesso à água potável ainda é um problema sério que afecta directamente milhares de agregados familiares que compõem o município. E, como se não bastasse, a essa situação agrega-se o precário (ou quase inexistente) sistema de abastecimento.

A edilidade pretende abrir mais furos de modo a aliviar o sofrimento dos munícipes, mas as rochas dificultam. A título ilustrativo, no bairro de Aeroporto foram feitas diversas tentativas em locais diferentes e não foi possível encontrar água. Em Maniua também se verificou a mesma situação. Segundo o Conselho Municipal, esse problema acentua a crise em Cuamba.

A percentagem de cobertura da rede de abastecimento de água canalizada em Cuamba ronda os 18 por cento. Porém, as autoridades municipais querem inverter esse cenário. Já foi lançado um concurso para a implementação de um projecto que preconiza a colocação de uma nova tubagem de diâmetro maior, partindo da fonte em Mpopola até à zona de Rimbane, o que vai permitir a pouco mais de 50 por cento dos munícipes o acesso a água potável.



Saúde e saneamento do meio

O acesso aos serviços de saúde no município de Cuamba continua precário, não obstante a construção de novas unidades sanitárias com o objectivo de descongestionar o único centro de saúde da cidade. Presentemente, a autarquia conta com um hospital rural, um centro e três postos de saúde. Porém, apesar disso, a situação ainda é dramática, pois a maior parte da população, sobretudo os moradores do bairro de Xilico, é obrigada a percorrer pelo menos três quilómetros para obter os cuidados básicos.

As novas unidades sanitárias foram erguidas no bairro de Teterane e na zona de Adine 3 e vão atenuar o sofrimento dos moradores dos 11 bairros que constituem o município de Cuamba, uma vez que vão reduzir as longas distâncias que a população percorria. Por outro lado, de modo a garantir o bem-estar dos munícipes, a edilidade assumiu o desafio de construir um centro de saúde anualmente.

Relativamente ao saneamento do meio, tem havido recolha de resíduos sólidos de forma permanente na zona urbana, porém, o mesmo não acontece na periferia. O que há dois anos era um problema que saltava à vista nas estradas poeirentas de Cuamba, pondo a descoberto um sistema ineficiente de recolha de lixo, hoje o cenário é inverso. Um pouco por todo lado, é possível ver o esforço do Conselho Municipal de uma pequena cidade com todas as características rurais.

Contando apenas com três tractores, o lixo é removido diariamente. Além de garantir a limpeza da cidade, o Conselho Municipal tem vindo a apostar na construção de sanitários nos locais públicos tais como mercados, escolas, unidades de saúde, entre outros.



Breve historial

Localizada no distrito com o mesmo nome, antes da independência nacional, Cuamba era conhecida por Nova Freixo. Hoje, administrativamente, é um município com uma população estimada em 56.801 habitantes. O distrito conta com mais de 184 mil pessoas, distribuídas em 43.290 agregados familiares, e tem uma superfície de 5.359 km². Elevada à categoria de cidade a 30 de Setembro de 1971, ainda é uma das urbes moçambicanas cujo desenvolvimento social e económico acontece de forma tímida.

A nível de distrito de Cuamba, apenas 0.6 por cento dos agregados familiares – num total de 43, 290 – tem água canalizada no domicílio, aproximadamente nove fora dele, quase 34 por cento recorrem aos poços (a céu aberto) e 31 socorrem-se dos rios.

Município de Cuamba em números

Vereações: 6
População: 56.801
Unidades sanitárias: 5
Água canalizada: 18%
Furos de água: 93
Bairros: 11
Funcionários do município: 295

Vias de acesso, electricidade e transporte

Nem todos os problemas estão resolvidos, pois a população de Cuamba clama pela reabilitação de vias de acesso, reabilitação, construção de salas de aula, instalação de corrente eléctrica e pelo transporte.

No que respeita ao melhoramento das vias públicas, ainda há muito por ser feito. Diga-se, em abono da verdade, a cidade ainda não dispõe de uma estrada asfaltada sequer. Mas a edilidade teve a ousadia de iniciar as obras de colocação de pavé em algumas vias de acesso, como é o caso da Avenida Samora Machel.

Relativamente à expansão da rede eléctrica, ela acontece de forma tímida. Grande parte dos bairros do município de Cuamba debate-se com o problema de falta de corrente eléctrica. Porém, segundo as autoridades municipais, essa situação tem os dias contados, pois já existe um projecto para a electrificação de algumas zonas residenciais, tal é o caso dos bairros Xilico e Matia e o povoado de Cansina. A parte urbana vai beneficiar de reabilitação total da rede de modo a melhorar-se a qualidade da energia, que presentemente é considerado deplorável.

A par dos problemas relacionados com a falta de vias de acesso e a precariedade da electricidade, os munícipes debatem-se com a ausência de transporte público urbano. Não existe sequer uma viatura fazendo a ligação entre os bairros. Para se deslocar de um ponto para o outro, a população socorre-se de motorizadas, o principal meio de transporte dos cidadãos.



ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

“Estamos a crescer”

A falta de água potável e a precariedade das vias de acesso são os principais problemas que enfrenta a cidade de Cuamba. Quando assumiu a presidência do Conselho Municipal da urbe, Vicente da Costa Lourenço tinha como missão dar continuidade às obras do seu antecessor. Presentemente, faz um balanço positivo do mandato que abraçou a dois anos do fim. E, apesar de enormes desafios que o município tem pela frente, ele afirma que a autarquia “está a crescer”. Porém, o que deixa o edil orgulhoso é o início das obras de colocação de pavé na via pública.

Texto & Foto: Helder Xavier

@Verdade - Qual é o balanço da sua governação?

Vicente da Costa Lourenço (VCL) - O balanço é positivo na medida que assumi a gestão a dois anos do fim do mandato. Tinha de dar continuidade algumas obras que se encontravam paradas. Refiro-me, sobretudo, à morgue. Os munícipes, assim como os doadores, queriam a casa mortuária pronta, mas houve algumas razões que levaram à interrupção da obra em 2010. Também tínhamos a questão dos mercados, existiam dois pavilhões por terminar. Concluimos o pavilhão do mercado 7 de Setembro e central. Numa primeira fase, demos prioridade a esses empreendimentos e, em 2012, concluimos todas as obras paralisadas. Também comprámos uma viatura para ajudar nos serviços funerários em Cuamba, uma vez que não existia um carro para essa finalidade. Isto foi bom para os munícipes que são utentes e os doadores, pois continuarão a apoiar o nosso município.

@V - Quais foram as realizações da edilidade nesses últimos dois anos?

VCL - Trabalhámos no fornecimento de água, abrindo 11 furos. Construímos um centro de saúde e achamos que esta actividade deve ser anual, razão pela qual este ano estamos a construir outra unidade sanitária na zona de Adine 3. A que está já concluída é a da zona de Teterane e a previsão é que neste mês (Maio) vamos proceder à entrega ao Ministério da Saúde e no mesmo dia vamos fazer a inauguração. Além disso, em relação à Educação, temos vindo a fazer um trabalho muito grande na construção de salas de aulas. Durante as visitas que fizemos, constatámos que as que existem na sua maioria são de construção precária e isto incomoda muito os nossos munícipes, pois têm de procurar capim, e não só, nos tempos chuvosos as crianças são obrigadas a interromper as aulas. Como o nosso manifesto eleitoral preconiza melhorar a Saúde e a Educação, achamos melhor criar condições infra-estruturais para o bem-estar dos munícipes de Cuamba. No ano passado, construímos quatro salas de aulas e achamos que este ano devíamos fazer mais. Neste momento, estamos a construir 27 salas de aulas nas diversas escolas, nomeadamente Namuite, Namutimbua, Atenas, Mucuapa, Minas e Maniua.

@V - Além dos desafios acima mencionados, o que mais encontrou quando assumiu a gestão municipal de Cuamba?

VCL - Outros grandes problemas que encontrei, além dos



que já mencionei, é a questão das vias de acesso e água potável. Na área de estradas, nós fizemos a reabilitação, sobretudo nos bairros onde abrimos uma nova estrada que liga o bairro de Mujaua à cidade, melhorámos uma ponte na zona da San. Além disso, um facto muito importante foi a ousadia que tivemos de, pela primeira vez, iniciar a colocação de pavé em Cuamba. Este é um sonho que tinha em relação à cidade de Cuamba. Nós achamos que tínhamos de fazer, e já estamos a atingir os 100 metros agora na Avenida Samora Machel. Neste ano temos um quilómetro por pavimentar, os próximos anos vamos avançar mais, de maneira a melhorar as nossas estradas para o bem dos munícipes. Também estamos em negociações com a Administração Nacional de Estradas (ANE) para ver se é possível integrar uma adenda ao contrato de asfaltagem da estrada Malema-Cuamba. O acordo já foi assinado, mas preconiza metade da Avenida Eduardo Mondlane.

@V - Em relação ao acesso a água potável, disse que a edilidade construiu 11 furos, mas tudo indica que ainda prevalece o problema. A que se deve?

VCL - Relativamente à água, é verdade que em Cuamba é um problema muito sério. Há insuficiência do precioso líquido, mas isso deriva da própria conduta que sai de Mpopola até à cidade, pois é menor e não é capaz de fazer a cobertura devido ao crescimento demográfico. Porém, não estamos parados, trabalhamos bastante com o nosso parceiro que é o Fundo de Investimento e Património do Abastecimento de Água (FIPAG) de maneira que corrija a situação. Estamos felizes porque o concurso já foi lançado para a implementação de um grande projecto que preconiza a colocação de uma nova tubagem de diâmetro maior, que vai partir da fonte em Mpopola até à zona de Rimbane. Também será construído um novo centro de tratamento e distribuição de água e daí vão sair duas condutas, uma passará pelo bairro do Aeroporto (o mais populoso da cidade de Cuamba) e outra pela San. Este projecto vai ajudar-nos bastante. Enquanto não se materializa, já estamos a dar furos de água à população.

@V - O que está a ser feito a nível do saneamento do meio, principal na recolha dos resíduos sólidos?

VCL - No que tange aos resíduos sólidos, só posso dizer que todo o lixo que produzimos, limpamos. A recolha é feita diariamente. Numa primeira fase, tínhamos um único tractor, mas nós trabalhámos com os nossos doadores e conseguimos mais dois. Presentemente, contamos com três, porém, vamos precisar de mais porque a cidade está a crescer. Neste momento, estamos a estudar a possibilidade ter mais um tractor e um camião basculante. Estamos a fazer uma cobertura considerável a nível da cidade. Mas não estamos felizes, queremos aumentar o efectivo de trabalhadores e os meios de recolha de lixo. Neste momento, dispomos de um quadro de pessoal já esgotado. Outra questão é a dos sanitários públicos. Não tínhamos nos mercados, escolas e outros lugares públicos. Graças à colaboração dos nossos parceiros, principalmente da Direcção Nacional de Águas, temos um projecto de construção de sanitários. Esses sanitários estão localizados nos mercados, nas escolas e também reforçamos nas unidades sanitárias. Nsse projecto, as obras estão em execução e, dentro em breve, vamos ultrapassar esse problema.

@V - Cresce o número de construções desordenadas na cidade de Cuamba. Como é que a edilidade olha para esse fenómeno?

VCL - É verdade que existem bairros que precisam de ser requalificados, sobretudo em Mutxoura e uma parte do bairro do Aeroporto. Mas o nosso problema é termos, primeiro, um espaço e criar condições de habitabilidade. Não nos queremos precipitar, agora estamos a lutar para criar uma nova zona de expansão de Indjato e Soloma. Estávamos em negociações com as populações residentes nessas zonas para ver se aceitavam a nossa proposta. Já temos dinheiro, fornecido pelos nossos doadores, para desenhar um plano pormenorizado desses novos bairros. Agora o passo subsequente é a elaboração desse plano e depois começaremos com a distribuição de talhões. Mas isto não basta para as populações que construíram as suas casas de forma desordenada, é preciso arranjar um fundo para a indemnização, nós não vamos tirar as pessoas fazendo o uso da força e meios coercivos. Estamos a lutar de modo a ter alguns parceiros para nos ajudarem de maneira a requalificar essas zonas. Tínhamos também o problema de toponímia. Hoje quem chega a Cuamba pela primeira vez pode saber que está na avenida X ou Y, e o passo seguinte será a colocação de sinais de trânsito.

@V - A cidade de Cuamba tem recebido alguns investimentos?

VCL - Tem havido alguns projectos. Já começam a surgir pequenos empreendimentos turísticos locais. Agora o que temos de fazer é vender a nossa imagem para atrair os agentes económicos. A asfaltagem da estrada Nampula-Cuamba vai trazer benefícios para a nossa cidade. Falo também da linha férrea Nacala-Cuamba-Malawi-Tete que vai trazer uma grande mudança. Agora fala-se da reabilitação da linha Cuamba-Lichinga, isso vai trazer muitos ganhos. Cuamba já, foi por muito tempo, capital económica do Niassa, mas este papel perdeu-se por causa da guerra, uma vez que a linha férrea desapareceu, e a estrada também. No entanto, daqui a alguns anos, ela vai retomar a sua posição anterior. Estamos a crescer.

@V - Em que estágio se encontra o município de Cuamba, em termos de arrecadação de receitas?

VCL - Em 2012, arrecadámos cerca de seis milhões de meticais. Há momentos em que a receita é elevada, há outros em que desce drasticamente, mas são problemas do próprio negócio.

Uma reconstrução dolorosa

O edil de Chókwè, Jorge Macuácuá, afirma que a grande vitória do seu mandato é a distribuição de água. Orgulha-se de cerca de “99 por cento de cobertura” e esclarece que o processo de reconstrução da cidade ainda vai levar tempo. As receitas próprias da edilidade, com as cheias de Janeiro de 2013, reduziram em cerca de 300 mil meticais. Isso, diz, prejudica o processo de terraplanagem de ruas que foram devastadas pelas águas. A morgue ainda é um problema. Ou seja, são necessários 500 mil meticais para recuperar o sistema de frio e permitir que os enterros não tenham de ocorrer, obrigatoriamente, dentro de 24 horas depois dos óbitos. Jorge Macuácuá não pensa num terceiro mandato...

Texto & Foto: **Rui Lamarques**

(@V) - O Município de Chókwè foi devastado recentemente pelas cheias. Como é que está a decorrer o processo de reconstrução?

(Jorge Macuácuá) - Primeiro, devo dizer que o problema que tivemos não resultou das águas oriundas da África do Sul e do Zimbábue. Isso afectou Chókwè. Foi um fenómeno violento que destruiu muitas casas e infra-estruturas municipais. A nossa acção incidiu na limpeza da cidade. As cheias deixaram muito lixo orgânico e lodo e tivemos de limpar a cidade. Fora esse aspecto, deparámos com resíduos sólidos que provinham dos estabelecimentos comerciais e industriais. Era preciso livrar a cidade desse lixo que representava um perigo para a saúde e vida dos munícipes. Tivemos de nos envolver na limpeza desses detritos. Importa realçar que tivemos o apoio do Governo provincial e central em termos de meios. Algumas organizações de carácter religioso e humanitário ajudaram muito. Devo destacar o papel dos Samaritanos que, com um valor de 34 mil dólares, estabeleceram uma parceria com o Conselho Municipal da qual resultou o envolvimento de 3000 voluntários oriundos dos oito bairros da nossa cidade para trabalharem na limpeza de cinco bairros. Esses voluntários fizeram a limpeza nas estradas, em escolas, hospitais e postos de saúde. Importa referir que também fizeram a remoção desse lixo com o apoio de um camião basculante e um pá carregadora. Faltam 11 dias (os trabalhos terminam no dia 17 de Junho) para o fim do projecto. Ainda não atingimos o nível de outrora, mas estamos a caminho. Digo isso porque vamos, de agora em diante, trabalhar com o Programa Mundial de Alimentação (PMA).

A nossa população envolveu-se na reconstrução das suas casas e na produção agrícola. Hoje temos tomate ao nível da cintura da cidade. Na nossa zona verde pode ser vista uma vasta gama de verduras e hortícolas, como também a produção de cereais. A população está a sair paulatinamente de uma situação de pobreza. A actividade comercial e os serviços bancários, com excepção de uma unidade, estão operacionais. As escolas voltaram à normalidade.

Na área de saneamento, iniciámos um projecto de construção de latrinas melhoradas. Com a colaboração da Cruz Vermelha estamos a apoiar 100 famílias de baixa renda.

(@V) - Isso é tudo que o município fez?

(JM) - De uma forma geral, esse é o trabalho que estamos a fazer para que a nossa cidade volte a ser aquilo que era. É verdade que precisamos de muito para chegar lá. Necessitamos de 18 milhões de meticais para tapar os buracos na estrada causados pelas cheias e terraplanar as nossas ruas, como também reabilitar duas pontes de pequena dimensão, mas de extrema utilidade para se chegar às zonas de produção agrícola. O equipamento da nossa morgue ficou literalmente danificado com as cheias e vamos precisar de um valor para repor o sistema de frio. Actualmente, os enterros em Chókwè têm de acontecer dentro de 24 horas a seguir à morte. Essa é uma grande aflição, mas também precisamos de reconstruir as nossas valas de drenagem das águas pluviais. Estamos a trabalhar com receitas próprias para o efeito, mas carecemos de algum apoio adicional.

(@V) - Quanto é que custaria a reabilitação da morgue?

(JM) - Não estamos a falar de uma reabilitação total, mas sim da aquisição dos meios de frio, os quais estão avaliados em cerca de 500 mil meticais.



(@V) - Qual é o nível de receitas próprias do município de Chókwè?

(JM) - A nossa receita era de cerca de 900 mil meticais por mês, mas, com a situação das cheias, reduziu para 600 mil meticais.

(@V) - Até que ponto essa redução compromete a execução das actividades municipais?

(JM) - Comprometem porque 60 por cento dessas receitas entram nas despesas de capital e servem para a reconstrução das estradas e para edificar novas infra-estruturas.

(@V) - Antes da calamidade que se abateu sobre a cidade quantos quilómetros de estrada foram asfaltados e terraplanados?

(JM) - Antes da situação tínhamos conseguido pavimentar 3100 metros com o esforço próprio do município. A meta para o quinquénio era de 5000 metros. Queríamos também fazer 400 quilómetros de terraplanagem, mas neste momento podemos regozijar-nos pelo facto de o pavet não ter ficado danificado. Nas outras estradas, tanto o asfalto como a terraplanagem ficaram destruídos. Neste momento temos de fazer uma intervenção em cerca de 70 quilómetros de terraplanagem e nove no tapamento de buracos nas estradas da urbe.

(@V) - A água foi sempre um problema na cidade de Chókwè. Ainda é?

(JM) - A água é o grande ganho deste mandato. A percentagem de acesso a água no que diz respeito ao abastecimento ronda os 99 por cento. Falo desse percentagem porque todos os bairros têm água 24 horas por dia. Muitas famílias já dispõem de água canalizada. Portanto, em toda a cidade de Chókwè temos água em quantidade e qualidade. É um grande ganho nesse aspecto. De lembrar que partimos de uma situação de 53 por cento para 99 em quatro anos.

(@V) - Qual é o nível de pobreza urbana?

(JM) - Primeiro, devo falar de segurança alimentar. 80 por cento da população de Chókwè vive basicamente da agricultura. Portanto, no cômputo geral, não existem problemas de fome. No entanto, por causa da situação de cheias nas quais as áreas agrícolas foram seriamente afectadas, temos uma pequena bolsa de fome ao nível dos bairros. Essa situação vai prevalecer pelo menos mais 60 dias até que a população tenha comida em abundância, resultante das colheitas. O índice da pobreza estava a diminuir claramente. É certo que uma parte das casas da cidade é de carácter misto, mas este mandato registou uma nova dinâmica na área da construção. Foram erguidas 150 casas de alvenaria. Não estou a falar de casas por concluir.

(@V) - São casas construídas pelo município?

(JM) - Não. Estou a falar da própria contribuição dos munícipes, uma vez que pretendemos medir o nível de pobreza no município.

(@V) - O acesso à corrente eléctrica ainda é um problema em Chókwè?

(JM) - Todos bairros que beneficiam de corrente eléctrica, com a excepção de uma unidade que terá energia este ano. São cerca de 25 famílias que carecem de corrente eléctrica. Mas isso acontece porque a expansão da cidade é dinâmica e há algumas famílias que avançaram na construção antes de a energia chegar. Porém, em termos de alcance, todos os bairros já têm energia.

(@V) - As pessoas ainda percorrem longas distâncias para beneficiarem de assistência médica?

(JM) - Neste mandato construímos um posto de saúde no maior bairro do município. Portanto, a cidade de Chókwè tem dois centros de saúde e um hospital rural de referência. E nós como município estamos a construir um posto de saúde num bairro distante para a prestação de primeiros socorros. Em termos de saúde, é o que temos. Não restam dúvidas de que há problemas no que concerne ao número de profissionais da Saúde. O rácio ainda é fraco.

(@V) - A gestão do solo urbano tem sido um problema para o município?

(JM) - Este ano tivemos um relaxamento, mas ao longo do mandato conseguimos parcelar 3800 talhões em nove bairros. Também abrimos 21 novas vias de acesso.

(@V) - Estas vias de acesso não ficaram danificadas com as cheias?

(JM) - Ao nível da terraplanagem, mas agora estamos preocupados com a posição do solo.

(@V) - Qual é a maior dor de cabeça que o município enfrentou nesse processo?

(JM) - Devo dizer que o grande problema de Chókwè, quando chove, é o sistema de drenagem das águas residuais. A cidade tem um défice na construção de uma rede de drenagem. Apenas o primeiro bairro e o segundo, na zona de cimento, é que dispõem de um sistema de rede de esgotos. Os restantes bairros não têm. Por isso construímos uma vala de drenagem a céu aberto que está a escoar as águas. Chókwè é uma cidade propensa a inundações sempre que chove em demasia.

(@V) - Olhando para as receitas do município e para o custo de uma operação de construção de um sistema de drenagem eficaz, o que é possível fazer?

(JM) - Temos o fundo de investimento de iniciativa local, mas temos um projecto financiado pelo Banco Mundial que consiste na construção de uma vala de drenagem, orçada em 98 mil dólares. Esse valor não é suficiente para construir um subsistema de drenagem. O que nos propusemos fazer é reabilitar um sistema de drenagem no primeiro bairro.

(@V) - @Verdade passou pelo município de Chókwè em 2011 e constatou que a estrada que liga a cidade ao país está num estado avançado de degradação. Volvidos dois anos, voltámos e verificámos que a via de acesso se encontra na mesma situação. Existe algum plano para reabilitar aquela via?

(JM) - A reabilitação daquela via não é da responsabilidade do município, mas sim da Administração Nacional de Estradas. O que se sabe é que este ano não há fundos para essa reabilitação, mas tudo indica que em 2014 a reabilitação terá lugar. Este ano não haverá uma intervenção profunda, mas apenas uma operação de rotina.

(@V) - Em que pé está o reassentamento das vítimas das cheias?

(JM) - Estamos a trabalhar com vista a atribuir talhões em zonas seguras. 1400 munícipes já têm talhões em Chihaquelane. 50 estão em Mazivila e outros 150 na vila da Macia. Ao nível da cidade identificámos bairros que podem ser urbanizados. Com as cheias de 2000 e as mais recentes em 2013, esses espaços não foram alcançados. Portanto, as pessoas que têm dificuldades económicas podem ser realojadas nesses bairros. No entanto, as pessoas têm a tendência de voltar sempre para os locais de risco por causa da proximidade do rio e da possibilidade de retirar maior partido da terra.

(@V) - Como é que se lida com esse problema?

(JM) - Temos estado a sensibilizar as pessoas no sentido de construírem coisas de fácil reposição na zona propensa, mas ainda não conseguimos. Nas últimas cheias a população não quis sair para um lugar seguro.

(@V) - Pensa em recandidatar-se?

(JM) - Não.

(@V) - Porquê?

(JM) - Penso que 10 anos é muito. Quero deixar o lugar para outros camaradas.

Uma cidade desfigurada pelas águas

Transformar uma cidade pobre, com potencial agrícola e à mercê das calamidades naturais num lugar para viver, é uma tarefa hercúlea mesmo para as pessoas mais determinadas. Esse é o problema de Chókwè, uma cidade onde a vontade da natureza impera sobre a actividade humana. No início deste ano a natureza, sempre ela, desfigurou uma cidade que já tinha 3100 quilómetros de estradas asfaltadas e outros 400 de ruas terraplanadas.

Texto & Foto: Rui Lamarques



É difícil imaginar que, há pouco menos de 35 anos, brotavam arrozais aos pés dos regadios de Chókwè. Os campos alagadiços estendiam-se pelas margens tortuosas de uma estrada impecável. Em 1982, quando Moçambique mal assimilava a crise na agricultura daquele ano negro, o distrito de Chókwè ainda se dedicava a produzir comida para alimentar Maputo e outras cidades do país.

A cidade de Chókwè, sede do distrito do mesmo nome, tem como limites físicos o distrito de Guijá ao norte e o Rio Limpopo a nordeste. Os restantes limites são artificiais, sendo definidos por alinhamentos rectos. A cidade tem um clima do tipo tropical chuvoso de savana. A morfologia quase plana é caracterizada por solos cinzentos arenosos; argilosos granulosos, calcimórficos e hidromórficos. Chókwè foi concebida como pólo de desenvolvimento complementar da cidade de Xai-Xai.

Do nada, e a expressão não é gratuita, o verde-esmeralda das plantações perdeu fulgor e Chókwè deixou de ser o celeiro do país. Quando o sol se põe, as sombras das fábricas de processamento em construção avançam sobre o campo. E então, ao cair da noite, surge um festival de luzes intermitentes. A água, essa, sempre que pode, devasta a planície e semeia a pobreza no seio de 80 por cento da população que vive da agricultura. Uma barragem em Mapai, dizem, pode ser a solução para acabar com uma situação que o homem não olha como uma prioridade, mas que já ceifou milhares de vidas. Prostitutas deambulam pelo centro da urbe à procura de clientes. Esta é a história de uma cidade onde só pode crescer aquilo que á água quiser.

Os trabalhos de remoção de resíduos sólidos, a terraplanagem das vias de acesso, a reabilitação de escolas e de pontes compõem a nova lista de prioridades que a água impôs. É comum ouvir responsáveis municipais exultantes com o ritmo da reconstrução. Querem que Chókwè seja um lugar acolhedor, mas a verdade ao redor do centro da cidade mostra que ainda há muito trabalho. E para chegar lá o município tem de contar com muito mais do que as suas receitas podem pagar. 900 mil meticais é muito pouco para custear o que é preciso fazer.

A vida no centro da urbe restringe-se ao comércio informal. Antes de o sol nascer jovens robustos estacionam os seus txovas e ficam à espera de clientes. Alguns aproveitaram para dormir enquanto os clientes não surgem. Alfredo e Jorge carregam sacos de carvão para um mercado próximo da terminal de autocarros. Os seus rostos ficam rapidamente cobertos de detritos do carvão oriundo de Chigubo e que faz uma paragem em Chókwè para seguir, depois, para Maputo. A poeira esconde a barba rala e malfeita. Só à noite têm tempo para se limpar. Em breve, o trabalho árduo, dizem, vai acabar. Já juntaram dinheiro suficiente para atravessar a fronteira e tentar ganhar a vida na vizinha África do Sul. Nem a fábrica de processamento de cereais que cresce imponente e já emprega 150 trabalhadores atrai a sua atenção.

e poderoso”, diz Alfredo. “É muito fácil ganhar dinheiro aqui”. A roupa que vestem à noite quando saem para “matar” o frio com duas garrafas de um whisky de má qualidade, mas que ajuda a dormir, é fruto de 100 meticais diários que fazem na praça. Uma fortuna. Assim, Alfredo e Jorge têm emprego garantido. “Não temos a ambição de trabalhar na fábrica. O nosso sonho é chegar à África do Sul”, diz Jorge.

Os munícipes

A actividade comercial no centro da urbe tem atraído os nativos para a zona urbana. Dos mais de 50 mil habitantes, estima-se que dois terços abraçam o desemprego. Uma massa tão grande de pessoas em idade activa leva 80 por cento da população para a agricultura. No quarteirão 4, no sexto bairro, são quatro horas quando João Ernesto, de 45 anos, chefe de um agregado familiar de sete pessoas, sai de casa andrajosamente vestido. Àquela hora o bairro é apenas seu, não há lugar para vergonhas. Vai ao campo cultivar. Às seis, regressa. É o seu biscate diário, a “safa” que lhe engorda o rendimento mensal inferior a dois mil meticais. João Ernesto é rebento de uma época em que a cabeça dos jovens era inundada pelo sonho de rumar às minas da África do Sul, todavia, a aventura da emigração nunca lhe rimou nos ouvidos. Lá para longe, só partiu duas vezes. Foi até Joanesburgo, com uma muda de roupa, para trabalhar nas “farms”: “Com essas economias criei sete filhos. Dois Deus já mos levou.” João é funcionário de um estabelecimento comercial no centro de Chókwè. As madrugadas são passadas, porque o salário não “dá para nada”, a tentar retirar o que for possível da terra. O zelo de um hectare permite-lhe arrecadar 1200 meticais, o suficiente para comprar mensalmente um saco de arroz de 25 quilos, sobrando-lhe 700 para outras despesas.



Noutro bairro da cidade de Chókwè, encontra-se Maria Joana. De rosto enrugado, carrega nos braços o seu “bocado”: Quatro tomates, duas batatas e pó de caril para “escapar à miséria”. Perdeu o marido no tempo em que se enganava a fome com talos de repolho. Hoje, para Maria, mãe de seis filhos, cair na esteira sem a barriga numa moinha é fortuna de dia de festa. Depois de entregar os artigos de cozinha à filha mais velha, parte para o centro da cidade onde

trabalha como doméstica. Auferir dois mil meticais por mês. Guardar dinheiro “nunca mais”. Não sobra nada. A gestão mensal fá-la na ponta da capulana, não chega ao banco. “E vai-se tão depressa! Quando chega já tem destino. O que nos pagam é uma desgraça. Agora só queria amealhar para o meu funeral, para não dar essa despesa aos meus filhos.”

Para sobreviver, Maria aproveitou o que considera serem desperdícios em casa dos seus patrões: “Não fossem os bocados que sobram das refeições dos senhores, não sei o que seria dos meus filhos”, queixa-se da vida. Contudo, no imaginário da anciã, a culpa é deste sistema que “marginaliza o povo”. “Quando o tempo era outro e as coisas estavam organizadas, pelo menos, tínhamos um quilo de arroz para todos. Agora, alguns têm tudo e nós nada”, afirma.

Quando perdeu o marido, tinha 36 anos e seis filhos, dois dos quais à entrada da adolescência. Sentiu-se perdida, mas foram-lhe exigidas forças para cuidar dos filhos. Nos anos ‘70 começou a trabalhar numa empresa de descasque de arroz, mas pouco depois da independência a empresa fechou e, à semelhança de muitos moçambicanos, engrossou a fila dos desempregados no país. Sem nenhuma formação académica para disputar um emprego formal, Maria começou a trabalhar como doméstica.

A CONTECEU
A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.

“Quando ganho dinheiro com o txova sinto-me orgulhoso



Vida dura

Na família Ernesto, de membro em membro, o relato repete-se. Esta é uma família paupérrima, que vive, basicamente, do “amanhã Deus dará”. Mais do que a especulação de preços nos retalhistas, é aos governantes que a família Ernesto imputa a culpa pelas cheias que devastam Chókwè ciclicamente.

Eram 7h quando partiu para o seu emprego formal, não sem antes deixar os seus instrumentos de trabalho nas mãos da mulher. “E os terrenos?! Já viu como ‘tá’ isso?”, alerta Ernesto animado pela conversa. “Eu não me queixo, que moro aqui há 37 anos e a casa era do meu pai, mas os jovens...”. Hermínio Carlos, 30 anos, e Luísa Gumende, 28, sabem bem do que fala o ancião. Há seis anos, Luísa engravidou e o pai expulsou-a de casa. Tinha acabado o nível médio, e o noivo estava quase a terminar os estudos. Com a chegada antecipada de Felizardo, o filho, contraíram um empréstimo num banco de microcrédito, amortizando-o em prestações progressivas, confiantes de que a vida melhoraria. Debalde. A barraca que alugaram para comercializar bebidas alcoólicas só chegava para pagar a mensalidade do banco.

Começaram por pagar 1500 meticais. Hoje pagam três mil. Hermínio acumula dois empregos: um de ordenado fixo, que lhe dá segurança, e a seralharia mecânica que dá lucro sem data marcada. “Tínhamos aquela ideia mítica da poupança... Pouparamos mas é para chegar para tudo”, atesta Luísa. É ela que põe rédea curta na casa, ao ponto de se sentir culpada quando compra roupa nova. Televisão nem vê-la. Os passeios do tempo de namoro já lá vão. A machamba da mãe de Hermínio na baixa de Chókwè é um supermercado “bestial”.

A culpa do custo de vida para este jovem casal é imputada aos 16 anos de guerra civil: “Se não fosse a guerra, haveria mais terra fértil e as pessoas



não teriam saído do campo”, lamenta Luísa secundada por Hermínio: “Pois é, a culpa é dos bandidos armados.”

A barragem de Mapai

Uma barragem em Mapai não só podia acabar com as cheias em Chókwè como também representaria uma mais-valia para o desenvolvimento da agricultura. O valor para a construção de um empreendimento dessa natureza vai muito para além da capacidade de gerar receitas da edilidade. A solução encontrada pelo município é melhorar os diques de defesa, mas também ensinar as populações a viverem com as cheias. Para o efeito, foi firmada uma parceria com uma organização que lida com problemas do género.

Acesso a energia

Em 2009, o número de bairros com energia eram seis. A edilidade acreditava que até 2010, o total de espaços residenciais com acesso à corrente eléctrica atingiria 100 por cento. Sucede, porém, que a expansão da rede de distribuição de corrente não foi tão célere como o esperado. Só no ano a seguir, 2011, é que essa fasquia foi atingida. Para além dos bairros que já dispunham de energia, mais dois passaram a contar com o fornecimento a cargo da Electricidade de Moçambique.

Embora ainda não existam registos do ano em curso, a estimativa da empresa fornecedora de energia é de que o número de consumidores continue a crescer, impulsionado pelos bairros em expansão.

Educação

Com uma população urbana estimada em 40 por-



Chókwè



Contexto histórico

A povoação foi criada a 6 de Dezembro de 1916 com o nome de Caniçado (portaria no 292). A 19 de Março de 1960 passou a designar-se Vila Alferes Chamusca, e a 25 de Abril de 1964 recebeu a denominação de Vila Trigo de Morais, a pioneira do projecto do Limpopo (portaria no 17781). A 17 de Agosto de 1971 a vila ascendeu à categoria de cidade (portaria no 713/71). Em Março de 1976 passou a designar-se Chókwè, ao abrigo do Decreto no 10/76 de 13 de Março. A resolução no 7/87, de 25 de Abril, classificou a cidade como sendo de nível D. Em 1992 criou-se o Distrito Municipal ao abrigo da Lei no 3/94 de 13 de Setembro, revogada pela Lei no 10/97 que criou o Conselho Municipal.

Município do Chókwè em números

Vereações 6

Habitantes 55562

Bairros com energia 8

População com acesso a água 99por cento

Transportadores licenciados 36

Escolas primárias de primeiro grau 14

Escolas primárias de segundo grau 2

Instituições de ensino superior 1

Vias de acesso construídas 3100 metros

Vias de acesso terraplanadas 400 quilómetros

cento, o investimento no sector tem estado a crescer, elevando para 14 o número de escolas do ensino primário do primeiro grau. No que diz respeito ao ensino primário do segundo grau, existem duas escolas.

Habitação

O tipo de habitação predominante é a palhota com pavimento de terra batida, paredes de estacas ou caniço com cobertura de zinco, o que representa 47 por cento das casas de Chókwè. As moradias de madeira e zinco, em termos estatísticos, significam 33 por cento. As de bloco e tijolo representam 30 por cento da habitação daquela urbe.

Saúde

O município está dotado de 4 unidades sanitárias. O hospital de Chókwè conta com uma maternidade e 40 camas para internamento. O tempo médio de espera, calculado pelo @Verdade, no terreno, é de 47 minutos. Em conversa com os munícipes, constatámos que o maior problema que enfrentam é a falta de medicamentos.



ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

Celular com GPS para localizar latrinas

Texto: Thalif Deen/IPS

O vice-secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Jan Eliasson, surpreendeu a todos ao apresentar os seguintes números: dos sete bilhões de habitantes do planeta, seis bilhões têm telefone celular, mas apenas 4,5 bilhões possuem acesso a locais adequados para defecar.

"Isto significa que há cerca de 2,5 bilhões de pessoas, maioritariamente em áreas rurais, sem saneamento", afirmou. O mundo está saturado com uma abundância de telefones celulares, mas precisa desesperadamente de mais latrinas.

Uma ilustração no calendário de 2013 do Banco Mundial coloca os números numa perspectiva mais divertida e concreta – o desenho dum aldeão num lugar remoto do mundo a segurar um rolo de papel higiênico numa das mãos e um telefone celular na outra, procurando encontrar uma latrina com o seu GPS (sistema de posicionamento global). Na tela do aparelho está escrito: "Latrina mais próxima a dois quilómetros de distância".

De todo modo, esse personagem pode-se considerar com sorte, já que cerca de 1,1 bilhão de pessoas (das 2,5 bilhões que carecem de saneamento adequado não têm outra opção a não ser defecar ao ar livre, detalhou Eliasson. Neste contexto, o Banco Mundial tenta ajudar a enfrentar os problemas de saneamento do mundo com tecnologia digital e aplicações

para telefones móveis (apps).

Na semana passada, esse organismo anunciou os três vencedores do Hackathon sobre Saneamento e Desafio de Apps, projecto de um ano de duração para desenvolver aplicações inovadoras e localmente relevantes para enfrentar o problema. "Hackaton" é um termo usado para se referir a um encontro de programadores de computação.

A Manobi, uma firma de serviços de Internet e telefones celulares com sede em Dacar, desenvolve uma ferramenta de SMS (serviço de mensagens curtas) que permite a estudantes, pais e professores seguir de perto e relatar a situação de saneamento em instalações escolares.

Já a Sun-Clean, desenvolvida por uma equipa de estudantes da Universidade da Indonésia, é uma aplicação criada para ensinar às crianças boas práticas de saneamento e higiene. A aplicação inclui dois jogos: "Disposição do lixo" e "Lavagem das mãos para crianças".



Por sua vez, a Taarifa, criada por uma equipa de criadores da Grã-Bretanha, Alemanha, Tanzânia e Estados Unidos, é uma fonte aberta de aplicações web que permite a funcionários públicos responder a queixas de cidadãos sobre o fornecimento de serviços sanitários.

Consultado sobre este enfoque digital dos problemas de saneamento, Joseph Pearce, assessor técnico da organização Water Aid, com sede em Londres, disse à IPS que "essas aplicações são grandes exemplos da riqueza das inovações em TIC (tecnologias da informação e da comunicação) para melhorar a supervisão e a educação sobre água, saneamento e higiene".

Também afirmou que essas simples ideias têm o potencial de transformar vidas. Porém, Pearce reconheceu que há desafios técnicos e de governação fundamentais para traduzir esses projectos em soluções duradouras. "As aplicações terão um papel cada vez mais importante na difusão de informação para a tomada de decisões, mas isto por si só não basta", acrescentou.

A colecta de informação também custa dinheiro, e é preciso vontade política para financiar e actuar de acordo com as conclusões às quais se chegar. Converter a informação em decisões e acções concretas para melhorar o acesso à água e saneamento talvez seja a parte mais difícil, ressaltou Pearce.


Clarissa Brocklehurst, ex-chefe área de água, saneamento e higiene no Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), disse à IPS que a falta de acesso a latrinas é um grande problema, até agora não tratado. "Temos que inovar tudo o que for possível", destacou. Isto significa procurar inovações em tecnologia, transformações a nível institucional e mudanças nos costumes e nas formas de financiamento.

Andy Narracott, subchefe executivo da organização Water and Sanitation for the Urban Poor (WSUP), disse à IPS que a tecnologia por si só não pode resolver a crise global de saneamento. "Porém, combinando-a com especialistas em negócios, estrategistas, sociólogos e engenheiros, a inovação real pode chegar", opinou.

As inovações tecnológicas podem ter um papel fundamental em muitos desafios relacionados com o saneamento. Por exemplo, realizando um mapeamento das necessidades, identificando as brechas na cobertura, reunindo comentários dos clientes e difundindo mensagens de higiene para mudar o comportamento do público, segundo Narracott, para quem "o desafio mais importante é usar esta informação para agir".

Narracott afirmou que o sector precisa de capacidade e financiamento suficientes para traduzir essa informação em benefícios reais para as pessoas, especialmente aquelas que vivem em áreas de baixa renda em cidades do Sul em desenvolvimento. "O desafio apenas começou. As ferramentas somente são efectivas se as pessoas souberem como usá-las. Gostariamos que esta iniciativa agora fosse estendida a uma plataforma colaborativa global, onde muitas pessoas possam usá-la e replicá-la", acrescentou.

Consultado sobre as críticas segundo as quais se dá maior atenção à água do que ao saneamento, Brocklehurst explicou à IPS: "Creio que, no passado, a comunidade internacional deu, de facto, mais atenção à água, e é por isso que vemos tais diferenças nos progressos. Alcançámos a meta referente à água (nos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio) e pelo menos 89% da população mundial usa uma fonte melhorada de água, ainda que alguma possa ser de duvidosa qualidade. Contudo, apenas 63% da população mundial melhorou quanto ao saneamento, e mais de um bilhão de pessoas ainda defeca ao ar livre".



cutting through complexity™

Cursos

Moçambique

Sistema de Gestão de Qualidade: Normas ISO 9001:2008 e Ferramentas Gestão da Qualidade



Com o objectivo de capacitar os profissionais da área de Qualidade a interpretar e implementar os requisitos da norma NM ISO 9001:2008, a **KPMG Auditores e Consultores, SA** em parceria com a **CFQ-Consultoria Formação e Qualidade**, promoverá, nas suas instalações, durante 5 dias de **01 a 05 de Julho de 2013**, um **Curso de Formação em "Sistema de Gestão de Qualidade: Normas ISO 9001:2008 e Ferramentas Gestão da Qualidade"**.

Esta formação é destinada aos Gestores da Qualidade, Gestores de Sistemas Integrados (Qualidade, Ambiente e Segurança), Técnicos da Qualidade do sector público e privado, Auditores internos de Sistemas de Gestão de Qualidade, Consultores na área de Gestão da Qualidade e profissionais envolvidos na Implementação de Sistemas de Gestão da Qualidade.

O curso será administrado por profissionais da **KPMG Auditores e Consultores, SA** em parceria com a **CFQ-Auditores e Consultores, SA** com vasta experiência em Implementação de Sistemas de Gestão da Qualidade, Auditoria interna de Qualidade, Reengenharia de Processos de Negócio e em Desenvolvimento Organizacional no geral.

O custo por participante é de **38.000,00MT (incluindo IVA)**, valor que inclui os 5 dias de formação, todo o material de apoio ao curso, certificado e os serviços logísticos a serem disponibilizados aos participantes. As inscrições devem ser efectuadas, até o dia **27 de Junho de 2013**, no endereço abaixo:

KPMG Auditores e Consultores

Rua 1.233, n°72C, Edifício Hollard, Maputo
Tel: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358

O conteúdo da formação e eventuais dúvidas podem ser esclarecidos junto de Sandra Nhachale pelo e-mail snhachale@kpmg.com ou Cláudia Tivane pelo e-mail: ctivane@kpmg.com.

Guerra na Síria: O impasse das grandes potências

Para resolver o conflito na Síria, europeus, russos e norte-americanos retomam as relações de força civilizadas das grandes conferências de paz do passado. Mas, desta vez, a situação local escapa ao seu controlo.

Texto: Fiodor Loukianov Gazeta.ru, de Moscovo • Cartoon: Carlos Latuff

Algumas crises podem constituir verdadeiros manuais para os estudiosos da diplomacia e das relações internacionais. A Síria é um desses casos, nomeadamente agora quando só se fala da próxima conferência mundial, mais típica da diplomacia clássica do século XIX e do início do século XX do que da actual.

Como no bem conhecido ditado “se desejas a paz, prepara-te para a guerra”, contam-se as armas em vésperas de uma hipotética “mesa redonda” incumbida de reunir as partes e decidir os passos seguintes.

A União Europeia decidiu não prolongar o embargo à entrega de armas à Síria (quer dizer, aos rebeldes). Embora a Grã-Bretanha e a França tenham sido os únicos a fazê-lo activamente, enquanto os outros países da União expressaram, de formas diferentes, as suas dúvidas quanto à utilidade de um compromisso real na guerra civil, Paris e Londres prosseguiram os seus objectivos. Mas o preço a pagar foi mais uma demonstração da inexistência de uma União Europeia unida na cena internacional.

Espada de Damocles sobre as cabeças

A incapacidade para estarem de acordo quando se trata de interesses a diferentes níveis é evidente. Não se trata de cálculos estratégicos mas da boa vontade em se interessar por um problema. Tal como noutras ocasiões, a Grã-Bretanha e a França entram no jogo como grandes potências porque consideram que devem participar em acontecimentos de importância mundial. Os outros países ficam indiferentes ou têm medo de se envolver em processos que, à grande maioria, não diz respeito.

De resto, uma motivação política transparece nos anúncios ao auxílio aos opositores. Enviar ou não enviar armas? A questão permanece em aberto. E o facto de o anunciar significa que a aposta na força continua a ser uma opção muito real. Por outras palavras: se não existir acordo em Genebra-2, então será a guerra até à vitória. O principal defensor do levantamento do embargo à entrega de armas aos rebeldes, William Hague, afirmou que “é necessário pressionar o regime”.

É a mesma lógica seguida pela Rússia mesmo que esta não confirme nem desminta o fornecimento a Damasco de C-300 e de outras armas sofisticadas. E isso é dito abertamente: a relação de forças tem de ser mantida. É por isso inútil esperar que no caso de as negociações políticas fracassarem, a questão possa ser resolvida por meios militares.

Em princípio este tipo de tática não é completamente desprovido de lógica: as partes que têm de se sentar à volta da mesa devem sentir a espada de Damocles nas suas cabeças. As reflexões públicas de Washington sobre a questão de possíveis zonas de exclusão aérea sobre a Síria revelam a mesma ordem de ideias. Mas, afinal, o que é uma zona de exclusão aérea e para o que serve este tipo de decisão é algo que já sabemos desde a experiência na Líbia. É precisamente para que o mesmo não se



repita que a Rússia protesta, prometendo entregar (ou até talvez já o tenha feito) mísseis de defesa aérea, o que tornaria a hipotética operação absolutamente desnecessária. Os Estados Unidos provavelmente não irão interditar o sobrevoo do espaço sírio, mas elevarão a fasquia para acomodar ambas as partes.

Ajudar o “lado bom” a chegar ao poder

No entanto, o efeito pode ser o oposto. Para já parece que os adversários chegam à mesma conclusão nos diversos jogos diplomáticos: o que quer que aconteça eles não serão abandonados, nem ficarão enfraquecidos, por isso vale a pena resistir. Bashar Al-Assad e os seus opositores percebem que os respectivos protectores, a Rússia e o Ocidente, não lhes podem recusar apoio sem manchar a sua imagem.

De facto, tanto para Moscovo como para Washington o jogo da Síria é uma questão de princípio. A Rússia defende os governantes de países laicos (qualquer que seja o seu nível de autoritarismo) e a não ingerência nos assuntos internos de um país terceiro, enquanto tenta esquecer o desagradável precedente líbio para o qual contribuiu (Medvedev ainda era Presidente quando a Rússia se opôs à espera e se absteve na votação da ONU relativamente à intervenção aérea ocidental).

Do lado ocidental, não se trata de escolher entre um esquema ideológico segundo o qual existe um “povo revoltado” e um “tirano sanguinário”, e o desejo de consolidar o modelo de resolução de conflitos que gradualmente se instalou desde a Guerra Fria, ou seja: escolher o “lado bom” e ajudá-lo a chegar ao poder. Portanto, a recusa em apoiar os “seus” não é apenas uma forma pragmática de atrasar a questão, mas uma concessão ideológica que agride o amor-próprio.

A caminho de uma escalada da violência?

As conferências de paz do passado, até Yalta e Postdam, trataram de grandes assuntos, nomeadamente da divisão do mundo. As conferências mais recentes foram todas relacionadas com os Balcãs. Trata-se dos acordos de Dayton sobre a Bósnia, em 1995, e da crise do Kosovo em 1999. Não é inútil lembrar estas duas experiências já que podem exemplificar dois cenários possíveis para o caso sírio. O exemplo de Dayton é positivo. Os Estados Unidos e a União Europeia, com a ajuda da então enfraquecida Rússia, reuniram os beligerantes e conseguiram que construíssem um modelo de organização para a Bósnia-Herzegovina. Este é o exemplo em que os optimistas acreditam num possível sucesso em “Genebra-2”.

Os pessimistas relembram o início do mês de Fevereiro de 1999, quando se deu início à Conferência de Rambouillet, à custa de enormes esforços diplomáticos para a resolução do conflito do Kosovo. Mas não se chegou a nenhum resultado: a determinação mútua traduziu-se numa tensão extrema ao ponto de o Exército de Libertação do Kosovo, com o apoio da NATO, ter preferido concentrar-se numa vitória militar, enquanto Belgrado não conseguia conceber a partilha do poder com os “terroristas”.

Todavia, a conferência terminou sem que tenha existido uma ruptura efectiva. Seguidamente, a posição dos mediadores (sobretudo dos membros da NATO) ficou bastante mais consolidada. Belgrado enfrentou um ultimato e a sua recusa em cumpri-lo provocou a campanha militar da aliança, um mês e meio após o início das negociações de paz em França. Não se trata de es-

tabelecer um paralelo com a Síria, mas o cenário de uma escalada rápida da violência não está posto de parte se não se alcançar algum tipo de progresso (que neste momento não é previsível).

Interesses incompreensíveis

Naturalmente que a Rússia tem hoje outro papel. Em 1999 Moscovo também protestou energeticamente mas, na realidade, nunca se opôs. Recentemente, o Kremlin fez saber que participaria no equilíbrio das forças e não permitiria a mínima campanha contra o seu protegido.

Há toda uma diferença essencial entre a situação síria e todos os seus antecessores. Ao organizar o processo de paz, imiscuindo-se nos conflitos locais, as grandes potências sempre perseguiram interesses concretos, em prol dos seus próprios benefícios. Os Estados da Europa ocidental, com o apoio efectivo dos Estados Unidos, modificaram a paisagem estratégica europeia nos termos das suas representações do pós-Guerra Fria. E a Jugoslávia de Milosevic era manifestamente um obstáculo a esta alteração.

Para além das questões de estatuto, já mencionadas, os interesses concretos e directos dos Estados Unidos, da Europa e da Rússia na Síria são incompreensíveis.

O alargamento da esfera de influência no Médio Oriente actual é uma ideia quase utópica. Todos os poderes exteriores procuram freneticamente reagir de forma adequada, mas sempre após o facto consumado. Adaptam-se aos acontecimentos sem poderem aplicar a sua vontade e os seus desejos, já para não falar de estratégia. É notável que os que aí têm interesses, a saber os vizinhos do Irão até à Arábia Saudita e ao Qatar, não se pronunciem sobre a conferência de Genebra. E, no entanto, é deles que, ao fim e ao cabo, depende a capacidade de diálogo destes inimigos.

Antigamente, os jogos das grandes potências estavam indissoluvelmente ligados às pequenas intrigas dos actores locais, que permaneciam secundários. Hoje é o contrário. Os processos “locais” têm a sua lógica e a participação dos “grandes” acontece num plano paralelo, em que uns e outros estão sempre a trocar de posição. Para os futuros historiadores, o que está agora em jogo é um poço sem fundo, até porque para os diplomatas se trata de um problema insolúvel.

ENVOLVIDO

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

✉ SMS: 90440

📞 WhatsApp: 84 399 8634

O Jornal mais lido em Moçambique.

Basquetebol: Uma modalidade que clama por “resgate” em Nampula

O basquetebol na província de Nampula conhece, nos últimos dias, uma nova etapa. Se no passado esta modalidade era uma espécie de “tabu”, nos dias que correm já é possível, em lugares onde ela pode ser praticada, constatar a movimentação de atletas, sobretudo das camadas de formação. Todavia, no cômputo geral, ela ainda carece de estruturação visto que, de forma desordenada, é movimentada, essencialmente, por antigos basquetebolistas.

Texto&Foto: Júlio Paulino

O colapso do basquetebol em Nampula deu-se nos meados de 2010, como consequência do ambiente turvo que caracterizava a Associação Provincial da modalidade neste ponto do país. Os conflitos internos que geraram divisão entre os dirigentes e a falta de fundos para o funcionamento da agremiação estiveram por detrás da extinção da “bola ao cesto” na considerada capital do norte.

Aqueles acontecimentos, que se alastraram até ao ano passado, anteciparam a renúncia de Rui Santos ao cargo de presidente da Associação Provincial de Basquetebol de Nampula (APBN) em Outubro passado. Depois disso, a agremiação passou para uma comissão de gestão que, por sua vez, se encarregou de organizar as eleições no passado mês de Abril que culminaram com a eleição do elenco liderado por Albino Dimene.

Nesta semana, o @Verdade conversou com Eurico da Silva, vice-presidente daquela agremiação.

@Verdade – Qual é o actual estágio do basquetebol a nível da província de Nampula?

Eurico da Silva – O basquetebol em Nampula está no bom caminho. Estamos mais encorajados a trabalhar em comparação com os anos anteriores e, para começar, temos um torneio a decorrer sem sobressaltos, o que nos deixa felizes. Mas isto não pode significar, de jeito nenhum, que não passamos por necessidades.

@V – Desde a vossa tomada de posse em Abril, quais são as actividades que já desenvolveram?

ES – Numa primeira fase tratámos de fazer um levantamento exaustivo do número de clubes e núcleos que têm movimentado esta modalidade, das necessidades desta agremiação e traçamos um plano de actividades para a presente época.

Na segunda fase organizámos um torneio, que ainda está em curso, com o simples objectivo de preparar os clubes para o Campeonato Provincial de Basquetebol que se avizinha. Felizmente, garantimos os prémios aos vencedores e já angariámos patrocinadores para que nos possam ajudar, não só na logística da prova, como também no pagamento dos árbitros. Devo dizer que tudo está a decorrer conforme o planificado.

@V– Neste momento, em Nampula existem quantos clubes e atletas?

ES – Temos cerca de quinhentos atletas e um total de dez equipas que movimentam todos os escalões. Em termos de regiões geográficas, temos a destacar a cidade de Nacala-Porto que movimenta cerca de 350 atletas com um clube e um núcleo, nomeadamente o Ferroviário local e a Petro-moc. Temos, ainda, a Escola Secundária de Nacala que trabalha na formação de novos talentos. Os restantes atletas por nós registados estão localizados na cidade de Nampula onde temos, também, o Ferroviário local.

@V– As equipas estão apetrechadas em termos de material de trabalho?

ES – Ainda temos problemas sérios nesta componente. E isto parte da própria associação até aos clubes e núcleos, em que muitos são formados por grupos de amigos e antigos basquetebolistas, normalmente sem condições financeiras.

Só para dar um exemplo, a nível da província de Nampula temos apenas dois clubes, que por ironia do destino apos-



tam mais no futebol do que no basquetebol. Os núcleos, por sua vez, que se concentram apenas nesta modalidade não têm como levar avante o basquetebol.

@V – E o que a associação fez para prestar apoio aos núcleos, por exemplo?

ES – Depois de termos feito o censo dos clubes e atletas, fizemos a distribuição de cerca de 40 bolas para as equipas que se encontram filiadas na associação, com destaque para as camadas de formação. Prestámos apoio no que diz respeito ao próprio equipamento, ou seja, em sapatilhas, e assegurámos que todas as equipas estejam em pé de igualdade, ainda que seja pouco para os nossos anseios.

Quanto aos árbitros, tudo depende de cada um deles. Mas devo afirmar que há cerca de três anos tivemos o apoio de um árbitro internacional de cá de Nampula (Abreu) que alocou cerca de trinta pares de equipamento completo, apitos e algumas bolas, que até hoje estamos a usar.

@V– De quantos árbitros a APBN dispõe?

ES – Nós temos um défice enorme de árbitros em Nampula. Neste momento dispomos de apenas vinte em toda a província. O ideal para nós seria, no mínimo, ter trinta árbitros, de modo a evitar que uma única pessoa apite quatro jogos num só dia.

@V – E qual é o trabalho que está a ser feito para se ter mais árbitros?

ES – Neste momento estamos no processo de mobilização de mais atletas que terão de passar por um curso de formação de arbitragem. Garantimos todo o apoio necessário, desde o logístico até ao financeiro para tornar possível este projecto. É objectivo principal da nossa agremiação ter mais árbitros de basquetebol em Nampula.

@V – A nível de infra-estruturas, como é que está a província de Nampula?

ES – Infelizmente, a questão das infra-estruturas desportivas nesta província norte-nha do país ainda é um problema generalizado e longe de ser resolvido. Mas, também, devo dizer que na cidade de Nampula temos dois campos em condições, ambos do clube Ferroviário de Nampula; em Nacala-Porto temos também dois campos, o do Ferroviário local e o da Escola Secundária.

Nas cidades de Monapo e da Ilha de Moçambique temos dois campos que carecem de obras de reabilitação.

Mas é preciso realçar que dos campos disponíveis nem todos podem ser utilizados em função do nosso calendário. Pelo contrário, somos sempre obrigados a perguntar sobre a disponibilidade dos mesmos visto que, para os proprietários, é prioritário acolher eventos rentáveis visto que nós usamos a custo zero, ainda que ajudemos no pagamento da iluminação.

@V – A associação tem sede própria?

ES – Não temos. Os documentos da nossa associação ficam na residência do vice-presidente e outros na casa do secretário-geral. Por vezes, usamos as instalações da Associação Provincial de Futebol em Nampula.

@V – Qual é a relação entre a APBN e a Federação Moçambicana Basquetebol (FMB)?

ES – Se dissesse que temos boas relações estaria a mentir a mim mesmo. O nosso relacionamento com FMB é apenas de troca de expedientes, ou seja, eles têm solicitado a nós o envio dos nossos planos, dos nossos relatórios, entre outros documentos. Mas em termos de apoio nunca tivemos.

Diria mais: estamos agastados com esta federação. Em Abril último, dois atletas daqui de Nampula saíram a Maputo para integrar a selecção nacional sub-16. Tratando-se de dois menores, a federação obrigou-os a viajar de avião na ida e de autocarro na volta. Os pais desses dois atletas ficaram agastados e pediram para que não voltassem mais à selecção nacional, arruinando o sonho de duas crianças que podiam despontar neste país.

@V – Sabe da existência de um fundo alocado pelo Governo à FMB?

ES – Sabemos, sim. E temos acompanhado a par e passo tudo o que está relacionado com esse fundo. Mas, infelizmente, nunca recebemos nada da federação. Tudo fica na sede. Aliás, o Fundo de Promoção Desportiva para nós é um “tabu”.

@V – E como é que funciona a agremiação sem o apoio da FMB?

ES – Neste momento estamos a finalizar o processo do nosso reconhecimento jurídico para, a partir daí, passarmos a procurar apoio localmente. O nosso governo

mostrou-se disponível mas, infelizmente, ainda não estamos reconhecidos juridicamente.

@V – Qual é o vosso orçamento anual?

ES – Trabalhamos com base num orçamento inferior a 50 mil meticais. E nunca é constante. Esse orçamento provém das inscrições, das filiações e de algumas participações das equipas.

@V – Esse orçamento chega a cobrir todas as vossas necessidades?

ES – Obviamente que não. De acordo com o nosso plano operacional, só neste ano precisaríamos de um total de 400 mil meticais. Com este valor seria possível movimentar esta modalidade como deve ser em Nampula.

@V – A APBN tem dívidas?

ES – Felizmente não temos dívidas.

@V – Há notícias de que a província de Nampula é pioneira na falsificação de idades de atletas de várias modalidades desportivas. Isto acontece também no basquetebol?

ES – Num passado recente tivemos quatro casos relacionados com a falsificação de idades de jogadores. Todos nos escalões de juniores. Tomámos medidas duras contra os infractores, como forma de desencorajar esta prática e servir de exemplo para as restantes modalidades. Neste momento os quatro atletas estão suspensos e decorrem, ainda, investigações para apurar os verdadeiros rostos destes casos.

Por este motivo cancelámos o Campeonato Provincial em juniores masculinos em Nampula.

@V – Mas, para além de castigar, quais são as acções de prevenção desenvolvidas pela APBN?

ES – Neste momento estamos a trabalhar com a Escola de Basquetebol Ntsay, no registo gratuito dos atletas que não dispõem de bilhetes de identidade na esperança de, caso surta o efeito desejado, expandir a iniciativa para os demais clubes. Assim, estaremos a prevenir eventuais casos de falsificação de idades.

Nampula é palco do Campeonato Nacional de Basquetebol em juniores masculinos

A cidade de Nampula será palco, em Novembro próximo, do Campeonato Nacional de Basquetebol em juniores masculinos. Segundo Eurico Silva, vice-presidente da Associação Provincial de Basquetebol de Nampula, o seu organismo está preparado para organizar o certame que se prevê ser disputado nos dois pavilhões do Ferroviário de Nampula.

No campeonato, a Associação Provincial de Basquetebol de Nampula espera acolher cerca de 400 pessoas, entre elas atletas, treinadores e dirigentes desportivos.

Desporto

O FUTEBOL VÊ-SE MELHOR COM A 2M

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.



Moçambola: Desportivo de Nacala vence mas Chibuto ainda é líder

A contar para a décima segunda jornada do Moçambola, edição 2013, o Desportivo de Nacala derrotou, na tarde de último domingo (09 de Junho), o Matchedje de Maputo, por 2 a 1. O Clube de Chibuto, que liderava isolado a prova à entrada desta ronda, empatou diante do Estrela Vermelha da Beira e viu o Ferroviário da Beira assumir o topo da tabela classificativa depois de derrotar o Chingale de Tete, por 1 a 0.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Mangueze

Devido aos compromissos da selecção nacional na fase de qualificação para o Campeonato Mundial de Futebol, “Brasil-2014”, boa parte das equipas, sobretudo as que tiveram mais de dois atletas nas convocatórias dos Mambas, não puderam disputar esta jornada. São os casos do Ferroviário de Maputo, do Costa do Sol, do Maxaquene e da Liga Muçulmana, apanhando por tabela algumas equipas adversárias, nomeadamente o Ferroviário de Nampula e o HCB de Songo.

Ainda assim e mesmo sem os colossos, a jornada não deixou de ser interessante, com destaque para o jogo entre o Desportivo de Nacala e o Matchedje de Maputo, que teve lugar no Estádio 25 de Junho, na cidade de Nampula. A partida foi marcada por uma arbitragem desastrosa.

Ainad Hussene, árbitro principal, não foi capaz de manter a lisura que se exige de um juiz de futebol. Pelo contrário. Ele tentou, a todo o custo e sem pudor, influir no resultado final do jogo.

Só para citar alguns casos, ao minuto 64, ele assinalou uma grande penalidade a favor do Desportivo de Nacala, decisão bastante contestada pelos jogadores do Matchedje em que, já na cobrança, foi chamado o guarda-redes canarinho, Victor, que rematou para uma defesa, em “dois tempos”, do seu companheiro Valério.

Todavia, com a ajuda do árbitro auxiliar, Hussene mandou repetir a marcação, alegando que houve invasão da grande área, antes do remate de Victor, por parte dos jogadores do Matchedje. Os militares voltaram a contestar e, na confusão, o juiz mostrou a cartolina vermelha ao central Bila, por acumulação de dois cartões amarelos exibidos àquele jogador nos dois momentos da contestação.

Os jogadores do Matchedje rodearam o árbitro exigindo explicações e não permitiram a repetição da grande penalidade. Convencido do tamanho erro que estava a cometer e da razão dos militares neste lance, Ainad Hussene ficou sem saber o que fazer, protagonizando outro espectáculo desnecessário: sem nenhuma explicação, marcou uma “bola ao solo” no interior da grande área.

Mas, pior do que isso, ainda que as duas situações tivessem consumido, nas contas do cronómetro do @Verdade, um total de quatro minutos, Ainad Hussene concedeu 12 minutos de compensação, numa altura em que o resultado registava um empate.



Ferroviário da Beira é o novo líder

Ainda no domingo (09), o Ferroviário da Beira derrotou o Chingale de Tete pela margem mínima de 1 a 0, resultado que, aliado ao empate do Clube de Chibuto diante do Estrela Vermelha da Beira (1 – 1), coloca a locomotiva no topo da tabela classificativa, com 21 pontos.

Para o triunfo dos vice-campeões nacionais valeu o golo madrugador de Mupoga, volvidos cinco minutos da partida. O jogo teve lugar no campo emprestado do HCB de Songo pelo Chingale, em virtude do uso do seu terreno “habitual” pelos donos, Desportivo de Tete, que jogaram para a Taça de Moçambique.

Segundos relatos, este jogo teve uma assistência de cerca de 80 pessoas.



Uma primeira parte de pouco futebol mas que produziu um golo

As duas equipas entraram no jogo cautelosas, revelando receio de atacar as duas balizas. Assistiu-se, neste período, a uma partida frouxa em termos de jogadas ofensivas, o que contribuiu para um fraco espectáculo de futebol.

O primeiro lance de ataque deu-se no quarto minuto, quando Coutinho, do flanco esquerdo, cruzou para o interior da grande área do Matchedje, faltando quem pudesse desviar o esférico para o fundo das malhas.

Sem muitos motivos de interesse, o público teve de aguentar mais 15 minutos para gritar “golo”, que não passou de uma simples ilusão porque Valério foi eficaz no desvio do esférico muito bem colocado por Gito.

A partida prosseguiu com muitas jogadas ofensivas irregulares do Matchedje, ora provocadas, diga-se de passagem, pelas subidas da linha defensiva do Desportivo de Nacala, aliadas à falta de velocidade dos militares e de estratégias de penetração no campo recuado contrário. Perto da primeira meia hora do jogo, uma combinação perfeita e a um toque entre Daúdo e Heldífico, originou um remate perigoso à entrada da grande área dos visitantes, com a bola a passar por cima da baliza.

O Matchedje não soube responder e, no último quarto de hora, sofreu com a audácia dos canarinhos: no minuto 30, o lateral direito, Rodjas, remata forte para uma defesa incompleta de Valério que acaba por permitir um pontapé de canto; a seguir, o “militar” Zola surge no ar para fazer o corte, evitando que a bola siga encaminhada a Helfídio; ao minuto 36, na sequência de um pontapé de canto, Valério usa as pernas para defender, com muitas dificuldades, o remate fortíssimo de Coutinho de meia distância, lance que viria a originar o golo de Gito.

Segunda parte de muita confusão

No reatamento, o Desportivo de Nacala entrou com um ritmo diferente no jogo, tornando-se a equipa mais ofensiva e com transições rápidas de bola. No minuto 51 podia ter dilatado o marcador, mercê de um erro defensivo de Valério que, numa jogada lance aparentemente inofensiva, calculou mal a trajectória da bola, surgindo Zola a fazer o corte mesmo sobre a linha de golo. Seis minutos mais tarde, o mesmo guarda-redes voltou a entrar em cena, desta vez como herói, para defender, de forma espectacular, o remate de Délcio.

Ao minuto 66, Caique, que acabava de entrar para dar outra postura ao jogo ofensivo do Matchedje, do lado esquerdo, fez um cruzamento admirável para a cabeça de Manhiwa restabelecer a igualdade no marcador. Depois da confusão das grandes penalidades, o jogo só voltou a ter graça no minuto 84 quando, num livre directo, a defensiva militar fez um corte incompleto, surgindo Joa, mesmo à frente do guarda-redes, a rematar por cima da baliza.

O golo da vitória do Desportivo de Nacala surgiu no primeiro dos doze minutos de compensação concedidos por Ainad Hussene, e foi da autoria de Leo. Aquele atleta rematou forte, sem hipóteses para Valério, que ainda teve a “gentileza” de usar as mãos para encaminhar o esférico até ao fundo das malhas.

Quadro de resultados

12ª Jornada			
(Adiado) Costa do Sol	x		Fer. de Maputo
(Adiado) Maxaquene	x		Fer. de Nampula
Chingale de Tete	0	x	1 Fer. da Beira
Vilankulo FC	4	x	0 Têxtil de Púnguè
Estrela Vermelha	1	x	1 Clube de Chibuto
(Adiado) Liga Muçulmana		x	HCB de Songo
Desp. de Nacala	2	x	1 Matchedje

PRÓXIMA JORNADA

Fer. Maputo	x	Maxaquene
Fer. de Nampula	x	Chingale de Tete
Fer. da Beira	x	Vilankulo FC
Têxtil de Púnguè	x	Estrela Vermelha
Clube de Chibuto	x	Liga Muçulmana
HCB de Songo	x	Desp. de Nacala
Matchedje	x	Costa do Sol

L	Clubes	J	V	E	D	GM	GS	DG	P
1º	Fer. da Beira	12	6	3	3	16	10	6	21
2º	Clube de Chibuto	12	6	3	3	14	14	0	21
3º	HCB de Songo	11	5	4	2	14	8	6	19
4º	Desp. de Nacala	11	5	3	3	9	6	3	18
5º	Maxaquene	10	6	0	4	10	9	1	18
6º	Liga Muçulmana	8	5	2	1	14	5	9	17
7º	Fer. de Nampula	11	4	3	4	10	11	-1	15
8º	Vilankulo FC	11	4	2	5	7	8	-1	14
9º	Costa do Sol	11	3	4	4	11	10	1	13
10º	Chingale de Tete	12	3	4	5	7	9	-2	13
11º	Estrela Vermelha	12	3	4	5	8	11	-3	13
12º	Fer. de Maputo	10	3	3	4	7	9	-2	12
13º	Têxtil de Púnguè	12	3	3	6	7	16	-9	12
14º	Matchedje	11	1	2	8	5	13	-8	5

Apuramento Brasil-2014: Mambas humilhados

A selecção nacional de futebol, Mambas, sofreu uma pesada derrota diante da Guiné Conacri em jogo da quarta jornada da fase preliminar de qualificação ao Campeonato Mundial de Futebol, Brasil-2014. 6 a 1 foi o resultado do embate, que teve lugar no Estádio Nacional 28 de Setembro, em Conacri.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Miguel Manguzeu

Moçambique está fora da corrida ao “Mundial-2014”. E na despedida, diga-se de passagem, o combinado nacional foi, simplesmente, humilhado. A partida ainda começou com Ricardo Campos, guarda-redes da selecção nacional e actualmente sem clube, a defender uma grande penalidade volvidos sete minutos.

Todavia, aquele guardião não foi capaz de evitar o primeiro golo dos guineenses no primeiro quarto de hora de jogo, apontado por Mohamed Lamine Yattare. 19 minutos mais tarde, Sadio Diallo dilatou o marcador, momentos antes de Dominguez, na cobrança de uma grande penalidade, manter a esperança dos moçambicanos de sair daquele estádio com um resultado satisfatório, a um do minuto 45.

Momentos antes do intervalo, ou seja, no segundo minuto de compensação, Diallo bisou na partida através de uma grande penalidade, em que Ricardo Campos ficou completamente “batido”. 3 a 1 foi o resultado com que as duas equipas saíram ao intervalo.

Na segunda parte, após um ligeiro domínio dos moçambicanos, Ibrahima Traore, meia hora depois do reatamento e mesmo contra a corrente do jogo, ampliou a vantagem da sua equipa para euforia total dos adeptos daquele país que não conviviam, já faz tempo, com resultados tão roliços daquela selecção. E enganou-se quem pensou que o jogo terminaria em 4 a 1.

Seis minutos mais tarde, a vez foi de Mohamed Diarra inscrever o seu nome na lista dos goleadores para, já sobre o minuto 90, Yattare voltar a marcar no jogo, encerrando as contas em 6 a 1 a favor da sua selecção.

Antecedendo este confronto, os “faraós” conservaram a in-

vencibilidade ao derrotarem o Zimbabwe por 4 a 2.

Com os dois resultados, Moçambique fica fora da corrida ao “Mundial” com dois pontos e a duas jornadas do fim desta fase, enquanto a Guiné Conacri reacende as esperanças visto que está a cinco pontos do líder Egipto, neste momento com nove. O Zimbabwe é o último classificado do grupo G, com apenas um ponto.

Gert Engels demite-se e “foge”

Após a vergonhosa derrota dos Mambas, mais uma de Moçambique na “era” Gert Engels, aquele técnico, ainda em Conacri, colocou o seu lugar à disposição. Aliás, segundo relatos de alguns integrantes da selecção nacional que falaram ao @Verdade, Engels disse adeus à equipa na manhã da última segunda-feira (10 de Junho), quando ela se preparava para regressar a Maputo.

“Gert Engels despediu-se de nós com muita emoção. Agradeceu-nos por todo o apoio. Pegou na pasta dele, que não continha muita coisa senão algumas roupas e partiu. Disse que não ia regressar com a comitiva e que a aventura dele em Moçambique estava acabada”, afirmou uma das fontes que solicitou o anonimato.

Aquele alemão põe, assim, termo ao vínculo contratual com a Federação Moçambicana de Futebol (FMF), que se estende desde 13 de Outubro de 2011. Já os Mambas, que vão jogar no próximo domingo (16) para cumprir com o calendário diante do Egipto, serão “segurados”, interinamente, por João Chissano e Mano-Mano que desempenhavam as funções de seleccionadores nacionais adjuntos.

Natação: Falta de manutenção precipita fim da época

Texto: Redacção

Terminou cedo a época 2012/2013 de natação em Moçambique. Devido a uma avaria na Piscina Olímpica do Zimpeto, aliada à falta de fundos da Federação Moçambicana de Natação (FMN) para a sua reparação, não foi possível realizar a última prova do calendário, designadamente o Campeonato Nacional de Natação de Inverno.

Depois de ser adiado no passado mês de Março, tendo sido programado para Maio, devido aos incidente que se registaram em Múxunguê, província de Sofala, o Campeonato Nacional de Voleibol de Inverno, definitivamente, não teve lugar. Para além da avaria da piscina olímpica de Zimpeto, local que ia acolher a prova, a Federação Moçambicana de Natação (FMN), que recentemente recebeu das “mãos” do Governo a gestão daquela infra-estrutura, não tem fundos para concertá-la.

Gilberto Mendes, presidente daquele organismo, em conversa com o @Verdade, confirmou o sucedido e disse lamentar o facto de a época terminar sem o cumprimento na íntegra do calendário de competições. “Primeiro, não havia condições nem logísticas, nem de segurança para a realização deste campeonato que tinha de ser numa piscina comprida. A situação em Muxúnguê não estava boa e decidimos não arriscar. Remarcámos para o mês passado. Mas fomos descobrir que a piscina olímpica do Zimpeto não estava em condições devido à avaria das máquinas e da barra curta” disse o nosso interlocutor.

Sobre as perspectivas de solução do problema, Mendes foi claro na resposta: “Para a reparação das avarias são necessárias somas avultadas de dinheiro. Não tenho o valor em mente, mas posso garantir-lhe que excede a nossa capacidade financeira. O conserto envolve gastos que nem sequer estavam previstos no contrato-programa que assinámos com o Governo. Agora somos obrigados a ir atrás de parceiros para ver se nos apoiam nesta matéria. Ainda bem que encerrámos a época visto que, durante este período de férias, poderemos tratar deste assunto” concluiu Gilberto Mendes, presidente da Federação Moçambicana de Natação.

Ainda no que diz respeito ao envolvimento do Executivo neste assunto, a nossa fonte esclareceu que “nós, como federação, somos os gestores da piscina. Tudo o que for a suceder com ela é da nossa inteira responsabilidade”.

Publicidade

NOVA 2M TXÔTi

SHOT

DE FRESCURA

A 2M TXÔTi É A IRMÃ MAIS NOVA DA 2M. É MAIS PEQUENA, VIVA E LEVE E FICA GELADA ATÉ AO FIM. PEDE UMA 2M TXÔTi E REFRESCA OS TEUS BONS MOMENTOS COM UM SHOT DE FRESCURA.

2M REFRESCA A NOSSA MANEIRA

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

Desporto

Apuramento ao Brasil 2014: Congo, Tunísia e Egipto próximos da fase final africana

Há duas jornadas para o final da fase de grupos das eliminatórias africanas para o Campeonato do Mundo de Futebol 2014, nenhuma selecção garantiu ainda o apuramento para a etapa final e decisiva. O Congo, a Tunísia e o Egipto estão bem encaminhados e esperam assegurar a classificação já no próximo fim-de-semana, quando se disputar a próxima jornada. Apenas os vencedores de cada um dos dez grupos chegarão à fase decisiva, em que se enfrentarão em cinco confrontos directos de duas mãos que definirão os cinco representantes africanos no Brasil 2014.

Texto: Agências • Foto: FIFA.COM



A surpreendente Etiópia permanece na liderança o Grupo A depois de sair da viagem ao Botswana com uma vitória por 2 a 1. Os etíopes estão dois pontos à frente da África do Sul, que venceu a República Centro-Africana por 3 a 0 e continua a sonhar com uma reviravolta no grupo.

A Líbia saltou para o comando no equilibrado Grupo I apesar do empate sem golos com a República Democrática do Congo na sua primeira partida de competição, em casa, desde 2011. Pelo mesmo grupo, os Camarões, que estrearam o técnico Volker Finke, mas não tiveram o astro Samuel Eto'o em campo, foram derrotados por 2 a 0 pelo Togo, em Lomé. Apenas dois pontos separam as quatro equipes neste grupo.

O Grupo J, da mesma forma, continua equilibrado e com hipóteses para todas as quatro selecções. O Senegal lidera com seis pontos depois de empatar por 1 a 1 em Angola naquele que foi o quarto empate angolano em quatro jogos. A selecção de Uganda, que contou com um gol de Tony Mawejje para derrotar a Libéria pela margem mínima, está em segundo com cinco pontos, enquanto os liberianos têm quatro.

O egípcio Mohamed Salah marcou três golos, e o xará Mohamed Aboutrika anotou o outro na vitória por 4 a 2 sobre o Zimbábue. Os três pontos teriam sido suficientes para os faraós definirem a classificação do Grupo G se a Guiné não tivesse goleado Moçambique por 6 a 1 no outro jogo da jornada. Os egípcios têm cinco pontos de van-

tagem no topo do grupo e estão muito próximos da passagem à fase decisiva.

O Congo, que empatou sem golos no Gabão, também depende só de si no Grupo E. O seleccionado tem dez pontos, quatro acima da vice-campeã africana Burkina Fasso, que viaja a Pointe Noire para um confronto directo entre os dois na próxima semana.

A Argélia assumiu a liderança do Grupo H depois de vencer o Benin, por 3 a 1, e o Mali empatar a uma bola com a Ruanda em Bamako.

A Tunísia visitou a Serra Leoa, no sábado (8), precisando de uma vitória simples para já garantir o apuramento para a segunda fase. No entanto, a equipa teve muita dificuldade e precisou de um gol no último minuto para arrançar um empate a 2, adiando o sonho da vaga. Ainda assim, os tunisinos continuam folgados na liderança do Grupo B, com 10 pontos, mais cinco que a segunda classificada Serra Leoa, faltando apenas duas jornadas. Já a Guiné Equatorial tem quatro pontos e joga neste domingo contra Cabo Verde, fora de casa, podendo chegar aos sete e subir à vice-liderança.

Após cair para segunda posição depois

da vitória de Gana sobre o Sudão, na passada sexta-feira (7), a Zâmbia voltou à liderança do Grupo D das eliminatórias africanas para o Campeonato do Mundo de Futebol. No sábado (8), os campeões africanos de 2012 recebe-

Resultados da 4ª jornada

Quénia	0	x	1	Nigéria
Malawi	0	x	0	Namíbia
Sudão	1	x	3	Gana
Líbia	0	x	0	R. D. Congo
Botswana	1	x	2	Etiópia
R. C.-Africana	0	x	3	África do Sul
Serra Leoa	2	x	2	Tunísia
Cabo Verde	2	x	1	G. Equatorial
Gâmbia	0	x	3	C. Marfim
Marrocos	2	x	1	Tanzânia
Zâmbia	4	x	0	Lesoto
Gabão	0	x	0	Congo
Uganda	1	x	0	Libéria
Angola	1	x	1	Senegal
Níger	0	x	1	Burkina Faso
Zimbabue	2	x	4	Egipto
G. Conacri	6	x	1	Moçambique
Benin	1	x	3	Argélia
Mali	1	x	1	Ruanda
Togo	2	x	0	Camarões

Classificações após a 4ª jornada

Grupo A		Grupo F	
1ª	Etiópia 10	1ª	Nigéria 8
2ª	África do Sul 8	2ª	Malawi 6
3ª	R.C. Africana 3	3ª	Namíbia 4
4ª	Botswana 1(-4)	4ª	Quénia 2
Grupo B		Grupo G	
1ª	Tunísia 10	1ª	Egipto 12
2ª	Serra Leoa 5	2ª	Guiné 7
3ª	G. Equatorial 4	3ª	Moçambique 2
4ª	Cabo Verde 3	4ª	Zimbabue 1
Grupo C		Grupo H	
1ª	C. Marfim 10	1ª	Argélia 9
2ª	Tanzânia 6	2ª	Mali 7
3ª	Marrocos 5	3ª	Benin 4
4ª	Gâmbia 1	4ª	Ruanda 2
Grupo D		Grupo I	
1ª	Zâmbia 10	1ª	Líbia 6
2ª	Gana 9	2ª	Camarões 6
3ª	Lesoto 2	3ª	RD Congo 5
4ª	Sudão 1	4ª	Togo 4
Grupo E		Grupo J	
1ª	Congo 10	1ª	Senegal 6
2ª	Burkina Faso 6	2ª	Uganda 5
3ª	Gabão 4	3ª	Angola 4
4ª	Níger 3	4ª	Libéria 4

Contrariamente ao Mundial 2010, onde o anfitrião era um país africano, o nosso continente será representado no Brasil 2014 por apenas cinco países.

Ténis: Nadal supera interrupções, atropela Ferrer e conquista 8º título em Paris

Nem mesmo um manifestante seminu que invadiu a quadra com um sinalizador vermelho e a obstinação de David Ferrer foram capazes de deter um irrepreensível Rafael Nadal, que conquistou no domingo (9) o seu oitavo título no Aberto da França em ténis, um recorde, com um vitória fácil por 3 sets a zero: 6-3, 6-2 e 6-3.

Texto: Agências • Foto: spn.com

O rei da terra batida foi apanhado de surpresa no sexto jogo do segundo set quando um homem com uma máscara branca saltou as arquibancadas com um sinalizador e invadiu a quadra em direcção a ele, antes que pudesse ser detido pelos seguranças. Foi a segunda interrupção em poucos minutos, logo depois de um homem e uma mulher exibirem cartazes com os dizeres "A França não respeita os direitos das crianças" no sector superior das arquibancadas – elas também foram levados para fora da quadra Philippe Chatrier.

Em quadra, Nadal mostrou que nenhum oponente é rival em Roland Garros, e transformou-se no primeiro atleta a vencer um mesmo Grand Slam oito vezes desde a Era Aberta do ténis (1968), festejando um recorde de 59 vitórias e apenas uma derrota nas quadras de saibro do Aberto da França.

"Eu nunca sonhei com isso, de ter essa supremacia (oito títulos)", disse Nadal, terceiro cabeça-de-série do torneio, que retornou ao circuito em Fevereiro depois de sete meses afastado para recuperar de uma lesão



no joelho, e que recebeu a Taça dos Mosqueteiros, nome do troféu dado ao campeão do Torneio Aberto da França, das mãos do campeão olímpico Usain Bolt.

Ferrer lutou, mas não evitou a derrota. O vice-campeão saiu aplaudido pelos 15 mil adeptos presentes e embolsou um cheque de 750 mil euros. "Durante estas duas semanas, eu joguei um ótimo ténis. Mas eu gostaria de lembrar que Nadal merece, ele é o melhor", disse Ferrer no seu discurso após o jogo.

Os tristes incidentes do segundo set ofuscaram, momentaneamente, o brilho de Nadal, incansável na busca pelo oitavo troféu, mas surpreendeu também a incomum temperatura de Paris para esta época do ano: apenas 16 graus Celsius. O clima húmido e nublado que recebeu os jogadores na quadra Philippe Chatrier não era aquele que Nadal esperava, mas o espa-

nhol não demorou a arrancar e facilmente dominar o compatriota, exactamente como nos últimos 16 duelos em terra batida entre eles.

Mesmo tendo sido quebrado uma vez no primeiro set, Nadal impôs o seu jogo e venceu a primeira parcial por 6-3. No segundo, inspirado por Bolt, que assistia à partida nas tribunas, o campeão fez o 3-1 com rapidez. Ferrer, no entanto, chegou a assustar com quatro break points – nenhum convertido –, mas não resistiu a um rally de 29 trocas de bola, no qual o rei da terra batida foi soberano e manteve a vantagem.

Mas quando os winners de Nadal pareciam "voar", os manifestantes entraram em acção e esfriaram o jogo. Na final de 2009, entre Federer e o sueco Soderling, um homem tentou invadir a quadra para tentar enfiar um chapéu no tenista suíço, sem sucesso. Neste domingo, no entanto, nada pôde parar Nadal, que chegou ao oitavo título com mais um ator-doante winner de forehand.



Literatura de Mia Couto é reverenciada pelo Prêmio Camões

Escrito por: **Thiana Biondo**

Os 30 anos de carreira do escritor Mia Couto, 57 anos, foram reconhecidos pela 25ª edição do **Prêmio Camões** de Literatura. A escolha do nome dele foi feita na cidade do Rio de Janeiro, na última segunda-feira, dia 27, concedendo a recompensa no valor de **100 mil euros** a ele. **Autor de 23 livros** entre romances, poemas e crônicas traduzidos para 22 idiomas, Mia tornou-se o segundo moçambicano a ganhar o prêmio, ao lado do poeta José Craveirinha que foi o vencedor em 1991.

A estreia de Mia na literatura aconteceu em 1983, com o livro de poesias *Raiz de Orvalho*. O primeiro romance veio com *Terra Sonâmbula* (1992), considerado um dos doze melhores livros africanos do século XX. A obra expõe a história dos moçambicanos, após o processo de colonização, descolonização e **independência política** adquirida em 1975, como analisa o aluno do curso de letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pedro Puro Sasse da Silva, no blog **sociedade dos poetas amigos** :

“ Já nas histórias de Kindzu encontramos inicialmente as previsões de seu pai sobre a independência do país fatos que poucos conheciam. Essa marginalização dos processos políticos do país revela que mesmo com os ditos revolucionários atos de descolonização, a vida do povo não mudou em nada, para eles, ser explorado por um branco ou por um negro em pouco mudava sua vida. Saindo de uma guerra para uma seguida entrada em outra o povo apesar de desconhecer as motivações, sabiam bem como defini-la, assim dizia Taímo: “A guerra é uma cobra que usa os nossos próprios dentes para nos morder.”(...)”

Percebemos, então, através dessa análise, que *Terra Sonâmbula* é um vivo retrato do povo moçambicano, uma descrição histórica de como a guerra acontece por trás da perspectiva da capital. Um povo que vive na dualidade de um passado rico em mitos e crenças, com um presente duro e cruel.

Sobre o livro de contos intitulado *Cada Homem é Uma Raça* (1990), o pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Identidades e Relações Interétnicas da Universidade Federal de Santa Catarina, do Brasil, Willian Conceição comenta no **blog** dele:

“ Entre os mortos e vivos. O colonial e o independente. Entre raças? Cada homem é uma raça, possui algo que é próprio, todos com seus conflitos, vivenciado de formas específicas. “A pessoa é uma humanidade individual. Cada homem é uma raça, senhor polícia” [Aspas internas de Mia Couto].”



Foto: Luis Miguel Martins/ CC-BY-SA-3.0/ via Wikimedia Commons

Sobre a visão **política de Mia**, uma das tônicas é a independência de Moçambique do colonialismo português. No prefácio do livro de crônicas

Cronicando (1988) mencionado no site galego **Sermos Galiza**, parte de quem é o homem Mia pode ser percebido:

“ Os intelectuais europeus olharam-no, ao conhecê-lo, com surpresa: era um jovem apesar de ter nome feminino (Mia), era um branco (cabelos louros, olhos claros) apesar de ser africano”, escreve Fernando Dacosta no prefácio de *Cronicando*, para explicar a posição do escritor no mundo, que responde à própria origem do gênero humano, “desobedecer aos mapas e desinventar bússolas, sua vocação é a de desordenar paisagens”, diz o escritor.

Crítica ao conceito de Lusofonia

Liliane Lobo do blog dos alunos do curso de gêneros jornalísticos do curso de Ciências da Comunicação e da Cultura da Universidade Lusófona, em Lisboa, **escreveu** sobre o estilo literário de Mia Couto:

“ A sua escrita apela o lado mais “natural” das coisas, explorando a ligação humana à terra, à natureza. As suas obras têm levado a língua portuguesa além fronteiras, enaltecendo sempre a sua estreita ligação com as tradições e cultura africanas. Mia Couto rejeita a ideia que a lusofonia seja um sentido singular, considera que existem várias lusofonias.

Em uma apresentação na cidade portuguesa de Figueira da Foz, ano passado, Mia refletiu sobre o conceito de lusofonia, ao responder pergunta da plateia, como mostra vídeo abaixo:



Ele afirma que:

“ (...) [A] certa pressa em proclamar a lusofonia assim como o nome dessa família(...) Agora há uma reação inversa que foi criada porque é preciso perceber que Moçambique tem outras línguas (...) que são suas, que são línguas maternas, que a maior parte dos moçambicanos não falam português no seu cotidiano, falam outras línguas e tem com essas línguas essa relação de amor que nós todos temos com a língua materna(...)

Nascido em 5 de julho de 1955, na cidade de Beira, filho de portugueses, Mia Couto foi batizado como **António Emílio Leite Couto**. Em 1971, ele passou a viver em Lourenço Marques, hoje Maputo, capital do Moçambique. Deixando os estudos de medicina de lado, ingressou na carreira jornalística em 1974, tendo contribuído para jornais como *A Tribuna*, *Tempo* e *Notícias e Agência de Informação de Moçambique* (AIM). Em 1985, Mia voltou para a faculdade para graduar-se em Biologia na Universidade Eduardo Mondlane, onde ensina atualmente.

“Partilho o prêmio com a gente anónima de Moçambique”

Depois de receber o prêmio das mãos dos Presidentes de Portugal e do Brasil, Cavaco Silva e Dilma Rousseff, respectivamente, o escritor Mia Couto disse partilhá-lo com a gente anónima de Moçambique e tomou-o como uma celebração do que está por fazer para que a família da língua portuguesa seja mais viva e verdadeira.

“Os prêmios não se dedicam: partilham-se. Partilho este momento com a gente anónima de Moçambique, essa multidão que fabrica a nação viva e sonhadora que venho celebrando há mais de trinta anos. Parte dos moçambicanos que, junto comigo, assinam os meus livros não sabe escrever. Muitos não falam sequer português. Mas guardam no seu quotidiano uma dimensão mágica e poética do mundo que ilumina a minha escrita e encanta a minha existência. Toda esta nação de gente tão diversa faz-se aqui representar pelo embaixador de Moçambique, o meu compatriota Jacob Jeremias Nyambir, a quem eu também saúdo como companheiro da luta pela independência nacional”.

O escritor não deixou também de agradecer ao pai, Fernando Couto, falecido este ano, que, segundo ele, foi quem o ensinou a escrever. “Foi ele que me ensinou não apenas a escrever poemas, mas a viver em poesia. Este prêmio pertence a esse sentimento do mundo que ele me legou como uma sombra que resta mesmo depois de tombar a última árvore”.

Eis alguns trechos do discurso, feito no Palácio de Queluz, em Lisboa, Portugal:

“Esta cerimónia poderia também ocorrer na Ilha de Moçambique onde Luís Vaz de Camões viveu durante dois anos. Ali o poeta morou pobre, desamparado e sem amigos. Ali, em solo moçambicano, o poeta fez a última revisão dos *Lusíadas*. Dois anos é muito tempo para alguém que apenas sabia viver em paixão.

Talvez ali tivesse encontrado amores, desses que ele dizia ‘fazerem do amador a coisa amada’. Pode ser que, nas praias do Índico, vivam hoje moçambicanos que trazem, no seu sangue, o sangue do poeta português. Pode ser, enfim, que outras imortalidades, mais mortais e mundanas, se juntem ao nome de Luís Vaz de Camões. Nunca o saberemos, como não saberemos nunca as mil possíveis leituras do nosso destino comum.

Não fosse a intervenção de um amigo, que curiosamente se chamava Couto, talvez Camões tivesse ficado para sempre naquele exílio africano. Foi Diogo Couto que lhe pagou a passagem de regresso a Lisboa. Não tivesse sido assim e aconteceria com ele aquilo que, séculos depois, sucedeu com o poeta luso-brasileiro, António Thomaz Gonzaga que viveu, amou e ficou sepultado na mesma Ilha de Moçambique. Não fosse uma fugaz casualidade de uma visita não prevista de um amigo e poderíamos não ter hoje a grande obra épica lusitana. (Faço um parêntese, para uma confissão: esta exaltação de um improvável parente meu, destina-se apenas a puxar lustro ao clã dos Coutos, num mundo em que ter família conta tanto quanto nos tempos de Camões.)

Os *Lusíadas* não teriam igualmente sobrevivido se tivessem suscitado um parecer desfavorável da censura da Inquisição que estava acima da decisão do Rei de Portugal. O Censor do Santo Ofício licenciou a edição do livro mas ainda teve algumas reservas por causa da referência que o poeta fazia aos deuses da chamada gente pagã. Mas o censor acabou por ceder pela razão que passo a citar: ‘fica, porém, sempre salva a verdade da nossa santa fé, pois que todos os deuses dos gentios são demónios’.

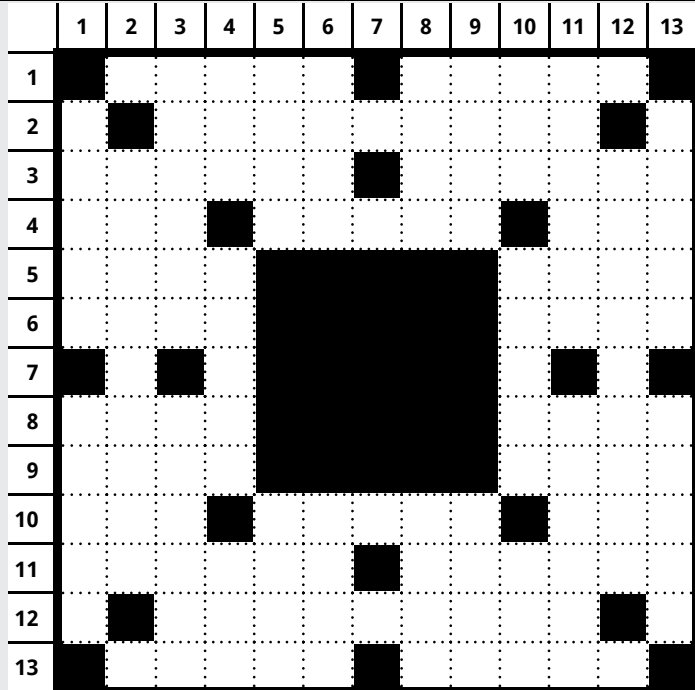
Estamos longe desses tempos. Mas não sei se estamos assim tão afastados dos desconhecimentos, preconceitos e medos sobre os outros e sobre os deuses em que esses outros se sonham. Não temos a censura da Inquisição, mas temos outras censuras sem nome que nos patrulham o pensamento e nos domesticam a ousadia da mudança. Essa mudança que Camões tanto cantou como sendo a substância da vida e do tempo.

Falei da Ilha de Moçambique enquanto metáfora da constelação de nações que falam português, mas que não são faladas, de igual maneira, por esse mesmo idioma. Esqueçemo-nos, por vezes, que estas nações integram povos que falam outras línguas e que vivem outras culturas e outros deuses. Somos, enfim, produto de uma História que se fez só por metade. Da narrativa do nosso passado faltam a voz e o rosto dos que, afastados da escrita, não puderam registar outras versões dos nossos encontros e desencontros. Talvez os escritores de hoje possam resgatar as vozes que ficaram esquecidas e ocultas.

Todos sabemos o quanto está ainda por cumprir o vaticínio que o poeta Jorge de Sena atribuiu a Luís de Camões: ‘que da ilha rasgada pela História uma ilha única se fizesse, sem separação de miséria e luxo, onde todos, de igual modo, pudessem na felicidade fazer morada’.

Pensamos que um prêmio serve para celebrar o que já fizemos. Prefiro pensar que se trata de celebrar o que ainda falta fazer. E o quanto nos compete realizar a todos nós para que seja mais viva e mais verdadeira esta família que celebramos na nossa língua comum”.

ENTRETENIMENTO - PALAVRAS CRUZADAS



VERTICAIS

- 1 - Torcida; na parte posterior.
- 2 - Andar por.
- 3 - Venerar; inveja (pl.).
- 4 - Duas vezes; ramalhetes; além.
- 5 - Corte a casaca a alguém; garantia de pagamento duma letra.
- 6 - Unes; extremidade.
- 8 - Atraíçoei; intuito.
- 9 - Nome de árvore; fazer voar.
- 10 - Fezes; distintivo; época.
- 11 - Pesquisais; acariciar.
- 12 - Que se aplica a vários casos (fem.).
- 13 - Sementes de cereais, afia.

HORIZONTALIS

- 1 - Guindaste; falso brilho.
- 2 - Emprego de correntes de alta amperagem e baixa tensão, que produzem calor no interior do organismo.
- 3 - Desafio; abaixar.
- 4 - Observar; Verão; oração

feita pelos mouros quando se vão deitar.

5 - Encolerizar-se; narração dos tempos fabulosos ou heróicos.

6 - Amarelo pálido; indivíduos de grande valor e notoriedade.

8 - Porção duma curva;

morada.

- 9 - Voz imitativa do ruído de coisa que se parte, especialmente de vidros; parente por afinidade.
- 10 - Criminoso; na parte superior; parentesco.
- 11 - Fabricava; ilegítimo.
- 12 - Organizara.
- 13 - Lugar de refúgio; mentira.

PARECE MENTIRA...



A música alegre faz aumentar a produção de leite das vacas. Chegou a ser hábito em certos países pôr junto destes animais, quando se fosse ordenhá-los, um aparelho a tocar animadamente para se obter melhor colheita.

No centro de Vertud, entre São Salvador e a Guatemala, existe uma fonte chamada "mina de sangue", que ejecta um líquido vermelho que coagula como sangue.

Uma carta endereçada a "DEUS Roma" enviada por uma pessoa de Liptan-Boémia, em 1926, foi devolvida com a indicação "Destinatário desconhecido".

SAIBA QUE...



A memória, segundo os psicólogos que ultimamente se têm dedicado aturadamente ao estudo dos fenómenos que a constituem, é o processo de armazenagem de cenas e acontecimentos no nosso cérebro, comparável a uma gravação.

Quanto mais tempo determinada impressão tiver para penetrar no cérebro, sem distrações, mais firmemente ficará a "gravação" na memória. Prova deste facto é o que se passa quando recebemos uma pancada na cabeça. Muitas vezes, em tal caso, esquecemos o que se passou imediatamente antes e logo depois da pancada, conservando-se pura a memória de acontecimentos passados. O choque, ao que parece, apaga as memórias mais recentes antes de terem tido tempo de se "gravar" profundamente. Verificou-se, também, e já com experiências práticas sobre animais, que a memória é uma função de todo o cérebro e não só dos lóbulos frontais, como se supunha.

RIR É SAÚDE



Dois amigos encontram-se depois de muito tempo sem se verem. Um deles, o Mabui, estava um tanto cabisbaixo, o que despertou a curiosidade do companheiro de velhas paródias, de nome Sassekka, que lhe pergunta:

- Mas então o que se passa contigo?

- Tive uma desilusão amorosa. Fui traído e logo pelo meu melhor amigo. Vamos beber uns copos a ver se eu afogo as mágoas - desabafa o Mabui.

- E se elas souberem nadar? - brinca o Sassekka, sem nunca perder o espírito, tentando animar o desditoso.

Dizia um velho solteirão, vendo-se ao espelho:

- Meu Deus! Como o tempo passa! Dantes, quando eu me penteava, passava o pente pelos cabelos; agora são os cabelos que passam pelo pente.

HORÓSCOPO - Previsão de 14.06 a 20.06



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: Nos aspetos relacionados com dinheiro, o melhor que tem a fazer será evitar as despesas supérfluas, para não ter problemas mais complicados.

Sentimental: Não será uma semana muito favorável para os relacionamentos amorosos. Será aconselhável deixar passar este período para novas iniciativas; por agora, mantenha-se na expectativa.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: Alguns problemas e preocupações, de ordem financeira, ensombrarão este período. Seja objetivo, proceda a uma análise de eventuais situações que lhe possam criar dificuldades.

Sentimental: Este será um aspeto que, aparentemente, parece correr bem; no entanto, será recomendável que veja "mais fundo". O ciúme poderá levantar algumas dificuldades de entendimento.



gêmeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: Algumas dificuldades e despesas, inesperadas, poderão criar situações que, se não forem geridas com inteligência, haverá a possibilidade de terem consequências, irreparáveis.

Sentimental: A sua insatisfação interior, a falta de realização dos seus objetivos e os seus pensamentos ocultos, conduzem-no a uma situação de agressividade; tente serenar o seu espírito, com a prática de autoanálise.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: O dinheiro é um problema, quer se tenha muito ou pouco. Se é muito, queremos mais; se é pouco, temos necessidades que a não serem satisfeitas, nos darão alguma instabilidade. Tudo isto para dizer que se deve contentar com o que tem.

Sentimental: É negativo não querer ver as realidades. Esta será uma altura em que o melhor que tem a fazer será usar o diálogo, como forma de união.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: Use de toda a atenção e cuidado na forma como gasta o seu dinheiro. Os tempos que correm não são os mais favorecidos para despesas, desnecessárias; tenha bem presente este aspeto.

Sentimental: Para que não se veja numa situação de solidão, deverá ter mais atenção com o seu par; poderá ter tudo, ou nada, dependerá, unicamente, de si. Use o diálogo, sereno, para esclarecer, eventuais, dúvidas.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: Este período deverá exigir, de si, um certo cuidado. As suas finanças não estão famosas e existirá uma certa tendência para que as suas despesas sejam superiores às entradas.

Sentimental: Este período não exige, da sua parte, grandes preocupações, basta que olhe para o lado para encontrar o que necessita, em termos sentimentais; no entanto, não pique por excesso de confiança.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: Este aspeto será um forte indicador de mudança, poderá iniciar uma fase de recuperação de capital; de qualquer forma, considerando os tempos que correm deverá, em questões de ordem financeira, lidar com a maior precaução.

Sentimental: Um maior entendimento e mais atenção com o seu par serão o que esta semana recomenda. Para que se possa sentir melhor, consigo próprio, deverá evitar situações de manipulação.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: Embora não se prevejam grandes alterações, deverá acautelar os seus investimentos. Não será uma fase propícia para jogos financeiros. Como é habitual, nestas circunstâncias, seja moderado nos gastos.

Sentimental: Para que correr atrás do que já tem? Choques de personalidade e tentativas de manipulação, poderão estragar, definitivamente, uma relação. Saber escutar é uma virtude que deverá ter bem presente na sua ligação sentimental.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: Evitar despesas, desnecessárias, poderá ser a palavra-chave desta semana. Os astros não o favorecerão muito, neste aspeto. Evite todas as despesas desnecessárias.

Sentimental: Este período irá ter um certo encantamento, em que as situações de "sonho" deverão estar bem presentes. A sua imaginação é fértil, se a souber aproveitar encontrará um "mar de rosas".



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: Apesar de não ser famosa a fase que se atravessa, este será o aspeto em que menos preocupação será exigida de si. Financeiramente, a situação segue de "vento-em-popa"; no entanto, não exagere nas despesas.

Sentimental: Os seus sentimentos amorosos irão exigir, de si, alguma humildade. Deverá ter mais atenção com o seu par e reconhecer os erros de um passado recente.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Este aspeto deverá caracterizar-se por estabilidade. Poderá beneficiar, inclusivamente, de algumas melhorias. Isto não significa que não tenha as precauções que este período recomenda.

Sentimental: Para os que não têm, ainda, par, esta será uma semana bastante favorável. Para os que já têm o seu amor, este será um período do qual se poderá esperar muito. Tudo dependerá de si e da forma como se conduzir.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: Semana em que tudo deverá ser calmo e sem preocupações; no entanto, esta fase não será favorável a nenhuma forma de investimento. Mantenha-se atento e não proceda de forma impulsiva.

Sentimental: Não raciocine nem decida só por si. Pense que o amor será feito a dois, construído com ternura e compreensão; caso contrário, terá uma semana bastante tensa.

Cartoon



ACONTECEU

A verdade em cada palavra.

“ O que mais preocupa não é o grito dos violentos,
nem dos corruptos, nem dos desonestos, nem dos
sem ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons. ”

– Martin Luther King

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

✉ SMS: 90440

📞 WhatsApp: 84 399 8634

📘 /JornalVerdade

✉ Email: averdademz@gmail.com

🌐 @Verdade Online: www.verdade.co.mz



O Jornal mais lido em Moçambique.